

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TURISMO AFETIVO E CONJUGALIDADES EM NATAL:
DESLOCAMENTOS, FAMÍLIA E GÊNERO NA
CONTEMPORANEIDADE

MARIA DAS GRAÇAS LUCENA DE MEDEIROS

JOÃO PESSOA – PB

2009

MARIA DAS GRAÇAS LUCENA DE MEDEIROS

**TURISMO AFETIVO E CONJUGALIDADES EM NATAL:
DESLOCAMENTOS, FAMÍLIA E GÊNERO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jacob Carlos Lima.

JOÃO PESSOA – PB

2009

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Medeiros, Maria das Graças Lucena de.

Turismo afetivo e conjugalidades em Natal: deslocamentos, família e gênero na contemporaneidade / Maria das Graças Lucena de Medeiros. – João Pessoa, PB, 2009.

172 f.

Orientador: Jacob Carlos Lima.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

1. Família – Tese. 2. Conjugalidade – Tese. 3. Gênero – Tese. 4. Migração – Tese. 5. Interculturalidade – Tese. I. Lima, Jacob Carlos. II. Universidade Federal da Paraíba. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 316.356.2(043.2)

MARIA DAS GRAÇAS LUCENA DE MEDEIROS

**TURISMO AFETIVO E CONJUGALIDADES EM NATAL:
DESLOCAMENTOS, FAMÍLIA E GÊNERO NA
CONTEMPORANEIDADE**

TESE APROVADA EM 22/01/2010

Banca Examinadora

Profº Dr. Jacob Carlos Lima (PPGS/UFPB – orientador)

Profa. Dra. Maria do Livramento Clementino (PPGCS/UFRN - membro externo-titular)

Profº Dr. Edmilson Lopes Júnior (PPGCS/UFRN – membro externo-titular)

Profª Dra. Teresa Correia Queiroz (PPGS-UFPB – membro titular)

Prof. Dr. Adriano de Leon (PPGS-UFPB – membro titular)

Prof. Dr. Artur Perucci (PPGS-UFPB) - suplente

(...) Mesmo que se engane, o desenvolvimento natural de sua vida interior há de conduzi-lo devagar, e com o tempo, a outra compreensão. Deixe a seus julgamentos sua própria e silenciosa evolução sem a perturbar; como qualquer progresso, ela deve vir do âmago de seu ser e não pode ser reprimida ou acelerada por coisa alguma. Tudo está em levar a termo e, depois, dar à luz. Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isto é viver artisticamente na compreensão e na criação.

(Rainer Maria Rilke) Cartas a Um Jovem Poeta

A QUEM DEDICO ESTA TESE:

A minha mãe EROTILDES (Tidinha), parceira do meu projeto de vida. Pela cumplicidade, determinação, carinho, lealdade e confiança que me transfere! Se constitui no meu primeiro, amado e inesquecível “espelho sociológico”. Prometo, mãe querida, buscar sempre luz nos seus ensinamentos! Que do infinito, seu amor continue a me prover destas asas, para que eu prossiga buscando fios luminosos caminhantes ainda a percorrer.

Ao meu pai, OTÁVIO, que ousou trocar o patrimônio material pelo cultural, tecendo com maestria, fio a fio, para que eu “FILHA-PRIMEIRA-MULHER” enfrentasse as barreiras, vencesse os obstáculos e voasse do ninho nascente para o mundo. MEU ADMIRADOR MAIOR! Nunca deixarei de enfrentar nenhum desafio colocado pela vida, graças à herança de sua firmeza, bravura e coragem de “Sertanejo”: ACONCHEGO, CARINHO, E ESPÍRITO DE SUPERAÇÃO!

AGRADECIMENTOS

Ao meu Professor, Dr. Jacob Carlos Lima, pela sua competência, ética, força, e determinação na orientação deste trabalho.

Um agradecimento especial ao meu Professor FRANCISCO DE ASSIS MARTINS, através de quem homenageio todos os Professores e Professoras que contribuíram para o erguimento do meu alicerce do saber. Como ninguém ele soube me oferecer, na dose certa (nem mais, nem menos), a quantidade de desafio que sempre me põe em movimento.

À Professora Lourdes Bandeira, por ter me acolhido e encorajado nessa jornada.

A UFRN, pelo apoio.

A UFPB, por ter me recebido de volta. Em Campina Grande, iniciei a minha vida acadêmica.

Aos funcionários(as) do PPGS-UFPB - João Pessoa

Homenageio, com carinho e gratidão, o meu irmão MAINÁ, pela força na caminhada lado a lado comigo desde o início de minha vida estudantil.

À MAÉVIA, pelo estímulo, apoio, e que na minha infância administrava o consumo de lápis e cadernos.

À Fátima – um ombro amigo.

À Laurice, pela força que me transmite com suas palavras.

A todos (as) informantes.

Aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Os processos socioeconômicos e tecnológicos que se aprofundaram a partir dos anos 70 do século XX afetaram as instituições sociais, como o casamento e a família. A fragmentação, a efemeridade e o caótico, embora sempre tenham sido característicos da experiência moderna, aumentaram violentamente de intensidade num contexto mundial que se tornaria globalizado. Neste estudo, desvenda-se um lado dos efeitos do Turismo Afetivo que explicita a reconstituição de arranjos familiares afetivos entre homens estrangeiros e mulheres brasileiras, diferenciando-se do Turismo Sexual, que compreende brasileiras atraídas pelas promessas de casamento ou ofertas de emprego de visitantes internacionais na Europa. A análise de resultados referente à relação entre conjugalidade e mudança social bem como a que diz respeito às dinâmicas, trajetórias, formas de conjugalidade e ao gênero, constituem outros núcleos problemáticos abordados na investigação. Trabalha-se com a hipótese de que as relações afetivo-conjugais interculturais entre estrangeiros e brasileiras abrangem desde a busca “harmoniosa e concreta do casal”, que compreende a opção por uma relação estável com pessoa de cultura diferente, até a alteração de contextos familiares, considerando as implicações culturais, políticas e de papéis nas relações de gênero. O trabalho de campo baseou-se em entrevistas qualitativas com homens estrangeiros e mulheres brasileiras, que reconstituíram arranjos familiares, residentes no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Natal. Conclui-se que o homem europeu passou a ter preconceito em relação à emancipação da mulher europeia. A “frieza sexual” das europeias, o “calor sexual da brasileira”, a aversão das europeias em assumir o papel feminino de dona de casa é interpretado como um dado absoluto nas falas dos informantes estrangeiros, configurando a questão da sexualidade, divisão sexual do trabalho e dominação cultural.

Palavras-Chave: Família - Conjugalidade – Gênero – Migração – Interculturalidade

ABSTRACT

The socioeconomic and technological processes that you/they were deepened starting from the seventies of the century XX, they affected the social institutions, as the marriage and the family. The fragmentation, the efemeridade and the chaotic, although they have always been characteristic of the modern experience, they increased violently of intensity in a world context that would become globalizado. In this study a side of the effects of the Tourism Affectionate that explicit the rebuilding of affectionate family arrangements is unmasked between foreign men and Brazilian women, differing of the Sexual Tourism, that he/she understands Brazilian atraídas for the marriage promises or offers of international visitors' job in Europe. The analysis of results regarding the relationship between conjugalidade and social change as well as the one that concerns the dynamics, paths, conjugalidade forms and to the gender, they constitute other problematic nuclei approached in the investigation. One works with the hypothesis, that, the relationships affectionate-matrimonial interculturais among foreigners and Brazilian, it includes from the couple's "harmonious and concrete search, that he/she understands the choice for a stable relationship with person of different culture, until the alteration of family contexts, considering the cultural implications, politics and of papers in the gender relationships. The field work based on qualitative interviews with foreign men and Brazilian women, that you/they reconstituted family arrangements, residents in Rio Grande do Norte, more precisely in Natal. It is ended that the European man passed to have prejudice in relation to the European woman's emancipation. The "sexual frigidit" of the Europeans, the sexual "heat of the Brazilian", the aversion of the Europeans in assuming the feminine paper of lady-of-house is interpreted as an absolute die in the speeches of the foreign informers, configuring the subject of the sexuality, sexual division of the work and cultural dominance.

Word-key: Family - Conjugalidade - Gender - Migration - Interculturalidade

RESUMEN

Los procesos socio-económicos y tecnológicos que se ahondaron los you/they empezando de los años setenta del siglo XX, ellos afectaron las instituciones sociales, como el matrimonio y la familia. La fragmentación, el efemeridade y el caótico, aunque ellos siempre han sido característicos de la experiencia moderna, ellos aumentaron violentamente de intensidad en un contexto mundial que se volvería los globalizado. En este estudio un lado de los efectos del Turismo Afectuoso ese explícito la reconstrucción de arreglos familiares afectuosos se desenmascara entre los hombres extranjeros y las mujeres brasileñas, mientras difiriendo del Turismo Sexual, que el he/she entiende el atraídas brasileño para las promesas políticas u ofertas del trabajo de visitantes internacionales en Europa. El análisis de resultados con respecto a la relación entre el conjugalidade y el cambio social así como el uno que las preocupaciones la dinámica, los caminos, el conjugalidade forma y al género, ellos constituyen otros núcleos problemáticos se acercados en la investigación. Uno trabaja con la hipótesis que, las relaciones el interculturais afectuoso-matrimonial entre los extranjeros y brasileño, incluye de la búsqueda "armoniosa y concreta de la pareja, ese he/she entiende la opción para una relación estable con la persona de cultura diferente, hasta la alteración de contextos familiares, considerado las implicaciones culturales, la política y de papeles en las relaciones del género. El trabajo del campo basó en las entrevistas cualitativas con los hombres extranjeros y las mujeres brasileñas, que los you/they reconstituyeron los arreglos familiares, los residentes en Río Grande hacen Norte, más precisamente en Natal. Ha acabado que el hombre europeo pasó para tener el prejuicio respecto a la emancipación de la mujer europea. La frialdad" "sexual de los europeos, el calor sexual del brasileño", se interpreta la aversión de los europeos asumiendo el papel femenino de señora-de-casa como un dado absoluto en los discursos de los denunciantes extranjeros, mientras configurando el asunto de la sexualidad, la división sexual del trabajo y dominación cultural.

Palabra-importante: Familia - Conjugalidade - Género - Interculturalidade - Migración

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	– CASAMENTOS DE ESTRANGEIROS COM BRASILEIRAS NO RN E EM NATAL, ENTRE 2003 E 2007	29
GRÁFICO 02	– ORIGEM DAS MULHERES NO BRASIL	39
GRÁFICO 03	– IDADE DAS MULHERES ENTREVISTADAS	40
GRÁFICO 04	– ESCOLARIDADE E PROFISSÃO DAS MULHERES ENTREVISTADAS	41
GRÁFICO 05	– ESTADO CIVIL DAS MULHERES ENTREVISTADAS	41
GRÁFICO 06	– ORIGEM GEOGRÁFICA DOS HOMENS ENTREVISTADOS	43
GRÁFICO 07	– IDADE DOS HOMENS ENTREVISTADOS	44
GRÁFICO 08	– PROFISSÃO DOS HOMENS ENTREVISTADOS	45
GRÁFICO 09	– ÍNDICE DE RE-CASAMENTOS	46
GRÁFICO 10	– SITUAÇÃO JURÍDICA DOS ESTRANGEIROS ENTREVISTADOS NO BRASIL ANTES DO RELACIONAMENTO.....	47
GRÁFICO 11	– TEMPO DE RELACIONAMENTO COM CÔNJUGE BRASILEIRA....	48
GRÁFICO 12	– FLUXO TURÍSTICO GLOBAL DA GRANDE NATAL/RN – 1991/1999	57
GRÁFICO 13	– O QUE ELES PROCURAM NAS MULHERES BRASILEIRAS	74
GRÁFICO 14	– O QUE ELES DESEJAM	75

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – FLUXO TURÍSTICO EM NATAL ENTRE 2001 E 2007, EM NÚMEROS E PORCENTAGENS.....	28
QUADRO 02 – FLUXO TURÍSTICO NO RIO GRANDE DO NORTE ENTRE 2001 E 2007, EM NÚMEROS E PORCENTAGENS.....	28
QUADRO 03 – PERFIL DAS ENTREVISTADAS.....	39
QUADRO 04 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	43
QUADRO 05 – COMPARATIVO DE INDICADORES TURÍSTICOS, 1995/2000	58
QUADRO 06 – INVESTIMENTOS DO PRODETUR I – RIO GRANDE DO NORTE.....	58
QUADRO 07 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VOOS DOMÉSTICOS PARA NATAL.	60
QUADRO 08 – POUSOS E DECOLAGENS MENSAS EM VOOS INTERNACIONAIS, 1999-2002	61
QUADRO 09 – EMBARQUE E DESEMBARQUE DE PASSAGEIROS DOMÉSTICOS E INTERNACIONAIS POR TIPO DE VOO, AEROPORTO INTERNACIONAL AUGUSTO SEVERO, 1999-2002	62
QUADRO 10 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS PARA NATAL NOS ANOS DE 1999 A 2002.....	63
QUADRO 11 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS QUE UTILIZARAM A REDE HOTELEIRA NO PERÍODO DE 1999 A 2002, EM NATAL	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – A PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO	27
1.1 ANÁLISE DO UNIVERSO DE ESTUDO.....	37
1.2 PERFIL DAS MULHERES ENTREVISTADAS	39
1.3 PERFIL DOS HOMENS ENTREVISTADOS	42
CAPÍTULO II – TURISMO EM NATAL: TURISMO AFETIVO, TURISMO SEXUAL E RELAÇÕES SOCIAIS DESIGUAIS NO CONTEXTO GLOBALIZADO	49
2.1 CASAIS BINACIONAIS ENQUANTO SUJEITOS DE FLUXOS MIGRATÓRIOS NO NORDESTE.....	51
2.2 O DISCURSO OFICIAL SOBRE TURISMO NO BRASIL	54
2.3 NATAL ENTRE AS CIDADES TURÍSTICAS DO NORDESTE	60
2.4 TURISMO AFETIVO, TURISMO SEXUAL E AS ALTERAÇÕES NA FAMÍLIA.....	65
CAPÍTULO III – QUE MULHERES? QUAL BRASIL?	69
3.1 MÚLTIPLAS E POSSÍVEIS FORMULAÇÕES DE IDENTIDADES: A QUESTÃO IDENTITÁRIA E O PESO CULTURAL ENTRE CASAIS TRANSNACIONAIS	71
3.2 CONSTRUTOS CULTURAIS NO ENCONTRO COM O OUTRO	72
3.3 AS FALAS: DO “ESTADO DE NATUREZA” PARA O “ESTADO DE CULTURA” ..	77
3.4 A IMPORTÂNCIA DA NACIONALIDADE.....	82
3.5 PARADOXOS DA CONDIÇÃO TRANSNACIONAL NOS RELACIONAMENTOS ..	87

CAPÍTULO IV – CONJUGALIDADES EM MUDANÇA:	
(CON)VIVÊNCIA NOS NOVOS TEMPOS.....	96
4.1 NOVAS (VELHAS) FORMAS DE CONJUGALIDADE.....	97
4.2 PAPÉIS E RELAÇÃO DE PODER NOS CASAMENTOS INTERCULTURAIS	100
4.2.1 Intercruzamento nos fluxos matrimoniais: etnicidade, gênero e migração	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as formas de sociabilidade amorosas vigentes na contemporaneidade, com foco na conjugalidade entre casais binacionais. Sua finalidade foi investigar as relações afetivo-conjugais entre homens estrangeiros residentes no Brasil, que aqui constituíram novos arranjos familiares e mantêm uma convivência conjugal afetiva por mais de dois anos com mulheres brasileiras, sob o mesmo teto ou não. Teve como referência contextual o crescimento do Turismo Sexual e do Turismo Afetivo por homens estrangeiros – europeus principalmente – no nordeste brasileiro nas últimas décadas. O recorte espacial, para a investigação, foi a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

A reflexão sobre a vida de mulheres e homens traz à tona a necessidade da análise do fato de que os seres humanos são singulares e vivem situações relacionais, tendo por base a construção social das diferenças. As relações de gênero (masculino e feminino) se embasam em confronto de poderes entre a vida pública e privada, resultando em vivências hierarquizadas entre os dois sexos, em que a mulher ocupa uma posição inferior. A sexualidade, a afetividade e a conjugalidade, historicamente foram (e em certa medida ainda são) vivenciadas com repressão e desconhecimento, privilegiando os homens em detrimento das mulheres, pois abrangem também diferenças entre as culturas. A questão da transformação da intimidade, visualizada nas relações afetivo-sexuais dos indivíduos, com a autonomia da mulher sobre seu corpo e sua sexualidade, faz parte das mudanças que se fizeram notar mais fortemente na sociedade brasileira a partir dos anos 70, com a chegada da pílula anticoncepcional e sob o impulso dos movimentos de mulheres e feminista.

Tais situações interferem na construção da identidade, nos direitos reprodutivos, na sexualidade, na anticoncepção, na maternidade, e na posição que ocupa cada indivíduo na

família, principalmente as mulheres. O casamento é considerado um terreno no qual, particularmente, estouram tensões que, lidas como associadas a diferenças culturais, se originam nas desigualdades permeando esses relacionamentos. Trata-se de dificuldades com os parceiros e suas famílias e relacionadas também, no caso dos casais binacionais, com a condição de migrantes em um novo contexto.

O interesse por esse tema se deve à observação de que os estrangeiros residentes em Natal, principalmente portugueses, espanhóis e italianos, expressavam espontaneamente um grande descontentamento com os relacionamentos que tinham com mulheres e cônjuges de seus países de origem. Relacionou-se essa insatisfação com a vinda desses estrangeiros em busca de um turismo afetivo e sexual, isto é, de relações que envolvem uma modalidade específica do turismo internacional em cidades litorâneas brasileiras. O que se refere a um estilo de turismo sexual, heterossexual, denominado por alguns como “turismo sexual de classe média” (PISCITELLI, 2002), através do qual visitantes de diversas nacionalidades se relacionam afetivamente e sexualmente com mulheres locais.

Como objetivos específicos, buscou-se verificar se o fenômeno dos relacionamentos entre estrangeiros e brasileiras se constitui em elemento da mudança da conjugalidade; e em que medida esses relacionamentos são produtores de integração e diálogo intercultural ou amplificadores de estereótipos e preconceitos.

A dinâmica das relações sexuais e amorosas estabelecidas no contexto do turismo globalizado ainda desconsidera o chamado “turismo afetivo”. Isto porque a maior parte dos estudos tendo como referência a problemática do turismo sexual mostra que esse campo de discussão é recente. Por sua vez, o turismo sexual, considerado resultado de uma série de relações sociais desiguais, incluindo relações entre Norte e Sul, capital e trabalho, homens e mulheres, produção e reprodução, não pode ser reduzido à mera expressão

simultânea de racismo e sexismo. (TRUONG, 1990; PISCITELLI, 2002 e 2003; GIRONA, 2007; SEGATO, 2008; XAVIER, 2007; HEILBOURN, 1999; DEBIAGGI, 1996).

É impossível negar que um processo de "destradicalização" (HEELAS, 1996), aqui entendido como superação ou ultrapassagem de valores que "tradicionalmente" orientavam o comportamento pessoal e social, esteja em curso na sociedade brasileira. Um dos focos onde se pode claramente identificar transformações neste sentido é, segundo Heilborn (2004), a transformação nas identidades e culturas de gênero: parcerias homo (gays e lésbicas) e heteroeróticas, acrescidas de novos desafios tais como pactos de "abertura" nos relacionamentos, casamentos não formais ou com algum ritual de passagem particular e idiossincrático, moradias separadas etc.; também modelos de famílias "descasadas", na ausência da figura do "pai provedor", a mulher sendo "cabeça da família" (se casando ou não novamente) ou na situação em que o pai assume o cuidado em tempo integral dos filhos; e ainda em muitas outras alternativas em gestação.

Percebe-se que a instituição "família" no Brasil perdeu bastante de sua força para tornar normativos os comportamentos afetivos e sexuais de suas filhas e filhos. Fatores macrosociais (particularmente articulados à noção moderna de indivíduo) contribuíram para tornar possível tal realidade: o primeiro é de ordem macroestrutural-econômica e refere-se às transformações no próprio sistema capitalista que, através da expansão de seu mercado, terminou por incorporar todos à dinâmica do trabalho (na força produtiva do trabalho assalariado). Seja por adaptação funcional ou mesmo pela confluência variada de estímulos múltiplos, este sistema colocou fim à "servidão feminina", incorporando a massa das mulheres, estrategicamente, ao trabalho remunerado.

O segundo fator articula-se ao movimento que teve sua origem na França e Inglaterra, tendo recebido maior força nos EUA, disseminando-se também no Brasil. Trata-se

da luta pelos "direitos civis" e pelas minorias (direito à vida, igualdade, liberdade, propriedade, segurança, por exemplo, independentemente de cor, sexo, credo religioso etc.).

O terceiro fator é proveniente do movimento crescente e contínuo de individualização das mulheres (via feminismo e grupos de conscientização de mulheres), concomitante com seu maior acesso ao mercado de trabalho e à escolarização.

O quarto é consequência dessa pressão, tendo em vista as transformações oriundas de contatos interculturais em nível global e consequentes dificuldades nos relacionamentos, que coexistem com outras já "tradicionais" em qualquer relacionamento (problemas econômicos, de comunicação e afetividade entre parceiros, de convivência, prazer sexual etc.), e que ainda redundam em nostalgia pelo retorno à estabilidade "perdida"; mas também apontam, inapelavelmente, para o processo acelerado e já em andamento de uma sociedade brasileira que se reconstrói e busca explorar alternativas para a experiência do outro por intermédio de reinvenções criativas do vínculo amoroso. Nestas reinvenções, o que está em jogo não é apenas o exercício da intimidade e da privacidade dos(as) parceiros(as); em nossa época globalizada, vai também compor este cenário um exercício moral e de cidadania: é através da permanência e da estabilidade do vínculo amoroso que se torna possível criar e manter sentimentos de pertencimento e alocação em redes sociais, especificamente as de gênero.

Os processos socioeconômicos e tecnológicos que se aprofundaram e difundiram desde os anos 70 do século XX, afetaram radicalmente as instituições sociais, entre as quais o casamento e a família. A fragmentação, a efemeridade e o fluxo caótico, embora sempre tenham sido característicos da experiência moderna, aumentaram violentamente de intensidade num contexto mundial que se tornaria globalizado. Para Harvey (2000, p. 67), estaríamos diante de um novo round da "compressão de espaço/tempo", isto é, dos "processos que revolucionam a tal ponto as qualidades objetivas de espaço e tempo que às vezes somos

obrigados a alterar, de forma bastante radical, o modo como representamos o mundo para nós mesmos". Uma das consequências dessa nova condição histórica seria o domínio da experiência psíquica e das linguagens culturais por categorias de espaço e não de tempo. Essa situação dificultaria a atuação do sujeito ao longo do espectro temporal e a organização de seu futuro e seu passado numa experiência coerente. O sincrônico passou a predominar sobre o diacrônico na vida cotidiana. A historicidade enfraqueceu-se, tanto na relação dos sujeitos com a história pública como nas novas formas de temporalidade privada. Isso produziria uma fragmentação muito maior, inclusive na identidade e na vida privada. Nosso aparelho sensorial não mais acompanha o hiperespaço em que vivemos. O corpo humano individual não consegue se localizar, organizar perceptivamente e mapear cognitivamente sua posição num mundo externo. Os indivíduos tampouco conseguem mapear a enorme rede comunicacional descentralizada, global e multinacional na qual estão envolvidos. A cultura contemporânea estaria ligada a essa nova "falta de profundidade", um novo tipo de superficialidade na cultura da imagem, do simulacro, do significante.

Para Harvey (2000), essas transformações na organização socioeconômica e cultural, que atingiram boa parte do mundo contemporâneo, ajudariam a explicar por que as pessoas passaram a se descartar com muito mais facilidade não apenas dos bens, mas também de valores, estilos de vida, relações estáveis e ligação com as coisas, construções, lugares, pessoas e modos herdados de fazer e ser: o sentido de que "tudo o que é sólido se desmancha no ar", raramente teria sido tão penetrante.

Numa época em que o espaço foi aniquilado pelo tempo e em que o tempo individual foi igualmente aniquilado pelo trânsito incessante pelos diversos espaços cotidianos, quando o curto prazo sobrepõe-se ao longo prazo e o sincrônico ao diacrônico, essas características marcam a experiência social e penetram os discursos e práticas de casamento, conjugalidade e família.

A incerteza e a instabilidade aumentaram na dinâmica da organização social, econômica e cultural do capitalismo recente, radicalizando, mas, com isso, também modificando algumas das condições da modernidade. Certamente, a identidade de homens e mulheres não ficou imune a essas mudanças. A fragmentação contemporânea tornou-se uma característica, atravessando a cultura e a identidade e agora mais centrada em torno do lazer, na aparência, na imagem e no consumo. As identidades estão cada vez mais deixando de ser fixas, referidas a funções públicas masculinas ou privadas femininas, ou seja, referidas aos papéis sexuais correspondentes ao período do capitalismo clássico e da família conjugal moderna.

A identidade moderna envolvia escolhas fundamentais, profissão, identificações políticas, família, modelos de conjugalidade, que definiam de uma forma mais rígida quem era o sujeito. Hoje, à medida que as fronteiras entre papéis tornaram-se muito fluidas, a identidade de homens e mulheres também se tornou mais flexível e aberta à mudança. A redefinição de espaços e fronteiras, bem como a permanente reorientação de projetos, são levados ao extremo sob as condições históricas contemporâneas e isso vem afetando o modo das pessoas se relacionarem entre si, nas várias esferas de sociabilidade, de afetividade e de conjugalidade.

No Brasil, não se sabe ao certo quantos são os casais "binacionais", como são chamados pela Justiça, mas sempre existiram e estão crescendo desde o advento da internet. Ainda, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representam um contingente suficiente para gerar a discussão de um novo projeto de lei para a entrada e permanência de estrangeiros no país. A formação destes casais e as consequências jurídicas decorrentes destes arranjos familiares constituem também um foco de atenção para os estudiosos de migração.

Ao lado deste aspecto jurídico-normativo, a composição destes casais revela o modo pelo qual ser mulher e brasileira constitui um elemento simbólico que, do ponto de vista das brasileiras, agrega valor às suas identidades frente a mulheres de outras nacionalidades. Contudo, do ponto de vista dos estrangeiros, a visão mais frequente é de mulher latina, sem distinção de uma nacionalidade específica. Ser brasileira é interpretado pelos estrangeiros como sinal de sexualidade exacerbada, de um lado, e de uma mulher tradicional, de outro. A condição de gênero como fator de exclusão e/ou vulnerabilidade no contexto migratório, leva a discussões sobre gênero e imigração que despertam, além de curiosidade, algumas inquietudes. Talvez porque os estudos neste domínio não forneçam as respostas qualitativas esperadas. Como não poderia ser abordada a complexidade das relações entre gênero e imigração, a opção do recorte de unidade de análise para esta tese centrou-se na tentativa de compreender os fluxos matrimoniais transnacionais – conceito que se procurará discutir mais adiante – e a sua ligação entre gênero (feminino e masculino), nacionalidades (brasileiras e estrangeiras) e conjugalidade.

Assim, tal escolha inclui a análise da conjugalidade entre homens estrangeiros e mulheres brasileiras, como também se estende à percepção da conjugalidade, na medida em que se inclui as uniões de fato (consensuais) na análise aqui proposta.

A própria concepção dos fluxos matrimoniais transnacionais que se aborda aqui, é de certa forma limitada aos casamentos e arranjos entre estrangeiros e nativas, excluindo outras formas de relacionamento, como por exemplo, o de pessoas da mesma nacionalidade que se encontram em contextos transnacionais. Entretanto, a escolha e a tentativa de compreender os fluxos matrimoniais entre brasileiras e estrangeiros (dentre os quais principalmente portugueses) justifica-se pela própria percepção da importância desses relacionamentos binacionais, principalmente no contexto estudado (Natal, na primeira década

do século XXI), conforme mostra recente artigo publicado (Diário de Natal, 16.08.2009, p. 16):

A presença de estrangeiros com vida feita e fixa em Natal é cada vez mais comum. O "casamento" com a cidade acontece, geralmente, durante um namoro de férias. Eles chegam como quem não quer nada, se apresentam como turistas, jogam aquela conversa e acabam, simplesmente, se apaixonando. Assim, como um amor para vida toda mesmo. Alguns gringos que fazem a linha mais 'conservadora', defendem a tranquilidade da cidade como principal atrativo. Outros vão direto ao ponto e assumem que a beleza das praias é de cair o queixo (...) Hoje, dá para dizer que o Rio Grande do Norte fisgou o coração de 6.091 estrangeiros. Os números são do Departamento de Migração da Polícia Federal e representam a quantidade de gringos com residência fixa ou que possuem visto temporário, mas moram no RN. Uma pesquisa junto à PF mostra que há estrangeiros para todos os gostos morando no Estado. E das nacionalidades mais distintas possíveis. Uma lista divulgada pela PF aponta a presença de cidadãos de 19 países. Os campeões são os portugueses, com 928 imigrantes. Na sequência aparecem os italianos (775), espanhóis (507), norte-americanos (439) e argentinos (349).

Não são só os fluxos migratórios que atraem a atenção da mídia. O impacto dos discursos midiáticos em relação ao fenômeno dos casamentos transnacionais entre brasileiras e estrangeiros é traduzido de forma preconceituosa em relação a um contexto de Turismo Sexual. Jornais e revistas têm um papel relevante nos processos de construção e de contaminação das representações e autorrepresentações sociais da identidade dos imigrantes, contribuindo, simultaneamente, para a fixação de estereótipos discriminatórios e para a visibilidade da diferença cultural (PISCITELLI, 2004).

Dessa forma, procurou-se compreender o fenômeno dos relacionamentos binacionais entre estrangeiros e brasileiras para além de uma visão estatística, considerando-o como elemento da mudança da percepção da conjugalidade, bem como das suas consequências na organização social, analisando a condição de gênero como fator de vulnerabilidade e/ou exclusão no contexto migratório, a avaliação dos efeitos das

representações sobre os informantes estrangeiros nos seus direitos civis e na autorrepresentação que fazem de si próprios e sua mediação com a sociedade brasileira.

Defende-se a tese de que os laços de conjugalidade oriundos de relacionamentos binacionais funcionam em duas perspectivas: como produtores de integração e diálogo intercultural e amplificadores de estereótipos e preconceitos.

Deve-se considerar ainda que, tendo em vista o contexto de encontro, a maior ou menor fragilidade do relacionamento ligada à situação de estrangeiro, busca-se entender em que medida os relacionamentos binacionais repetem ou reativam relações mantidas no passado (família, amigos, outros relacionamentos, etc.), as dimensões estratégicas, afetivas e sexuais (dos imigrantes e das nativas), e se tais relações podem ser funcionais como fonte de autorização para os estrangeiros fixarem residência ou permanecerem no Brasil.

Importa definir e explicitar a forma como se definiu o conceito de conjugalidade. Fala-se aqui de conjugalidade enquanto processo e relação social e não, obviamente, na perspectiva jurídica. É exatamente para marcar bem essa distinção entre o social e o jurídico que se utiliza o conceito de conjugalidade e não a noção de casamento. Claro que ao longo do texto se vai por vezes permutando, aqui e ali, o uso de um ou do outro termo, para evitar excesso de repetição. Mas sempre na abordagem teórica dos temas houve o cuidado de preferir o conceito de conjugalidade.

Quanto a conteúdos substantivos do que se entende por conjugalidade, optou-se pela formulação de um conceito sistêmico, como acontece com a maior parte dos conceitos a que se confere centralidade num modelo de análise.

Em primeiro lugar, a conjugalidade inscreve-se em relações e trajetórias sociais e de gênero. Isto é, ela ocorre num dado momento do percurso pessoal de um significativo conjunto de indivíduos, percurso esse social, cultural e ideologicamente marcado de forma diferenciada, de acordo com a classe social a que pertence. Mas também com o gênero, já que

as codificações sobre o que se considera ser o comportamento adequado para os dois sexos os condicionam de forma diferenciada.

A conjugalidade contribui, no plano existencial, para importantes esferas de produção de sentido e está igualmente associada à identidade pessoal e social, como tem recentemente sido sublinhado por Giddens (1991). Através da relação com o outro, constrói-se uma maneira de ver o mundo e de se ver enquanto indivíduo. Outro aspecto de conceituar a conjugalidade diz respeito à afetividade, em sentido amplo, nela ocupando lugar de destaque a vertente amorosa da relação e a concretização da sexualidade. A esta dimensão só recentemente se tem prestado mais atenção no domínio da Sociologia da Família. Com efeito, a preocupação em demarcar o estudo sociológico do casamento de perspectivas psicológicas e de uma lógica centrada nos indivíduos contribuiu para que durante muitos anos, no domínio da Sociologia da Família, os sentimentos e as emoções não fossem considerados uma mola impulsora suficientemente poderosa da ação, nem contassem analiticamente como motivo suficiente para justificar as uniões conjugais.

Kellerhals (1982) foi um dos primeiros a propor que a escolha sentimental e amorosa se faria precisamente através da partilha dos códigos sociais. Salienta no seu texto que da mesma forma que numa relação iniciada numa lógica de interesse poderia surgir a afetividade, também seria possível que uma relação na qual prevalece a lógica romântica seja alimentada, igualmente, pela proximidade social e de interesses entre os cônjuges. Singly (1987), ao criticar os limites da teoria da homogamia, sublinha igualmente a existência dos motivos amorosos e sentimentais na escolha do cônjuge. Giddens (1991), por seu turno, admite que nas sociedades de modernidade tardia as determinações sociais cada vez perdem mais peso na conjugalidade, tendendo a afirmar-se a relação autorreferenciada e o amor confluyente. Como dimensão do conceito de conjugalidade, a vertente afetiva inclui e transcende o sentimento amoroso e a sexualidade. Torna-se importante identificar

especificamente esta dimensão envolvida na conjugalidade e distingui-la da dimensão amorosa, porque se verifica que, precisamente, maternidade, paternidade, relação conjugal e amorosa envolvem sentimentos em jogo na conjugalidade que entram, por vezes, em “concorrência” no decurso do casamento.

Foi essa perspectiva que norteou a pesquisa de campo e motivou a inclusão de perguntas no roteiro de entrevista referindo-se a aspectos relacionados com os sentimentos em relação ao cônjuge, às mudanças que o nascimento dos filhos tinham representado na vida do casal e outras vertentes emocionais e afetivas da vida conjugal, bem como às definições, pelos próprios entrevistados, do que consideravam ser as fronteiras da relação conjugal no plano do sentimento amoroso e da sexualidade, atração por outras pessoas e relações extraconjugais, constituição de novos relacionamentos, sexualidade em relação às uniões anteriores, dentre outros fatores. Ao evidenciar as convergências e divergências dos discursos e relatos referentes à história de vida e às múltiplas dimensões da vida conjugal e também paralelas a ela, procurou-se refletir até que ponto as relações amorosas tornaram-se contextuais e pontuais e ocorreu o enfraquecimento ou mesmo a recusa dos laços de intimidade. O chamado amor romântico não mais constitui prerrogativa obrigatória da construção de identidades subjetivas, ainda que permeie o imaginário social. Essas transformações são mais visíveis nos segmentos mais intelectualizados das camadas médias, nas quais os indivíduos se consideram livres para uma escolha amorosa entre iguais.

No primeiro capítulo, **A PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO**, parte-se em busca dos sujeitos da pesquisa. Informa-se sobre o percurso da investigação realizada. São trazidas informações relativas ao perfil dos respondentes bem como relatos dos entrevistados interpretados na perspectiva de gênero, matriz importante que influencia as representações dos indivíduos, recuperando as mudanças e permanências dos valores relativos ao envolvimento amoroso, à interculturalidade e à migração. Revelam-se nas falas atitudes

face aos relacionamentos transnacionais, incluindo amigos e família, como também às pessoas mais distantes, objetivando perceber se esses relacionamentos promoviam uma maior integração dos imigrantes ou se eram atualizadores de estereótipos, estigmas e preconceitos.

No capítulo II, **TURISMO EM NATAL: TURISMO AFETIVO, TURISMO SEXUAL E RELAÇÕES SOCIAIS DESIGUAIS NO CONTEXTO GLOBALIZADO**, se faz uma releitura do turismo como fator importante (mas não exclusivo) de migração dos estrangeiros que compõem os casais binacionais ora estudados. Antes de se debruçar sobre isto, apresenta-se o contexto em que se desenvolve hoje o turismo em cidades litorâneas do Nordeste, mais precisamente em Natal (Rio Grande do Norte). São abordados e conceituados temas polêmicos tais como turismo sexual, turismo afetivo, bem como as relações entre migração, turismo e gênero nos casamentos de brasileiras com estrangeiros em Natal, dentro da transversalidade de interculturalidade, conjugalidade, gênero, etnicidade e migração.

No Capítulo III, **QUE MULHERES? QUAL BRASIL?**, aborda-se a interculturalidade nos casamentos binacionais, as diferenças e similaridades existentes, focando a questão identitária e as configurações de gênero. Na mesma linha discursiva, analisá-se a dominação cultural e etnicidade, imbricados com sexualidade, migração e turismo. De maneira mais específica, explicam-se as múltiplas e possíveis formulações de identidade, tendo por referência as falas que mostram diferentes problemáticas envolvendo o cotidiano dos casais de nacionalidades diferentes.

No quarto capítulo deste estudo, **CONJUGALIDADES EM MUDANÇA: (CON)VIVÊNCIA NOS NOVOS TEMPOS**, discutem-se as visões de alguns autores sobre tensões dialéticas que atravessam a modernidade ocidental na atualidade, o tema da globalização voltado para as dimensões sociais, políticas e culturais, com reflexos nos relacionamentos pessoais, no amor e na intimidade, através do avanço das tecnologias, bem como as disposições da contemporaneidade e seus desdobramentos. Mostram-se as falas dos

informantes com percepções sobre a dinâmica construtiva dos relacionamentos binacionais, focando especialmente a conjugalidade e as mudanças na família.

CAPÍTULO I

A PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresenta elementos teórico-metodológicos do estudo realizado sobre casais binacionais em Natal. Numa abordagem qualitativa, utilizam-se várias técnicas como: revisão bibliográfica, pesquisa documental e coleta de informações através de entrevistas qualitativas semiestruturadas.

Num primeiro momento, a revisão bibliográfica sobre o tema em análise permitiu objetivar um conhecimento mais rigoroso e aprofundado sobre o objeto de estudo. Nesse sentido, averiguou-se que os estudos sobre relacionamentos transnacionais ou binacionais são visivelmente escassos no Brasil. Os resultados dessa revisão bibliográfica são expostos nos diversos capítulos da presente tese, sem se privilegiar um capítulo específico a esse respeito, tamanha a importância dos subsídios na argumentação como um todo.

No tocante à pesquisa documental, foram buscados microdados e estatísticas disponíveis e publicadas pelas principais instituições nacionais.

O setor de imigração da Polícia Federal (DPF/RN) e o Setor de Imigração do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) não disponibilizaram dados quantitativos sobre o estado civil (situação conjugal) dos estrangeiros em trânsito ou radicados no estado. No entanto, buscou-se averiguar até que ponto o fluxo de turistas estrangeiros em Natal e no Rio Grande do Norte podia justificar a presença crescente em Natal de casais binacionais. Os microdados foram coletados junto à Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte

(SETUR) e mostram, inequivocadamente, o crescente fluxo de turistas brasileiros e estrangeiros que procuram o estado do RN na busca de diferentes formas de turismo, sendo o turismo de “sol e mar” a principal modalidade e intensa a frequência de turistas nas praias do litoral norte-rio-grandense.

Dados recentes e atualizados (SETUR, 2009) são apresentados nos quadros 01 e 02 a seguir. Mostram a ampliação dos fluxos turísticos em Natal e no RN, em relação à década anterior e a confirmação de Natal como destinação turística nacional e internacional.

QUADRO 01 – FLUXO TURÍSTICO EM NATAL ENTRE 2001 E 2007, EM NÚMEROS E PORCENTAGENS

ANOS	NATAL					
	BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		TOTAL	
	FLUXO	%	FLUXO	%	FLUXO	%
2001	985.095	90,45	104.015	9,55	1.089.110	100,00
2002	882.227	88,25	117.467	11,75	999.694	100,00
2003	837.911	83,23	168.855	16,77	1.006.766	100,00
2004	975.296	81,13	226.915	18,87	1.202.211	100,00
2005	1.086.016	80,11	269.664	19,89	1.355.680	100,00
2006	1.147.221	83,54	226.012	16,46	1.373.233	100,00
2007	1.155.009	85,48	196.118	14,52	1.351.127	100,00

Fonte: SETUR-RN

QUADRO 02 – FLUXO TURÍSTICO NO RIO GRANDE DO NORTE ENTRE 2001 E 2007, EM NÚMEROS E PORCENTAGENS

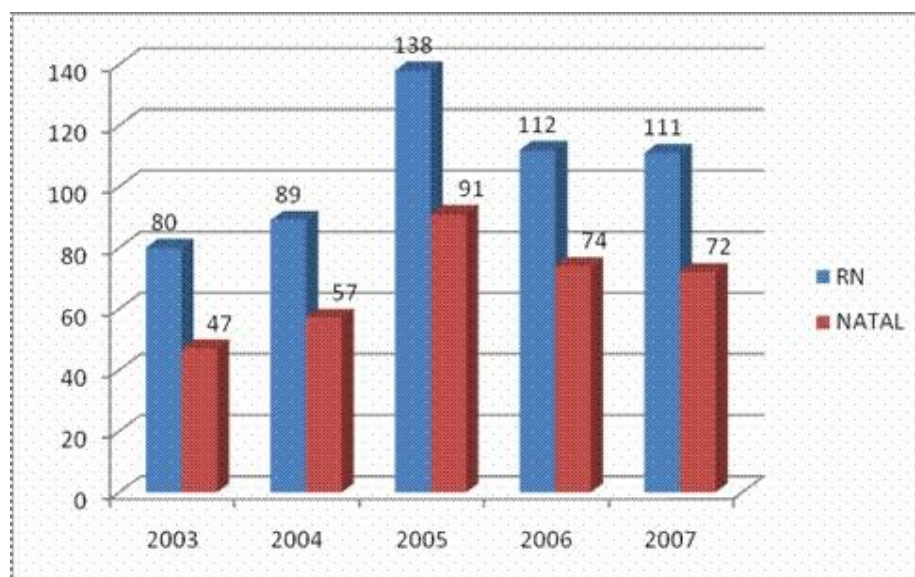
ANOS	RIO GRANDE DO NORTE					
	BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		TOTAL	
	FLUXO	%	FLUXO	%	FLUXO	%
2001	1.294.715	91,20	124.906	8,80	1.419.621	100,00
2002	1.276.769	89,67	147.117	10,33	1.423.886	100,00
2003	1.245.830	85,82	205.793	14,18	1.451.623	100,00
2004	1.501.071	84,17	282.270	15,83	1.783.341	100,00
2005	1.737.511	83,47	344.183	16,53	2.081.694	100,00
2006	1.887.718	86,32	299.162	13,68	2.186.880	100,00
2007	1.923.974	88,26	255.951	11,74	2.179.925	100,00

Fonte: SETUR-RN

Nestes quadros, passou-se de 1.419.621 turistas em 2001 para 2.179.925 turistas em 2007, sendo um incremento de 53,5% no estado no período analisado. Natal recebeu, no mesmo período, um incremento de 24% de turistas. Dentre eles, os estrangeiros, que representavam 8,80% do fluxo turístico em 2001 (com 124.906 turistas), passaram a representar 16,53% desse fluxo em 2005 (com 344.183 turistas) e 2007 (com 255.951 turistas).

Outro dado interessante complementa a argumentação em relação ao aumento do número de relacionamentos transnacionais no estado e em Natal. Esse dado foi levantado no decorrer da investigação e diz respeito ao número de casamentos de estrangeiros com brasileiras no RN e em Natal, entre 2003 e 2007 e registrados em cartórios. O gráfico abaixo demonstra que se trata de uma tendência crescente, com pico em 2005, ano durante o qual o fluxo turístico no estado foi intenso, dado também visível nos quadros anteriores.

GRÁFICO 01 – CASAMENTOS DE ESTRANGEIROS COM BRASILEIRAS NO RN E EM NATAL, ENTRE 2003 E 2007



FONTES: IBGE; Cartório de Registro de Nascimento e Casamento – Natal/RN

Entretanto, cabe ressaltar a subnotificação desses laços afetivos e conjugais, já que nem todos os relacionamentos entre estrangeiros e brasileiras terminam sendo registrados em cartórios, mas os dados apresentados reforçam a importância do fenômeno em apreço, a saber, a presença de laços de conjugalidade entre estrangeiros e brasileiras no estado. Importante se faz notar que dentre os sujeitos pesquisados, que vivem em situação conjugal estável há mais de dois anos pelo menos, nem todos estão efetivamente casados ou têm seus relacionamentos registrados em cartórios.

Foi essa perspectiva que motivou a escolha do instrumento de pesquisa e o uso de entrevista, já que se buscava identificar diversos aspectos relacionados com os sentimentos em relação ao cônjuge, as mudanças que o nascimento dos filhos tinham representado na vida do casal e outras vertentes emocionais e afetivas da vida conjugal, bem como às definições, pelos próprios entrevistados, do que consideravam ser as fronteiras da relação conjugal, no plano do sentimento amoroso e da sexualidade, atração por outras pessoas e relações extraconjugais, reconstituição de novos relacionamentos, sexualidade em relação às uniões anteriores etc.

Operacionalizou-se esta dimensão do conceito através de um conjunto de perguntas contidas no roteiro de entrevista, visando estabelecer as convergências e divergências do discurso e do relato referentes à mesma situação, referenciando a história de vida na primeira pessoa entrevistada, com questões precisas sobre o antes e o depois do casamento, em múltiplas dimensões da vida conjugal e também paralelas a ela, incitando à reflexão sobre si próprio e sobre o outro, no contexto conjugal e fora dele.

Cabe ressaltar que as relações amorosas tornaram-se contextuais e pontuais e ocorre o enfraquecimento ou mesmo a recusa dos laços de intimidade. O chamado amor romântico não mais constitui prerrogativa obrigatória da construção de identidades subjetivas, ainda que permeie o imaginário social. Essas transformações são mais visíveis nos segmentos

mais intelectualizados das camadas médias, em que os indivíduos se consideram livres para uma escolha amorosa entre iguais.

No contexto das entrevistas, foram coletados dados para identificar o perfil dos interlocutores e seus cônjuges no tocante à faixa etária, rendimentos, escolaridade, ocupação, estado civil e tipo do relacionamento. No que se refere aos estrangeiros, tal instrumento possibilitou ainda reconhecer o percurso migratório, recolhendo dados como o tempo de permanência no Brasil, a situação legal e a origem (contextualização geográfica).

Portanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com casais que mantêm relacionamentos transnacionais através de algum tipo de arranjo familiar. Buscou-se reunir informações sobre a forma como os casais se conheceram, a sua aproximação, a questão da mobilidade e da viagem como facilitador desses encontros, considerações sobre nacionalidade, gênero (ser homem ou mulher) e etnicidade (cor da pele, visões do mundo e hábitos de consumo) enquanto categorias que interferem no relacionamento das pessoas, tanto numa visão geral como no caso específico.

As atitudes face aos relacionamentos transnacionais também foram levantadas, incluindo amigos, família e também pessoas mais distantes, objetivando perceber se esses relacionamentos promoviam uma maior integração dos imigrantes ou se eram reforçadores de estereótipos, estigmas e preconceitos.

No contexto das falas, buscou-se recuperar histórias da vida afetiva dos informantes, adequada aos propósitos da investigação, por permitir desvendar, através dos depoimentos, os processos de mudança e transformação das relações afetivo-sexuais nos últimos trinta anos.

O grupo estudado pertence ao segmento das camadas médias urbanas com uma identidade cultural específica, que o diferencia da classe média mais abrangente. Os contornos socioculturais do grupo obedecem a critérios tais como educação, profissão, consumo de bens

culturais e universo simbólico, que se referem a comportamentos, visão de mundo e estilos de vida.

Ademais, reconhece-se a dificuldade de trabalhar com os segmentos das camadas médias, por serem eles muito heterogêneos. Portanto, para definição desses estratos sociais, não foi utilizado somente o critério socioeconômico, mas também os já citados determinantes socioculturais. Considerando a diversidade interna das camadas médias, quando se deseja analisar o estilo de vida de indivíduos pertencentes a esses segmentos, pode-se afirmar que elas são compostas por segmentos sociais cuja delimitação torna-se útil para a construção de categorias voltadas para recortes empíricos. Assim, esse estilo de vida depende não só do montante de renda auferido pelos sujeitos, mas, sobretudo, da mediação de elementos simbólicos, implicando uma associação entre recursos materiais e culturais.

Bourdieu (1989), ao estudar a articulação entre os domínios material e cultural que tocam aos indivíduos, privilegia a noção de estilo de vida definido por ele como:

Um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados. (1989, p. 105).

Em conformidade com tal interpretação, práticas e propriedades de cada segmento social expressam um estilo de vida, oriundo de seu capital econômico e de outros capitais adquiridos pelos sujeitos e transformados em *habitus*, enquanto “sistema de disposições duráveis e transponíveis” e princípio unificador e gerador de todas as práticas, entre as quais se inserem também as práticas afetivas (BOURDIEU, 1989).

Como aqui o interesse é captar as concepções do imaginário e as transformações de comportamento diante de questões afetivas, considerou-se importante que fossem

escolhidos, para as entrevistas, indivíduos de gerações diferentes que, contudo, partilhem o mesmo universo simbólico. Essa abordagem permitiu ter uma visão linear no tempo, apreendendo a noção de processo e de mudanças ocorridas no período dos últimos trinta anos. Do mesmo modo, foi utilizado um recorte de pessoas preferencialmente nascidas entre 1940 e 1975, para contemplar as gerações e o tempo que a investigação abrange, ou seja, os últimos trinta anos, período em que as transformações da sociedade foram mais visíveis; no entanto, esse recorte não foi usado de forma muito rígida, visando não engessar a pesquisa, uma vez que, para muitos indivíduos, a idade é um atributo relativo.

Foram objeto de análise mulheres e homens, casados ou não, de nacionalidades diferentes, sendo entrevistados(as) um cônjuge de cada casal, 30 informantes no total. Privilegiou-se sujeitos oriundos de casais pertencentes a grupos domésticos de classe média, envolvidos numa relação conjugal estável com um mínimo de 02 anos de convivência, com nível superior de instrução, renda familiar mensal acima de 10 SM (salários mínimos) e dentro da faixa etária adulta (26 a 65 anos).

A definição do universo das camadas médias supõe o reconhecimento de algumas dificuldades de ordem teórica, pelo fato de se estar lidando com uma denominação bastante genérica. Velho (1981) já tem apontado, ao longo de seus estudos, a coexistência de códigos culturais múltiplos, ou múltiplas realidades que se identificam no interior das chamadas camadas médias. A própria literatura antropológica tem discutido exaustivamente a descontinuidade e pluralidade de visões de mundo e estilos de vida existentes nas camadas médias urbanas (HEILBORN, 1995; SALEM, 1980, ARAÚJO, 1994). Não obstante tal pluralidade, Goldani (1994) se refere ao surgimento de um modelo de “família classe média urbana”, que emerge em oposição ao modelo de família tradicional.

Caracterizou-se o universo a ser trabalhado com base em alguns fios condutores de cunho sociológico (como renda, educação, inserção profissional, etc.). Nunes (1978,

aponta como auxílio para definição de camada média a noção de autorrepresentação, bastante utilizada pela Antropologia. Nessa noção, estão considerados tanto o universo simbólico do sujeito quanto a posição social que este ocupa na estrutura social. Considera-se, para a definição de camadas médias, a autorrepresentação desses segmentos, alguns aspectos simbólicos como *ethos* e visão de mundo, aliados aos critérios socioeconômicos de renda, educação e inserção profissional, mas não reduzidos mecanicamente a eles.

Dado o caráter polêmico do conceito de camadas médias, concorda-se com Bourdieu, quando assim se posiciona:

[...] uma classe ou fração de classe é definida não somente por sua posição na relação de produção, mas pode ser medida através de indicadores como a profissão, os rendimentos ou mesmo o nível de instrução, mas também por uma relação de sexo, uma distribuição determinada no espaço geográfico e por um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências tácitas podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão social. (1989, p. 76)

Os estudos que mencionamos têm em comum o desenvolvimento da ideia de que valores “modernos” e “modernizantes” predominam nas camadas médias urbanas, em contraposição à permanência de valores hierárquicos nas camadas populares. Entre as camadas médias, o individualismo é avaliado como um valor que orienta os atores sociais. Este conceito vem calcado nas noções de projeto de vida, de pluralidade de escolhas e de reconhecimento de idiossincrasias na família. Entre as camadas populares, prevalecem os valores da família, como um conjunto integrado, e do parentesco, calcados em relações de solidariedade e vizinhança (SALEM, 1980).

As entrevistas foram realizadas em Natal, com homens e mulheres entrevistados separadamente. Os contatos com os(as) entrevistados(as) foram realizados mediante estratégia “bola de neve”, abordagem que envolve pessoas conhecedoras dos pré-requisitos da seleção dos entrevistados e que se dispuseram a indicar amigos, conhecidos ou parentes. Desta forma,

os(as) entrevistados(as) contatados tiveram um conhecimento prévio do tema da pesquisa. Houve algumas recusas: umas mais diretas e outra menos, como, por exemplo, deixar de comparecer por várias vezes aos encontros marcados, ou alegar falta de tempo para entrevista. Foram percebidas essas recusas como inerentes ao processo da pesquisa, principalmente por tratar-se de um tema que envolvia a intimidade e a privacidade das pessoas e uma exposição da vida pessoal para sujeito estranho.

Cada entrevista durou em média duas horas. O roteiro incluía várias dimensões da vida dos(as) entrevistados(as), sua condição biográfica, sua família de origem, infância e casamento, até chegar ao momento atual, em que já estavam com filhos adolescentes e adultos, vivenciando novas relações afetivas e familiares no contexto de um novo quadro conjugal.

Foi estabelecido um roteiro inicial (a maior parte das vezes ampliado) visualizando os itens: conjugalidade; sexualidade; o trabalho doméstico; o trabalho profissional; filhos(as); casamento formal e informal; constituição familiar atual e interculturalidade. Os temas foram também intercambiáveis, ou seja, ao falar da visão da sexualidade dos jovens, os(as) entrevistados(as) acabavam remetendo-se à sua própria experiência e a de seus filhos. No entanto, houve dois momentos bastante distintos na entrevista: a primeira parte era mais “biográfica”, a segunda mais geral, e a ponte entre a vida e a visão de mundo do(a) informante acabou sendo feita na articulação entre uma visão mais interior e particularizada e outra mais exterior e geral. Aqui se abre um confronto de diferentes estilos de vida e formas de representações culturais que interferem diretamente na autorrepresentação do sujeito ou nas representações sociais sobre estes, formulando identificações que serão praticadas tanto em relação aos imigrantes quanto à sociedade de acolhimento, o que Barth (1969), descreveu como “a construção social das diferenças culturais”.

Algumas pessoas se expuseram mais do que outras nas entrevistas. Muitas afirmaram uma sensação de desabafo e alívio, como se tivessem passado por uma sessão terapêutica. Para aqueles(as) que abriram sem reticências a sua intimidade pessoal, não deixou de ser uma análise da sua vida, na qual, pela fala, apareciam muitos elementos sobre os quais não haviam pensado. Às vezes, os(as) informantes surpreendiam-se com suas próprias narrativas e soltavam frases como “olha, eu nunca tinha pensado nisso antes!” ou, “agora, falando isso, eu consegui entender melhor!”. Essas foram as entrevistas mais produtivas, nas quais sentia-se um processo crescente de entrega na fala. As pessoas desprendiam-se de algumas barreiras para viver esse processo intenso de exposição das histórias pessoais, em torno do qual se escreveu, interpretou-se e reescreveram-se suas vidas familiares.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Dentre essas trinta pessoas, pode-se falar de algumas características e valores que foram recorrentes nos discursos desses entrevistados referentes às famílias constituídas. Não é possível fazer generalizações, partindo desse universo restrito pesquisado, mas sim recuperar algumas dimensões subjetivas, presentes no próprio discurso dos(as) informantes.

Para contextualizar as histórias amorosas dos entrevistados(as), optou-se por tratá-los(as) como personagens, apresentando-se um perfil de quem são eles e elas, e suas experiências afetivas. No decorrer do estudo, a todos os sujeitos foram atribuídos nomes de fantasia, a fim de se preservar a identidade dos informantes e manter a confidencialidade de seus depoimentos.

1.1. ANÁLISE DO UNIVERSO DE ESTUDO

Uma rápida análise do universo de estudo mostra que ele é constituído por cidadãos estrangeiros, principalmente portugueses e italianos, casados com mulheres brasileiras, sendo os laços amorosos e afetivos tecidos no período compreendido entre 1990 a 2005. Apesar de não ser objeto do estudo o fenômeno migratório em si, averiguou-se que os entrevistados fazem parte de um universo de homens cuja imigração é mais recente, podendo ter como causa do deslocamento estratégias individuais de migração (relacionamento como consequência da migração) ou motivadas pela relação afetiva (causa da mobilidade). É importante salientar que o recorte analítico da unidade de análise é uma opção discutível e deveria ser confrontado com a conjugalidade entre homens brasileiros e mulheres portuguesas.

Assim, os dados apresentados referem-se a 18 homens estrangeiros casados com brasileiras ou em união consensual há mais de 02 anos, e 12 mulheres brasileiras, cônjuges dos homens entrevistados. Das mulheres entrevistadas, 10 residem em Natal e 02 na Praia de Pipa (situada no município de Tibau do Sul, no litoral oriental ao sul de Natal, distante 70 km de Natal). Dos homens entrevistados, 14 residem em Natal, 02 em Pipa (localização já explicitada) e 02 em Parnamirim (município da região metropolitana de Natal).

O perfil sociodemográfico dos entrevistados foi analisado através de dados referentes à contextualização geográfica, idade, escolaridade, atividade de trabalho, motivo da imigração e contexto do contato com o cônjuge. Além disso, foram abordadas questões como: as etapas da construção do relacionamento; o percurso migratório (forma como foram construídas as relações sociais no Brasil); a aceitação das pessoas mais próximas (amigos e família) e de pessoas distantes face à relação; a questão da nacionalidade; a imagem exterior e o gênero como interposição no relacionamento; a percepção de outros relacionamentos

transnacionais e a opinião sobre eles; como também a autoapresentação e a imagem que é percebida da sua nacionalidade, bem como os discursos acerca da nacionalidade da companheira. No que se refere aos homens entrevistados, o fato de terem vivido fora do seu país ou possuírem grande mobilidade (viagens) foi inserido como questão.

Dessa forma, incluem-se temas como a razão pelo qual saíram do país de origem e expectativas em relação à vida no Brasil (afetiva, profissional e social); no caso dos portugueses, a forma como entendem a relação de Brasil e Portugal do ponto de vista cultural; as razões pelas quais os portugueses casam em maior número com mulheres brasileiras e não de outra nacionalidade e os motivos existentes para as mulheres brasileiras casarem-se com cidadãos portugueses também foram abordados.

Não obstante, procurou-se problematizar impressões sobre as diferenças entre as mulheres brasileiras em relação às mulheres portuguesas no que se refere à autonomia e independência, como também a percepção em relação à diferença entre os homens portugueses e os brasileiros. As expectativas dos estrangeiros em relação à vida no Brasil, as dificuldades e vantagens encontradas e a maneira como se definem e são percebidos.

A seguir, optou-se por apresentar sob forma de quadros e tabelas os dados referentes ao perfil dos sujeitos entrevistados, inicialmente quadros e comentários referentes às mulheres e depois referentes aos homens. Apesar desses quadros serem autoexplicativos, foram acompanhados de breves comentários descritivos.

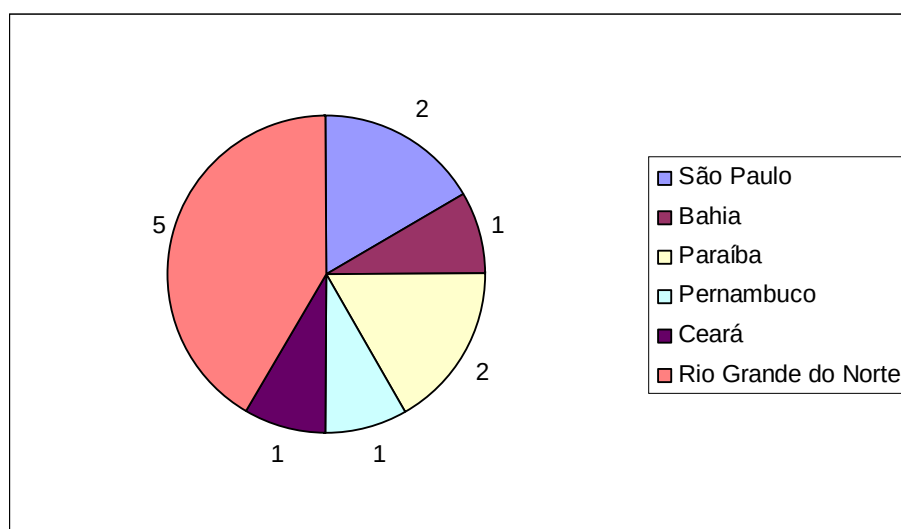
1.2 PERFIL DAS MULHERES ENTREVISTADAS

QUADRO 03 – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

MULHERES				
NOME *	IDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	NATURALIDADE
Cristina	26 anos	Advogada	União consensual	São Paulo
Joana	29 anos	Professora	União consensual	Pernambuco
Ângela Cristina	35 anos	Turismóloga	Solteira	São Paulo
Eunice	35 anos	Professora	Divorciada	Rio Grande do Norte
Júlia	40 anos	Arquiteta	Separada	Ceará
Flávia	42 anos	Administradora	Divorciada	Paraíba
Márcia	43 anos	Engenheira	Casada	Rio Grande do Norte
Lúcia	44 anos	Funcionária Pública	União consensual	São Paulo
Laura	47 anos	Fisioterapeuta	Casada	Rio Grande do Norte
Vera	50 anos	Professora	União consensual	Rio Grande do Norte
Mara	53 anos	Nutricionista	União consensual	Paraíba
Carla	55 anos	Médica	Casada	Rio Grande do Norte

Observação: * Nome de fantasia - Total: 12 mulheres.

FONTE: Dados da pesquisa, 2008/2009.

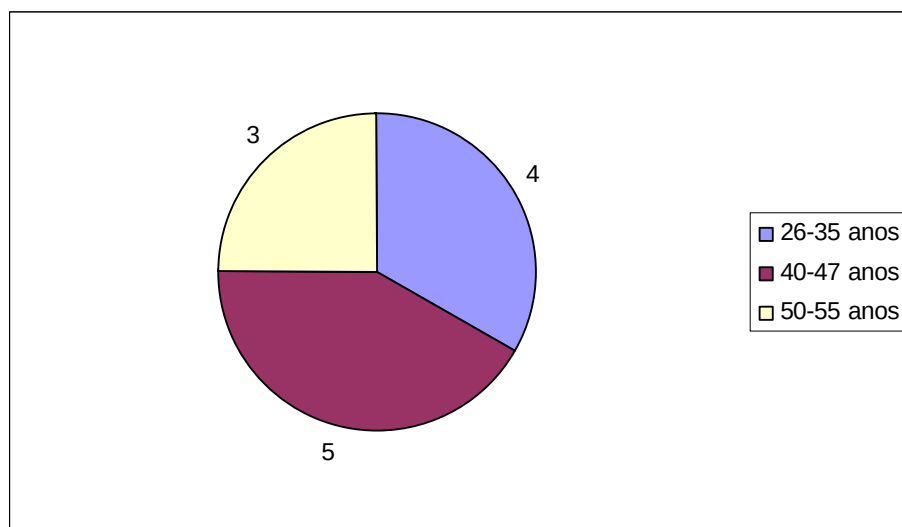
GRÁFICO 02 – ORIGEM DAS MULHERES NO BRASIL

Total: 12 mulheres.

FONTE: Dados da pesquisa.

Com relação às mulheres entrevistadas, constata-se que são oriundas de diversas regiões do Brasil: São Paulo (02), Bahia (01), Paraíba (02), Pernambuco (01), Ceará (01) e Rio Grande do Norte (05), destacando-se as mulheres originárias do Nordeste (10 entre as 12 entrevistadas).

GRÁFICO 03 – IDADE DAS MULHERES ENTREVISTADAS



Total: 12 mulheres.

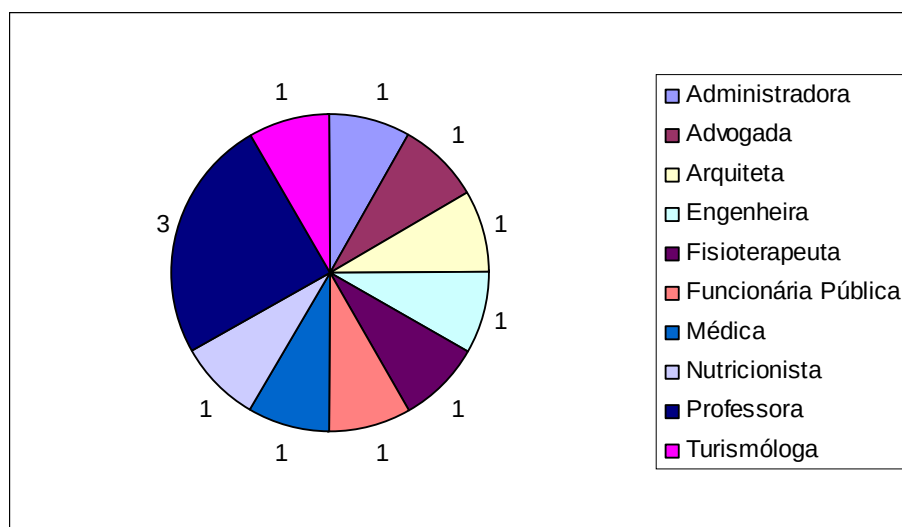
FONTE: Dados da pesquisa.

As mulheres entrevistadas têm um amplo espectro etário, entre 26 e 55 anos. A maioria das entrevistadas está na faixa dos 40 a 47 anos (05), seguida de mulheres mais jovens, entre 26 a 35 anos (04), e em menor proporção mulheres maduras, de 50 a 55 anos (03). Trata-se de pessoas adultas, na sua maioria maduras e “vividas”, portanto seguras quanto aos laços de conjugalidade estabelecidos com estrangeiros, depois de outros relacionamentos ou casamentos anteriores.

Outro dado interessante diz respeito à escolaridade, entendido como nível de formação acadêmica e número de anos de estudos. Todas as mulheres entrevistadas têm curso superior completo, possuindo na maioria das vezes um maior nível de escolaridade do que o cônjuge, em termos de anos de estudo. Com base no nível de escolaridade, é possível delinear

um quadro de altas qualificações profissionais, associadas a práticas profissionais bem consolidadas, conforme informa o gráfico abaixo.

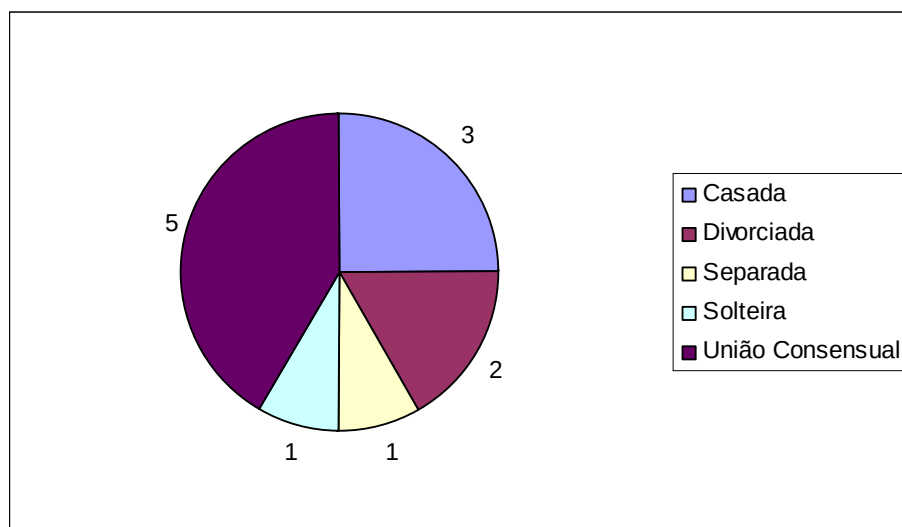
GRÁFICO 04 – ESCOLARIDADE E PROFISSÃO DAS MULHERES ENTREVISTADAS



Total: 12 mulheres.

FONTE: Dados da pesquisa.

GRÁFICO 05 – ESTADO CIVIL DAS MULHERES ENTREVISTADAS



Total: 12 mulheres.

FONTE: Dados da pesquisa.

Em relação ao estado civil, a união consensual é predominante (5 casos) quanto à sociedade conjugal vivida pelas mulheres entrevistadas; logo em seguida destacam-se as casadas (03); posteriormente, as divorciadas (02); e depois mulheres identificadas como separada (01); e solteira (01). É oportuno lembrar que a investigação sobre registros de casamentos entre estrangeiros e brasileiras apontou para análise semelhante. Tendo em vista a situação profissional, renda e expectativas das interessadas, essas optam por manter laços de conjugalidade não formalizados, ao contrário das mulheres mais jovens, de menor nível de instrução e com menor renda, que, segundo depoimentos coletados junto a esse segmento, costumam “forçar” o casamento com estrangeiros no intuito de alavancar oportunidades de saída do território e de manutenção financeira das mesmas e de sua prole, quando houver.

1.3 PERFIL DOS HOMENS ENTREVISTADOS

A seleção dos informantes homens foi feita levando-se em conta os seguintes critérios: a) indivíduos que tenham cursado a universidade, que consumam bens culturais relativos a um elevado capital cultural, pertencentes ao segmento intelectualizado das camadas médias urbanas, residentes em Natal há mais de 10 anos; b) de gerações diferentes, numa perspectiva de ciclo de vida (aqueles nascidos entre 1940 e 1970, estendendo-se até 1975 como parâmetro não rígido), para detectar-se as diferentes concepções que regem seu imaginário afetivo-sexual; c) pertencentes a famílias com o mesmo universo sociocultural e simbólico, com pais que tenham cursado ensino superior; d) que tenham constituído um relacionamento com brasileiras há mais de 02 anos.

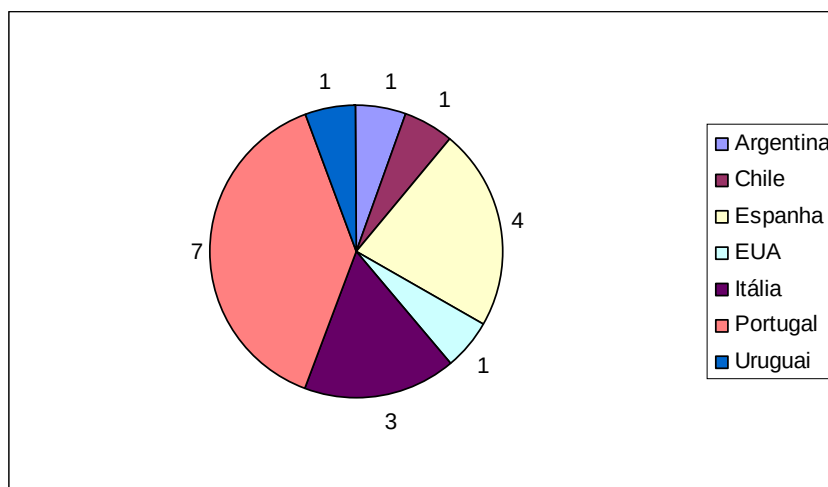
Com base nesses critérios e na disponibilidade dos informantes, chegou-se ao seguinte universo de indivíduos, sistematizado no quadro abaixo:

QUADRO 04 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

HOMENS				
NOME *	IDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	NACIONALIDADE
Rodrigo	29 anos	Psiquiatra	União consensual	Português
Cássio	29 anos	Professor	Divorciado	Português
Cleiton	32 anos	Professor	União consensual	Português
Max	35 anos	Contador	Casado	Espanhol
Eduardo	40 anos	Empresário	Casado	Italiano
Henrique	43 anos	Funcionário público	Casado	Português
Paulo José	43 anos	Pedagogo	Casado	Português
Neil	43 anos	Engenheiro	União consensual	Americano
Ângelo	48 anos	Arquiteto	Casado	Espanhol
Francisco	45 anos	Administrador de empresas	Casado	Argentino
Vidal	58 anos	Professor	Casado	Chileno
Geraldo José	65 anos	Advogado	Casado	Uruguaio
Paulo Camilo	35 anos	Sociólogo	Divorciado	Espanhol
Giovanny	57 anos	Professor	Casado	Italiano
João Afonso	60 anos	Empresário	Casado	Português
Patrício	65 anos	Empresário	Divorciado	Português
Rocco	62 anos	Professor	Casado	Italiano
Manuel Carlos	63 anos	Administrador	Casado	Espanhol

Observação: * Nome de fantasia - Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa, 2008/2009.

GRÁFICO 06 – ORIGEM GEOGRÁFICA DOS HOMENS ENTREVISTADOS

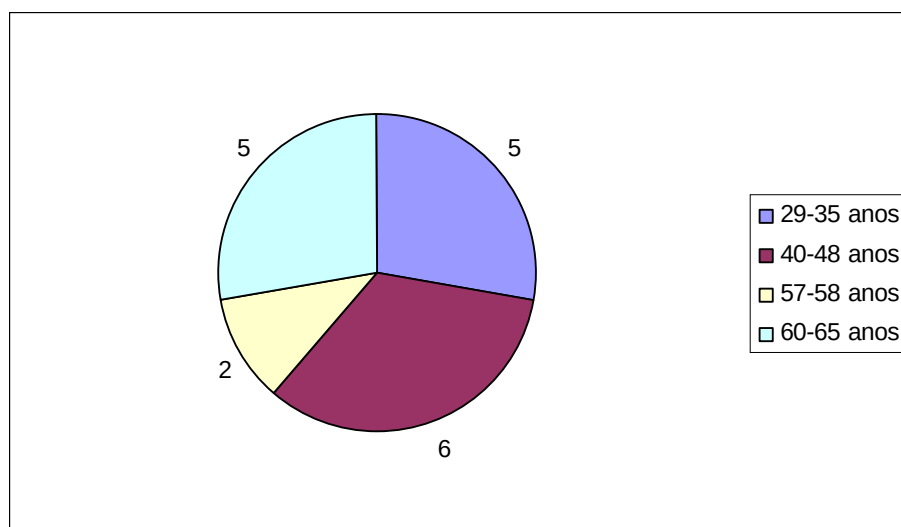
Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

A maioria dos homens entrevistados é oriunda de Portugal (07), Espanha (04) e Itália (03). Em menor proporção, encontram-se os oriundos de Estados Unidos (01), Argentina (01), Chile (01) e Uruguai (01). Os dados apresentados refletem a realidade percebida anteriormente, sublinhando o maior peso de algumas nacionalidades de origem no contexto norte-rio-grandense. Sem dúvida, os entrevistados refletem o maior contingente de migrantes, a saber, portugueses, espanhóis e italianos, seguidos por norte-americanos e sul-americanos.

No tocante à idade dos entrevistados, percebeu-se certa amplidão no espectro etário, a saber, homens cuja idade encontra-se entre 29 e 65 anos, como mostra o gráfico abaixo:

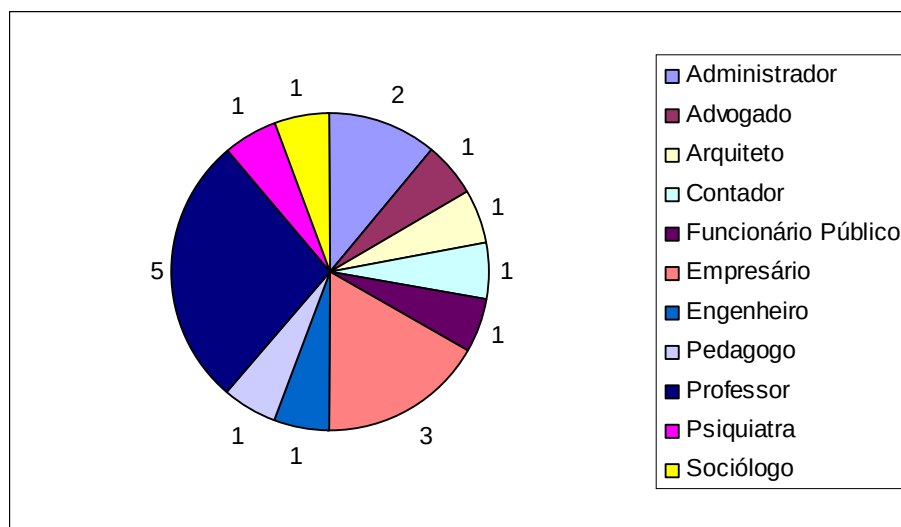
GRÁFICO 07 – IDADE DOS HOMENS ENTREVISTADOS



Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

Em relação à idade dos cônjuges, a maioria possui de 29 a 35 anos (05), e de 60 a 65 anos (05), de 40 a 48 anos (06) e em menor percentagem de 57 a 58 anos (02).

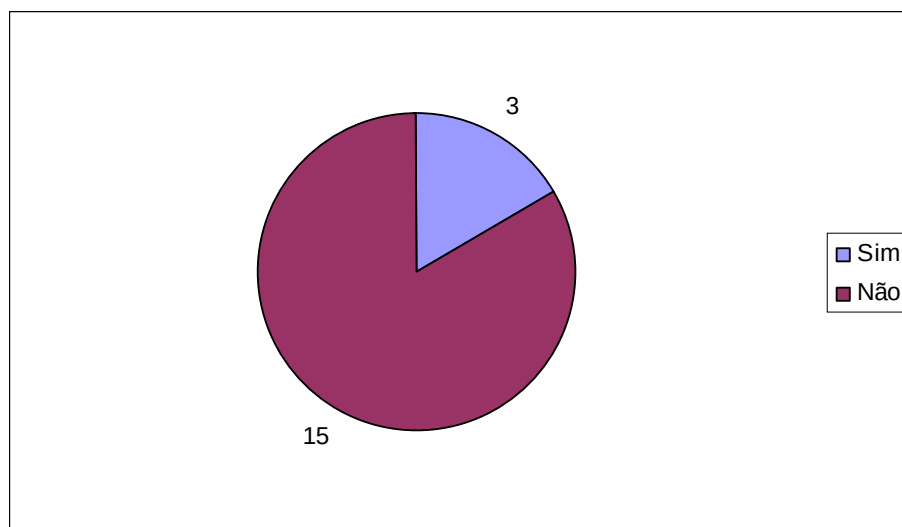
GRÁFICO 08 – PROFISSÃO DOS HOMENS ENTREVISTADOS

Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

Todos os homens entrevistados têm curso superior completo, sendo maior o percentual de professores (05), empresários (03) e administradores (02); as outras profissões informadas possuem (01) representante dos (08) entrevistados restantes. Esses dados permitem delinear um alto perfil acadêmico (superior completo e mais ainda para alguns), aliado a práticas profissionais de profissionais liberais e funcionários oriundos de instituições públicas de ensino.

O dado a seguir mostra qual o índice de recasamentos dos estrangeiros entrevistados, devendo ser cruzados com dados qualitativos. Pois o baixo número de estrangeiros efetivamente casados bate com os dados já apresentados, relativos ao baixo número de casamentos registrados entre casais binacionais no estado. Alguns estão no segundo casamento, mas a maioria, apesar de relatarem experiências amorosas e laços anteriores não formalizados, declarou ter formalizado com brasileira seu primeiro laço conjugal.

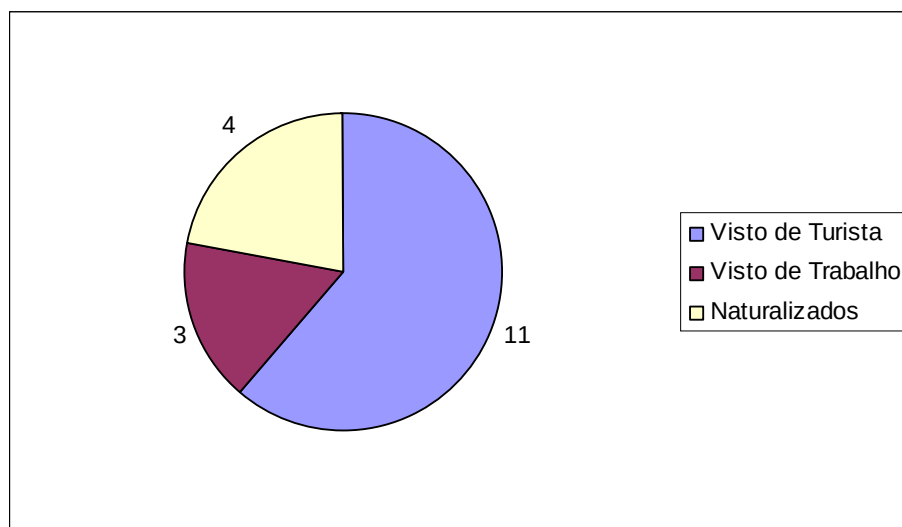
GRÁFICO 09 – ÍNDICE DE RECASAMENTOS

Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

Dos entrevistados, três estavam no seu segundo casamento, sendo que a maioria pela primeira vez estabeleceu um vínculo conjugal. Dos homens que estão no segundo casamento, todos residem em Natal desde que migraram para o Brasil.

GRÁFICO 10 – SITUAÇÃO JURÍDICA DOS ESTRANGEIROS ENTREVISTADOS NO BRASIL ANTES DO RELACIONAMENTO

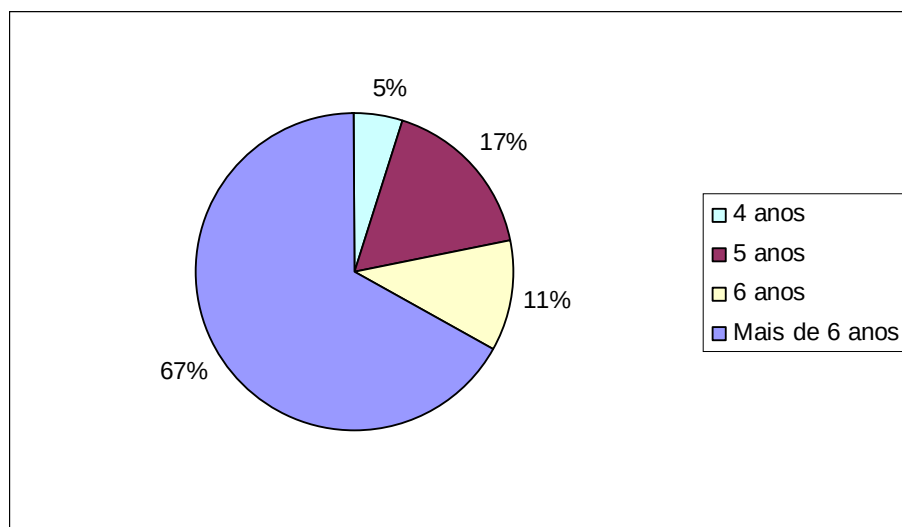


Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

O Gráfico acima mostra a situação jurídica dos estrangeiros antes do relacionamento. Dos homens entrevistados, 11 tinham, na época, visto de turista e motivados pelo relacionamento afetivo se organizaram, através do casamento, para conseguir sua permanência em solo brasileiro. Outros homens já possuíam visto de autorização para trabalhar no Brasil (03); e o restante já tinha obtido a nacionalidade brasileira (04).

Um dos dados mais interessantes diz respeito ao tempo de relacionamento destes homens com brasileiras, como mostra o quadro a seguir:

GRÁFICO 11 – TEMPO DE RELACIONAMENTO COM CÔNJUGE BRASILEIRA

Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

O resultado quanto ao tempo de convivência de estrangeiros com cônjuge brasileira denota a construção de uma relação estável, já que 12 entre os 18 entrevistados mantêm uma relação há mais de 6 anos, denotando, desta forma, o desejo de constituir uma família, conforme abordado na fala dos informantes. Importante dizer que isto acontece nos homens na faixa etária dos 40 a 65 anos.

CAPÍTULO II

TURISMO EM NATAL: TURISMO AFETIVO, TURISMO SEXUAL E RELAÇÕES SOCIAIS DESIGUAIS NO CONTEXTO GLOBALIZADO

Neste capítulo, se faz uma releitura do turismo como fator importante (mas não exclusivo) de migração dos estrangeiros que compõem os casais binacionais ora estudados. Antes de se debruçar sobre a questão da conjugalidade, parece oportuno deixar claro qual é o contexto em que se realizou o estudo: de um lado, o turismo enquanto fenômeno macroeconômico resultante de pesados investimentos públicos e privados no Nordeste do Brasil, e particularmente em Natal, desde os anos 80; do outro, a dinâmica do turismo relacionado ao chamado “turismo sexual” e a dimensão (até então oculta) do turismo afetivo. Ambos os fenômenos redundaram na presença crescente de turistas portugueses, espanhóis e italianos, entre outros, no solo potiguar: atraídos por fatores ambientais (o turismo de “sol e mar”), econômicos (voos *charters* e regulares em número crescente e pacotes turísticos atrativos para os turistas estrangeiros), culturais (domínio da língua portuguesa ou aculturação facilitada pela origem cultural latina), estruturais (melhoria sensível da infraestrutura hoteleira, turística e urbana em Natal e no litoral norte-rio-grandense). Esses mesmos turistas de outrora, que hoje se enraizaram em solo potiguar, integram como sujeitos nossa pesquisa sobre conjugalidade em contexto transnacional.

A produção socioantropológica internacional mostra um crescente interesse na compreensão da dinâmica das relações sexuais e amorosas estabelecidas no contexto do

turismo globalizado, tendo como referência a problemática do turismo sexual e reconhecendo quão recente é esse campo de discussão; entretanto, é escassa em relação ao turismo afetivo.

Na análise feita por diversos autores (TRUONG, 1990; PISCITELLI, 2002 e 2003; GIRONA, 2007), o turismo sexual vem sendo revisitado: abordagens recentes, que incorporam pesquisas centradas nas viagens de mulheres dos países subdesenvolvidos às nações desenvolvidas, tendem a traçar diferenciações entre os estilos de turismo através dos quais homens e mulheres estabelecem relações com nativas/os dos países pobres. Nessas perspectivas, esse turismo é considerado voltado para o “romance” e caracterizado pela ênfase no cortejo e pela construção de relacionamentos duradouros através de um discurso amoroso. Esses aspectos e os traços emocionais presentes nesse tipo de turismo o tornariam diferente do “turismo sexual”.

Parte-se dessas observações, no encontro entre o debate sobre turismo sexual e turismo afetivo, para mostrar como se desenvolve uma modalidade específica do turismo internacional em Natal, bem como em Fortaleza, Recife, Maceió e outras Capitais do Nordeste. Trata-se, também, de garotas que “namoram” exclusivamente estrangeiros, mantendo com eles relações carregadas de ambiguidade, muitas vezes duradouras, envolvendo pagamentos cujo valor não é fixo. Neste caso, trata-se de meninas que, com empregos fixos e baixos salários, recebendo presentes e, ocasionalmente, “ajuda” financeira dos estrangeiros, delimitam diferenças entre elas e as “moças de programa”. Há, ainda, jovens que saem exclusivamente com estrangeiros, mas não têm qualquer expectativa com relação a dinheiro ou presentes. Elas aspiram penetrar no mundo acessível aos turistas, compartilhando passeios, restaurantes, hotéis. Finalmente, há mulheres, algumas com elevado nível de instrução e, inclusive, profissionais liberais, na faixa dos 30, 40, 50 e 65 anos.

Nesse universo, a “escolha” de mulheres por parte dos turistas é, muitas vezes, aleatória, e as relações com os visitantes internacionais, associadas à ideia de “ganhos”

diversificados, são almejadas por diferentes categorias de nativas. Essas escolhas recíprocas, atravessadas por distinções de gênero, acionam marcadores de diferença cuja prioridade é estabelecida situacionalmente, num contexto no qual sexualização e racialização estão indissociavelmente ligadas e vinculadas à “localização”. Argumenta-se que, nesse jogo de diferenciações, a racialização opera através de distinções categóricas, isto é, através de termos de cor que, mais do que descrever, remetem a uma classificação. Argumenta-se, também, e esse é o ponto principal, que há importantes aspectos em comum entre as conceitualizações presentes no procedimento através do qual estrangeiros e nativos racializam/sexualizam as mulheres locais. Entretanto, enquanto na perspectiva dos estrangeiros essas concepções marcam, genericamente, as brasileiras, os nativos as acionam apenas quando as mulheres locais são percebidas como mantendo relações amorosas e sexuais com os visitantes internacionais.

2.1 CASAIS BINACIONAIS ENQUANTO SUJEITOS DE FLUXOS MIGRATÓRIOS NO NORDESTE

O Rio Grande do Norte é hoje um dos mais visitados e promissores destinos turísticos brasileiros. De olho no imenso potencial do turismo potiguar, muita gente tem vindo de outros países não apenas para conhecer, mas também para investir e morar no estado. Dados divulgados em agosto de 2009 pelo Setor de Migração do Departamento da Polícia Federal (DPF/RN), apontam que 6.091 estrangeiros vivem no estado, porque tem residência fixa ou possuem visto temporário mas moram no RN. Esses estrangeiros representam nacionalidades as mais distintas possíveis (a lista divulgada pela PF aponta a presença de cidadãos de 19 países diferentes), mas, por ordem decrescente das 5 nacionalidades mais

importantes, nota-se a predominância de portugueses (928 imigrantes registrados), seguidos por italianos (775), espanhóis (507), norte-americanos (439) e argentinos (349). O número que se refere apenas aos imigrantes legalizados (que possuem visto de permanência) pode até não ser considerado elevado, mas se torna significativo quando levado em conta o alto poder aquisitivo dos novos moradores, responsáveis pela maioria dos grandes empreendimentos turísticos que estão sendo construídos em território potiguar. Além disso, fica difícil ter a real dimensão do número de estrangeiros que moram no Estado, porque grande parte vive na clandestinidade, segundo depoimento do responsável pelo Setor de Migração da DPF/RN: "Muitos entram no país com visto de turista e quando expira o prazo de permanência eles continuam aqui, trabalhando" (Diário de Natal, 16.08.2009, p. 16). O que se sabe, contudo, é que esse número não pára de crescer. Somente este ano já foram concedidos 431 novos vistos de permanência, sendo a maioria para ficar na capital ou em municípios dos litorais Norte e Sul do estado.

Entre os principais fatores de atração, destaca-se o turismo e a consequente corrida para investimentos imobiliários. Em recente depoimento, o representante de um dos primeiros grupos internacionais a apostar no potencial turístico potiguar, um português, que hoje dirige dois hotéis nas praias de Pipa e Tibau do Sul, vê com naturalidade o crescente número de moradores vindos principalmente da Europa para o estado:

Na Europa, os investimentos na área de turismo já estão saturados, pois lá a ocupação da atividade é muito intensa e a concorrência entre os grupos é enorme. Diante deste cenário, o Rio Grande do Norte, por todos os seus atrativos, oferece muitas oportunidades para o investidor europeu. (Diário de Natal, 16.08.2009).

Segundo o mesmo informante, a língua portuguesa seria outro fator de afinidade entre Brasil e Portugal, atraindo grandes contingentes de turistas:

Fizemos, logo que chegamos ao Estado (há quase uma década), um intenso trabalho de divulgação do Rio Grande do Norte em Portugal e hoje praticamente todos os turistas do meu país já visitaram o Estado e alguns acabam ficando para investir ou adquirem uma segunda residência. (Diário de Natal, 16.08.2009, p. 16).

É importante salientar que nos hotéis administrados pelo mesmo informante, 97% dos hóspedes são estrangeiros. A maioria dos estrangeiros entrevistados pelo jornalista do Diário de Natal não tinha intenção de morar no Rio Grande do Norte. "Vim para passar três semanas, mas acabei conseguindo um emprego e já estou há um ano e quatro meses no estado e aqui pretendo ficar", contou um alemão que trabalha hoje como chefe de recepção de um hotel na praia de Tibau do Sul. Uma finlandesa se encantou com o clima e as belezas naturais e resolveu ficar, já que vinha todo ano para o Brasil, de férias, na companhia do marido brasileiro, pois havia comprado imóvel no Rio Grande do Norte. Há nove meses atuando como relações públicas de um *resort* na praia da Pipa, ela largou a profissão de gerente de loja de confecções na Finlândia para ingressar na atividade turística no Brasil. E garante que não se arrepende.

O gerente e a encarregada de relações públicas, já citados, fazem parte de um grupo de estrangeiros que, apesar de não serem investidores, também vive da atividade turística. Eles saíram de seus países em busca de maior qualidade de vida e de novas oportunidades de trabalho no Rio Grande do Norte. Como o turismo baseado no binômio "sol e mar" privilegia as áreas do litoral, em Natal, os bairros litorâneos é que recebem os maiores incentivos públicos e privados. Desses bairros, Ponta Negra, situado na Região Administrativa Sul, aparenta ser o local onde os investimentos relacionados ao turismo estão mais presentes e visíveis, com reflexos espaciais marcantes, com a grande presença de pousadas, bares, restaurantes e similares.

Mesmo tendo claro que Natal é o local da pesquisa, acredita-se na necessidade de se conhecer um pouco sobre o lugar. Dessa forma, tentar-se-á descrever, de um modo geral, a cidade de Natal, para que se possa entender o porquê de pessoas saírem de lugares considerados mais desenvolvidos economicamente, como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, deixando para trás laços de parentesco e amizade, e recomeçarem a vida num outro lugar, estranho às suas relações familiares e de vizinhança. E mais, de que maneira uma cidade de porte médio como Natal, que, aparentemente, não dispõe de oportunidades que cidades como as citadas anteriormente podem oferecer, conseguiu se encaixar dentro das expectativas e dos esquemas de vida dos estrangeiros que aqui se estabeleceram e que, com exceção de dois, não demonstram intenção de voltar a viver no lugar anterior.

2.2 O DISCURSO OFICIAL SOBRE TURISMO NO BRASIL

O discurso oficial prega que, através do turismo, haveria um alívio da recessão dos polos receptores de turistas com a criação de empregos, aumento da renda e melhoria no nível de vida. Em contrapartida, o polo emissor de turistas, geralmente grandes cidades, teria, na prática turística (as viagens), um "alívio" para os seus moradores estressados com todos os problemas do seu cotidiano, ao romper momentaneamente a sua relação com a urbe, buscando novos ambientes para a reposição da energia física e mental.

E o desenvolvimento do turismo no país, assim como nos outros países do chamado mundo tropical, teve na natureza o recurso turístico para ser explorado, adotando-se o binômio "sol e mar", privilegiando assim, como visto, as áreas do litoral. As paisagens que têm como ingredientes sol, céu e água, são aquelas que apresentam ritmo e estilo de vida diferentes do ambiente de trabalho urbano, o que contribui para que sejam as mais procuradas

pelo turista na atualidade. Dessa forma, a praia é, disparadamente, a intenção número um de destino turístico, seguida das montanhas, do campo e dos lugares históricos. (CAMARGO, 1999, p. 27).

O Nordeste, conhecido tradicionalmente como "Região Problema", berço de migrante pobre, que fugia do sol e da seca, passou, desde os anos 80, a se projetar no cenário nacional numa outra perspectiva: a de região turística, denominado de "paraíso tropical". Com uma faixa litorânea de, aproximadamente, 3.300 Km de extensão e sol quase o ano inteiro, o Nordeste passa a produzir e socializar imagens turísticas da região, utilizando-se do mar e do mesmo sol que antes era apontado como "castigo". Assim, sua projeção se dá através de um cenário turístico difundido por seus governantes, apoiado por um poderoso "marketing". A região se caracteriza, na atualidade (no discurso midiático), não mais pela pobreza, mas pelos seus atrativos turísticos, sobretudo litorâneos, com suas praias ensolaradas de grandes belezas naturais. Daí, para o planejamento e organização do turismo, o Nordeste "concede" o sol e o mar como a matéria-prima essencial para a composição de uma paisagem perfeita a ser contemplada pelo olhar do turista. Nos anos 80/90, a região Nordeste recebeu muitos recursos em termos de infraestrutura e projetos urbano-turísticos, tais como Rota do Sol - RN, Cabo Branco - PB, Costa Dourada - AL e PE (PAIVA, 1995); e outros estão sendo implantados no quadro do Programa de Desenvolvimento do Turismo – PRODETUR e do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC do Governo Federal. O turismo passa então a se destacar como uma grande fonte de renda para a região (ANDRADE, 1995).

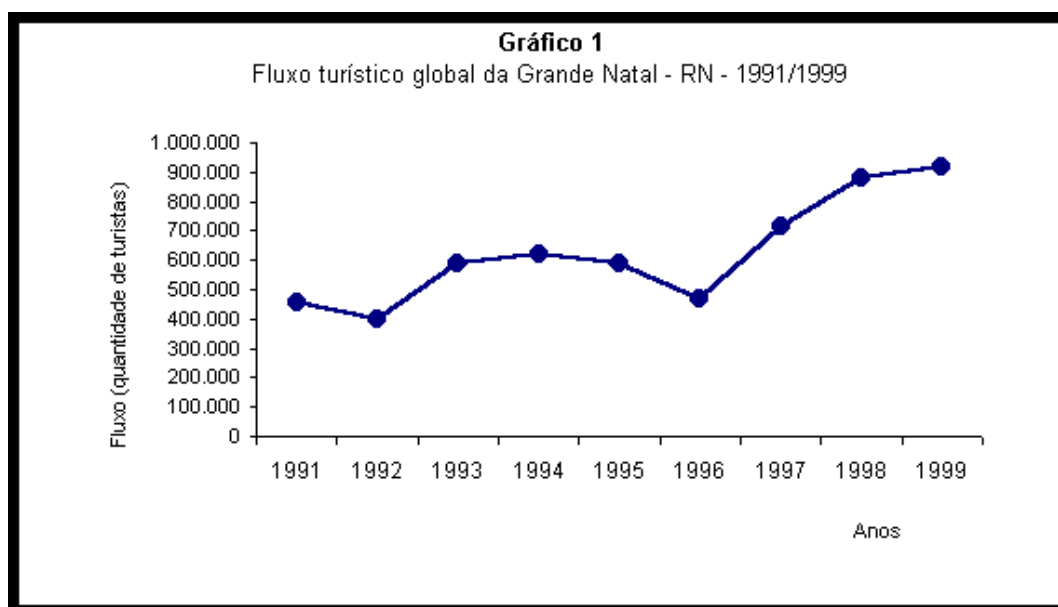
Natal, capital nordestina de maior índice de crescimento populacional do país, entre os anos 80 e 90, não ficou isolada do novo momento pelo qual passa o Nordeste: o turismo está na ordem do dia. Conhecida como "A cidade do sol", Natal tem 8 km de praias urbanas de águas mornas o ano inteiro e pode-se fazer o famoso passeio de *buggy* nas dunas de Genipabu, no litoral Norte, a poucos quilômetros da cidade. Conta também com 300 dias

de sol por ano, um clima tropical úmido e uma temperatura média de 26°C, atenuados pelos permanentes ventos alísios de Sudeste que sopram do mar e tornam sempre agradáveis os dias e as noites. Some-se a isso o fato de Natal ter a melhor qualidade do ar da América Latina (NASA-INPE, *apud* RIO GRANDE DO NORTE – SEPLAN/IDEC, 1991), além de outras características naturais e o seu patrimônio histórico. Todas essas características têm servido para a produção e veiculação da paisagem natalense como se fosse um verdadeiro paraíso.

Para viabilizar a produção e venda da paisagem de Natal, o governo do RN, em 1978, implantou o Plano Urbano Turístico para a construção da Via Costeira através da Secretaria Estadual de Planejamento (SEPLAN). A Via Costeira é considerada o marco de desenvolvimento do turismo em Natal. Foi nos anos 80 que a cidade começou a ganhar notoriedade em relação ao turismo regional e nacional. Nesse período, Natal, assim como as áreas litorâneas do Estado, incorpora-se ao Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR-NE). A partir daí, o desenvolvimento do turismo, não só em Natal, mas nas áreas litorâneas, vem sendo fomentado pelo Projeto Rota do Sol, que faz parte do PRODETUR-NE. Esse programa tem como meta principal montar uma infraestrutura satisfatória para o empreendimento de atividades turísticas e consolidar um polo turístico no Estado. (MARCELINO, 1996).

Em um primeiro momento, a concentração de investimentos em Natal decorre do fato de ela ser a principal cidade do estado e de haver um grande número de turistas que aqui aportam, tornando-a um polo. Essa posição privilegiada intensifica-se pelo fato de o polo ter sido eleito pioneiro, pelo Banco do Nordeste do Brasil, para implantação do Programa Polos de Desenvolvimento Integrado de Turismo, devido ao seu fluxo turístico de 1991-1999, mostrado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 12 – FLUXO TURÍSTICO GLOBAL DA GRANDE NATAL/RN – 1991/1999



FONTE: Prefeitura Municipal de Natal. SEMURB, 2003.

Outro fator preponderante foi a instalação do Conselho de Turismo do Polo 37, o que permitiu maior capacidade de mobilização e organização de atores relacionados ao setor, e, conseqüentemente, uma maior captação de recursos e investimentos para os municípios que dele fazem parte. E Natal, com sua posição privilegiada de capital do estado e cidade com maior infraestrutura, destaca-se no recebimento desses recursos, firmando-se como principal localidade turística do estado do RN.

Não há dúvida quanto ao fato de que seu espaço urbano foi modificado por políticas públicas direcionadas para o turismo, como se constata pelos dados publicados no relatório final do PRODETUR/NE I (TECHNUM CONSULTORIA, 2002). Segundo o documento, os recursos do PRODETUR I para o estado foram da ordem de US\$ 41.870.822,00. Os resultados obtidos com as ações do Programa e dos diversos outros investimentos do Governo na infraestrutura turística da região são observados nas alterações das estatísticas dos últimos cinco anos, a começar pelo crescimento da participação da

atividade turística no PIB do Estado, cuja contribuição passou de 3,5%, em 1995, para 6,1% em 2000, conforme mostra o quadro 05 a seguir:

QUADRO 05 – COMPARATIVO DE INDICADORES TURÍSTICOS, 1995/2000

Componente	Unidade	1995	2000	Crescimento (%)
Receita turística	Dólar	203.424.000	288.067.000	42
Renda turística	Dólar	283.488.623	493.228.605	74
Participação da renda turística sobre o PIB	%	3,5	6,1	-

FONTE: Secretaria Estadual de Turismo – SETUR (*apud* TECHUM CONSULTORIA, [2002]).

Ainda de acordo com o documento, o PRODETUR I – RN pretendeu ser um instrumento indutor de crescimento socioeconômico da área costeira do estado do Rio Grande do Norte, com aplicação de recursos nas seguintes ações: saneamento básico (esgoto); implantação de centro de visitação do Parque das Dunas em Natal; desenvolvimento institucional; melhoramento do Aeroporto Internacional Augusto Severo, situado no município de Parnamirim, e melhoramento de estradas. Os investimentos realizados foram aplicados conforme apresentado no Quadro 06.

QUADRO 06 – INVESTIMENTOS DO PRODETUR I – RIO GRANDE DO NORTE

Componente / Ação	Local	Valor US\$	Percentual do total %
Saneamento básico – esgoto	Natal	5.675.623	13,56
Recuperação ambiental, plano de manejo e operações do Parque das Dunas	Natal	1.457.676	3,48
Desenvolvimento institucional	Órgãos estaduais e municipais	1.989.135	4,75
Aeroporto	Parnamirim	24.219.490	57,84
Transportes	Natal, Parnamirim, Extremoz, Ceará-Mirim, Nísia Floresta e Tibau do Sul	8.528.898	20,37
Total Geral		41.870.822	100,00

FONTE: Secretaria Estadual de Turismo – SETUR (*apud* TECHUM CONSULTORIA, [2002]).

Essas obras merecem destaque em face do montante dos investimentos. O quadro 06 mostra como a acessibilidade foi uma das prioridades da primeira fase do PRODETUR, pois concentrou quase 88% dos recursos destinados ao estado. A reforma do aeroporto Augusto Severo, em Parnamirim, região metropolitana de Natal, dimensiona tal importância: foi construída uma nova estação de passageiros, aparelhada com modernos serviços (bancos, restaurantes, livrarias, lojas de artesanato, correios, além das companhias áreas), possibilitando maior conforto ao visitante e ao morador local que se utiliza de suas instalações.

Investimentos, também, em saneamento básico e proteção do meio ambiente beneficiaram a Via Costeira e o bairro de Ponta Negra com a implantação, segundo o projeto, de obras de saneamento, drenagem, pavimentação (32 ruas, totalizando 7.000 metros) e urbanização da orla (3.000 metros). Esses dados são importantes, pois mostram que se, em Natal, o turismo teve início na década de 1980, foi somente em meados dos anos 90 que a cidade se vê inserida, de fato, no circuito turístico nacional.

Em 1999, Natal comemorou o seu quarto centenário investindo em *marketing* direcionado ao turista. Assim, os quatrocentos anos se transformaram em enredo de Escola de Samba do grupo A do carnaval carioca, viraram logotipo de todos os tipos de produtos (Lopes Junior (2000); os governos estadual e municipal investiram alto em obras de infraestrutura, como a ampliação do aeroporto Augusto Severo e a construção do Complexo Viário do Quarto Centenário (composto de três viadutos e dois túneis). Apesar de o turismo em Natal não ter sido uma atividade plenamente organizada e planejada, a estratégia surtiu efeitos, pois em 1999, o fluxo de turistas para o lugar só foi menor do que o de Salvador e Fortaleza (DANTAS, 1999).

A venda da paisagem nordestina no mercado brasileiro e no estrangeiro tem influenciado para que muitos dos turistas que visitem a região acabem voltando para ficar.

Essa mobilização de pessoas em direção ao Nordeste deve-se também, segundo Furtado (2005), a fama de boa qualidade de vida que as capitais nordestinas têm arregimentado nos últimos anos da década passada e nos primeiros desta, período de intensificação da atividade turística.

2.3 NATAL ENTRE AS CIDADES TURÍSTICAS DO NORDESTE

Algumas informações são necessárias para que se possa confirmar a participação de Natal entre as cidades turísticas do país. Um dos aspectos a ser considerado refere-se à movimentação de seu terminal aeroportuário, levando-se em conta a quantidade de voos que chegam à cidade, sejam eles nacionais ou internacionais. No período de 1999 a 2002, além de receber os voos regulares das companhias áreas nacionais, a cidade intensifica o recebimento dos voos fretados – os *charters*, uma marca do mercado turístico de massas: são fretamentos de aeronaves negociados pelas grandes operadoras de turismo do centro-sul, que fecham seus pacotes e trabalham com fluxos perenes e de considerável volume de passageiros, conforme se verifica no quadro 07.

QUADRO 07 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VOOS DOMÉSTICOS PARA NATAL

Tipo	Número de Voos			
	1999	2000	2001	2002
Regular	6.672	8.024	7.934	6.559
Charter	2.658	2.806	2.305	1.518
Total	9.320	10.830	10.239	8.077

FONTE: Prefeitura Municipal de Natal, SEMURB, 2003.

Esses fretamentos, embora oscilem consideravelmente, não perdem importância para a cidade, uma vez que o turista fica “cativo” ao seu espaço, pois, como já foi dito, são o meio de deslocamento entre o seu ponto de saída e a cidade que o recebe, no caso, Natal. Não há mecanismos que permitam ao turista parar e descer (fazer escala) em outro local a não ser aquele que lhe foi vendido, e, além disso, não são transportados passageiros que não tenham adquirido o pacote da operadora ou de suas agências. Portanto, eles são de grande impacto no turismo local, considerando sua capacidade em “despejar” um grande volume de visitantes.

Essa alternância no fluxo nacional também se faz sentir nos voos internacionais, sejam eles regulares ou fretados, conforme mostra o quadro 08.

QUADRO 08 – POUSOS E DECOLAGENS MENSAIS EM VOOS INTERNACIONAIS, 1999-2002

Tipo	Voos Internacionais			
	1999	2000	2001	2002
Regular	40	310	190	153
Charter	47	81	107	144

FONTE: Prefeitura Municipal de Natal, SEMURB, 2003.

Nos últimos anos a aviação civil brasileira tem passado por uma reestruturação, com a qual pretendeu maximizar seus ganhos e conter a crise que se abateu sobre algumas empresas. Para tanto, formaram-se grandes alianças entre companhias áreas de diversos países; implementou-se uma metodologia que organiza o sistema aéreo dos países, fazendo com que determinados aeroportos recebam fluxos maiores e redistribuam os passageiros; promoveram-se fusões e incorporações de companhias áreas e diminuição das malhas de operação de outras, chegando, algumas, a fechar suas portas. Esse conjunto de fatores reflete-

se nessas alternâncias do número de voos para a capital potiguar, sejam eles regulares ou fretados.

Essa maximização fica evidenciada ao se analisar o quadro 05, abaixo, que mostra, na contrapartida da queda do número de voos, um aumento constante no número de passageiros, sobretudo nas linhas regulares, entre 1999 e 2002. Considerando ainda a mesma tabela, verifica-se uma tendência crescente dos voos fretados, sobretudo aqueles provenientes de outros países. Esse tipo de viagem é cada vez mais frequente, considerando que seus custos ficam bem abaixo quando comparados aos de uma companhia de voos regulares.

QUADRO 09 – EMBARQUE E DESEMBARQUE DE PASSAGEIROS DOMÉSTICOS E INTERNACIONAIS POR TIPO DE VOO, AEROPORTO INTERNACIONAL AUGUSTO SEVERO, 1999-2002

Tipo de Voo	1999	2000	2001	2002
Doméstico regular	588.552	589.849	688.828	714.811
Fretamento doméstico	224.648	267.591	217.055	185.558
Internacional regular	6.553	7.639	2.418	4.116
Fretamento internacional	14.139	29.167	38.576	48.169

FONTE: Prefeitura Municipal de Natal, SEMURB, 2003.

Assim, os *charters* viabilizam grandes fluxos e transformam as cidades que os recebem em centros turísticos. No Brasil, o grupo de cidades às quais se destinam os fretamentos ainda é muito seletivo. Limitando-se às da região Nordeste, têm-se: Salvador, Recife, Fortaleza, Porto Seguro e Natal, que já faz parte do grupo.

Os números anteriores possibilitam uma análise daqueles passageiros e/ou visitantes que chegam à capital potiguar por via aérea; entretanto, a cidade tem outros acessos que não são objeto dessa nossa construção (por via rodoviária, seja de ônibus ou veículo particular, e, nos últimos anos, por via marítima, com navios de cruzeiros que percorrem a

costa nordestina e frequentemente fazem escala no porto de Natal). Portanto, não há pretensão em desdobrar números das demais modalidades de transporte, mas, sim, demonstrar que o fluxo de visitantes é crescente, qualquer que seja a forma de acesso à cidade. Os números do quadro 10 reafirmam essa tendência ao crescimento da quantidade de viajantes em direção a Natal.

QUADRO 10 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS PARA NATAL NOS ANOS DE 1999 A 2002

Turista	1999	2000	2001	2002
Brasileiros	846.537	925.065	985.095	882.227
Estrangeiros	70.222	83.370	104.015	117.467
Total	918.758	1.010.435	1.019.111	1.001.696

FONTE: Prefeitura Municipal de Natal, SEMURB, 2003.

Do ponto de vista quantitativo, os números apresentam oscilações, com uma queda considerável entre o ano de 2001 e 2002. O movimento do dólar e a procura, por parte das operadoras de viagem, por destinos com lucratividade mais atraentes justificam a busca constante por novos espaços. Com o surgimento desses destinos, abre-se o leque de opções para os viajantes, com consequente pulverização dos fluxos.

Embora com oscilações, a cidade mantém uma tendência crescente na utilização dos seus meios de hospedagem pelos visitantes, o que se verifica pela ampliação de seu parque hoteleiro. Nos últimos anos, esse parque tem assistido à chegada de grandes cadeias nacionais e estrangeiras e à proliferação de estabelecimentos de médio e pequeno porte na área turística ou nas suas proximidades. A utilização dessa capacidade instalada pode ser observada no quadro 11.

QUADRO 11 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS QUE UTILIZARAM A REDE HOTELEIRA NO PERÍODO DE 1999 A 2002, EM NATAL

Número de hóspedes	1999	2000	2001	2002
	541.438	589.127	590.733	654.400

FONTE: Prefeitura Municipal de Natal, SEMURB, 2003.

Esses números, quando observada a sazonalidade da atividade turística, sofrem variações. Segundo a Secretaria de Turismo, no seu pico, eles podem atingir médias de 72% de ocupação e, nos meses de baixa estação, podem descer a níveis próximos de 30%. É, portanto, uma atividade que, por ser imaterial, procura otimizar toda a sua capacidade instalada nos meses que lhe são propícios; a ociosidade de um apartamento de hotel em uma estação nunca mais é recuperada. É possível observar que, no período entre 1999 a 2002, o número de hotéis se altera consideravelmente, o que mais uma vez vem confirmar o crescimento da atividade turística na cidade de Natal e sua definitiva inserção no mercado dos principais destinos nacionais. A cidade também ensaia os primeiros passos como destino internacional, uma vez que, em qualquer parte do mundo, a primeira exigência para atividade turística se internacionalizar e massificar é a melhoria do parque hoteleiro local.

Os dados já apresentados demonstraram que o Estado do Rio Grande do Norte ocupa uma posição consolidada como um dos principais destinos turísticos, cabendo aqui um realce para Natal. De fato, depois de Fortaleza e de Salvador, Natal é a cidade com maior número de visitantes estrangeiros no Nordeste Brasileiro. Deste vasto fluxo turístico passaram a fazer parte indivíduos de classes e grupos sociais até então apenas marginalmente envolvidos, como os jovens e adultos pertencentes aos meios populares, de origem operária ou trabalhando em atividades mal remuneradas do comércio e dos serviços.

2.4 TURISMO AFETIVO, TURISMO SEXUAL E AS ALTERAÇÕES NA FAMÍLIA

Por outro lado, as profundas alterações sociológicas no domínio da família experimentadas pelas sociedades europeias nas últimas décadas (BERRY BRAZELTON, 1989, SINGLY, 1996; SARACENO E NALDINI, 2003) têm repercutido significativamente na configuração da procura turística, fazendo com que entre os turistas se assista a uma presença crescente daqueles que escapam ao casamento tradicional patriarcal, cujo modelo familiar é formado por pai, mãe, filhos e filhas.

Os turistas jovens do sexo masculino que afluem ao Nordeste brasileiro, muitos deles solteiros ou transitoriamente sem parceira/o sexual, se deslocam frequentemente motivados por um conjunto de representações e expectativas ancoradas em imagens de erotismo e de acesso fácil às práticas sexuais. Considerando que, na economia do turismo, as *commodities* não possuem apenas valor de uso e de troca, mas também um "valor-signo", relacionado com a quantidade e a qualidade da experiência que oferecem, elas são fortemente determinadas pelas imagens, publicidade e consumismo que caracterizam as sociedades modernas (BAUDRILLARD, 1981). Por outras palavras, a procura de sexo por parte dos turistas, que parece constituir uma motivação presente em numerosos europeus que visitam o nordeste brasileiro (PISCITELLI, 2005). Durante o dia, muitos turistas aproveitam para recuperar da noite agitada, geralmente marcada por atividade sexual intensa e o consumo em grande quantidade de bebidas alcoólicas, não deixando, todavia, de conviver com as garotas de programa, ora continuando a relação social já estabelecida, ora aproveitando para estabelecer novos contatos.

Estes são realizados quase sempre por iniciativa das jovens nativas, algumas provenientes de outros estados brasileiros, como Paraíba, Ceará, Pernambuco, os mais próximos, ou Maranhão, Pará e Amazonas, os mais distantes. Por norma, a exposição para o

turista e a interpelação que se segue é feita de forma mais ou menos sutil: através da postura corporal, do olhar, do sorriso, da solicitação de um cigarro. Como nota Piscitelli (2005), estas "[...] aproximações adquirem características de uma paquera [...] remetendo a padrões tradicionais de cortejo".

Os turistas que frequentam a praia de Ponta Negra à procura de aventuras sexuais evidenciam uma considerável diversidade no que diz respeito aos seus países de origem, idades, profissões, motivações, perfis de masculinidade e estrato social, entre outros aspectos. Não há, portanto, um turista típico no quadro do chamado turismo sexual, como por vezes se sugere, quando se diz que os turistas que vêm à procura de sexo são indivíduos sexualmente perturbados. Embora seja inadequado falar-se de um perfil-tipo de turista sexual, existem determinados elementos caracterizadores que sobressaem. Tem-se, assim, o predomínio de turistas de nacionalidade portuguesa, espanhola e italiana, normalmente viajando em grupo (3 a 6 elementos). Ainda que se encontrem as mais diversas posições de classe, há uma certa preponderância dos indivíduos das classes populares (trabalhadores fabris) e, sobretudo, dos diversos segmentos das classes médias urbanas (empregados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, técnicos). São, de um modo geral, homens insatisfeitos com as relações de gênero nos seus contextos de origem, quase sempre motivados pelas representações sociais dominantes sobre a sexualidade da "mulher brasileira", em boa medida amplificadas pelos discursos midiáticos de impacto global e pelas narrativas dos amigos e conhecidos que se envolveram em experiências sexuais com brasileiras em viagens turísticas ao Brasil.

Os entrevistados tendem a estabelecer uma diferenciação bastante vincada entre as mulheres brasileiras e as europeias. Referem-se às brasileiras como mulheres sexualmente mais quentes e disponíveis para um relacionamento aberto na fase de namoro em favor de uma interação sexual mais imediata e intensa, ainda que não se possa afirmar que a dimensão afetiva não esteja presente. Alguns deles dizem que as europeias são mais frias, mais

conservadoras, mais ativas, mais esnobes, sublinhando, sobretudo os italianos, que elas ligam muito à aparência e à capacidade econômica do homem. Apesar desta avaliação desfavorável à europeia, também constatada por Piscitelli (2005), entre os turistas que visitam Fortaleza, são muitos os que admitem preferir casar com uma mulher do seu país em detrimento de uma brasileira, por razões que certamente se prendem com aspectos relacionados com a afinidade cultural e, eventualmente, com os estereótipos da mulher brasileira como sexualmente libertina e promíscua.

A maior dificuldade de acesso às mulheres que os turistas gostariam de conquistar nos seus contextos de origem, seja por motivos econômicos, de status ou de apresentação do eu, e o relativo constrangimento em conviver com uma feminilidade ocidental que continua a colocar algumas limitações às preferências e valores predominantes da masculinidade, são dois elementos centrais a considerar para compreender o fenômeno do turismo sexual. (O'CONNELL-DAVIDSON, 1995).

A estes elementos junta-se um terceiro, especialmente válido para os turistas mais velhos, relacionado com expectativas de reviver experiências de homossociabilidade da juventude, ou seja, a procura da recriação dos laços e das vivências masculinas que antecedem a rotina e as responsabilidades da vida adulta. (HEILBORN, 1995).

Para Girona (2007), na produção socioantropológica o turismo sexual é considerado uma expressão das desigualdades que permeiam a “nova ordem global”. Nesse debate há uma convergência em considerar que o turismo sexual outorga visibilidade às relações entre Norte e Sul, entre privilégios e opressões, pondo em evidência o papel da supremacia masculina. Entende-se, aqui, porém, que o turismo sexual apresenta aspectos intrigantes em termos de gênero, particularmente no que se refere à articulação entre gênero e sexualidade, quando se levam em conta as alterações na geografia dessa problemática.

Embora fatores econômicos estejam intimamente vinculados ao desenvolvimento do turismo sexual, os aspectos políticos e culturais, permeados por gênero, são fundamentais para a compreensão da alteração nesses circuitos mundiais. E o que mais despertou a atenção nas entrevistas realizadas em pesquisa de campo foi a quantidade de estrangeiros que, ao viajar, não tinham como objetivo o turismo sexual, nem somente o convencional turismo de lazer, mas sim, o que se denominou de “turismo afetivo”. Ou seja, buscar em outra cultura um relacionamento afetivo conjugal. Pode-se constatar que os motivos desse último, mesmo que não conscientes a princípio, era o de constituir família, de encontrar alguém que correspondesse ao “ideal” de casamento vivido pelos seus pais e avós. O casamento liberal, de igual para igual, não os estava satisfazendo. Mesmo não sendo um segmento de turismo, o “turismo afetivo” é uma ação frequente, mesmo que inconsciente, nos turistas que buscam um relacionamento estável em seu período de férias e também em suas viagens seguidas para o mesmo destino, ao longo dos anos, até a decisão de migrar para Natal.

CAPÍTULO III

QUE MULHERES? QUAL BRASIL?

As relações de poder quase sempre desiguais que se estabeleceram entre homens e mulheres foram culturalmente legitimadas, permitindo que o homem exercesse sua opressão sobre a mulher. Já o poder exercido pela mulher não teve sua influência reconhecida, apesar das mulheres exercerem pressões importantes na vida social dos grupos a que pertenceram. Ainda que a autoridade masculina tenha sido diversas vezes reduzida pelo fato das mulheres possuírem meios informais de influenciar e controlar os homens, tal autoridade feminina nunca foi aceita pelos pesquisadores que, de um modo geral, quase sempre aceitaram a legitimidade da autoridade dos homens, encarando o poder exercido pelas mulheres como manipulativo e ilegítimo.

O que se pode afirmar é que as diferenças e desigualdades de gênero não foram abolidas, mas sim estão sendo, constantemente, redefinidas e redimensionadas.

Alguns teóricos (GIDDENS, 1991; 2002; HALL, 2003) afirmam que um novo tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no início do século XXI, espalhando-se por todos os setores da vida social¹. Nesse cenário, as transformações da

¹ Utilizar-se-á a concepção de caráter social adotada por David Riesman em sua obra “A Multidão Solitária”. Caráter, para o autor, é a organização mais ou menos permanente, social e historicamente condicionada dos impulsos e satisfações do indivíduo – o tipo de “configuração” com o qual ele aborda o mundo e as pessoas. O caráter social é definido como a parte do caráter que é compartilhada por grupos significativos e é o produto da experiência desses grupos, permitindo, assim, falar do caráter de classes, grupos, regiões e nações (RIESMAN, 1995).

O período contemporâneo é diferentemente nomeado pelos teóricos, bem como suscita várias interpretações no campo das ciências humanas. Foi chamado de pós-modernidade na década de 80, quando estudiosos franceses (Lyotard, 1984) decretaram o fim das grandes narrativas dos mestres do Iluminismo, assim como pela corrente de autores americanos, tais como Harvey (1992), Jameson, (1991) e pelo sociólogo polonês radicado na

modernidade tendem a estender-se ao núcleo do eu, ocasionando mudanças nas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de cada um como sujeito integrado. Hall afirma que essa perda de um “sentido de si” estável provoca um deslocamento ou descentração do sujeito e que esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo. Aumenta assim o potencial de incerteza do sujeito, que passa a ser exposto a muitas possibilidades e escolhas e estas não são mais terrenos seguros para trilhar, aumentando também a angústia e a insegurança. Mostram-se, também, algumas vezes, como impossibilidades existenciais.

Em sua visão da sociedade de risco, Beck (2001) considera que, na modernidade avançada, a insegurança reconfigurou a estrutura social interna da sociedade industrial, assim como suas certezas de conduta da vida, classe social, formas familiares, status de gênero, casamento, parentesco e ocupações.

Essas transformações atingiram intensamente o casamento e a família.

Partindo das práticas ressaltadas por Bourdieu, as mulheres incorporaram os esquemas de pensamento dessa ordem simbólica androcêntrica, aplicando esses princípios a toda a realidade e principalmente às relações de poder nas quais se vêm entranhadas². E aderem à visão dos dominantes, percebendo-a como “natural”. Portanto, quando os dominados aplicam à realidade padrões de pensamento e representações em conformidade com as estruturas mesmas da relação de dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, invariavelmente, atos de reconhecimento e de submissão.

Inglaterra, Bauman, (1998). Esse período foi denominado, ainda, modernidade reflexiva por Beck, e Giddens, (1997) e também alta modernidade por este último.

Em livro recente Beck (2001) utiliza o conceito de segunda modernidade, discutindo suas características.

Bauman, em suas obras mais recentes, utiliza o termo “modernidade líquida”, onde tudo se esvai, para contrapor-se à solidez da modernidade precedente. Por uma questão de estilo de redação, neste trabalho, usar-se-ão os termos alta modernidade e modernidade avançada como sinônimos de contemporaneidade.

² O conceito de capital cultural pode ser considerado como o acúmulo de conhecimento relativo a um grupo ou sujeito específico na sociedade, incluindo aí não só a escolaridade, mas todo seu universo simbólico, ou seja, suas representações. (Bourdieu, 1989).

As disposições do androcentrismo estão presentes no cotidiano das mulheres, são vivenciadas como naturais e têm por efeito colocá-las em constante estado de insegurança corporal, transformando-as em seres para agradar o outro, cuja existência é reafirmada pelo olhar do outro. Assim é que a concepção de feminilidade é regida pelos valores inculcados pela ordem androcêntrica no campo do simbólico, enaltecendo a docilidade, a sedução e a submissão, numa forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a tornar-se parte de seu ser. Por mais que se tenha avançado no terreno do feminismo, essas determinações ainda permanecem regendo o imaginário social e encontram ressonância em corações e mentes dos agentes sociais.

3.1 MÚLTIPLAS E POSSÍVEIS FORMULAÇÕES DE IDENTIDADES: A QUESTÃO IDENTITÁRIA E O PESO CULTURAL ENTRE CASAIS TRANSNACIONAIS

Capinha (2000) aponta que a construção identitária, quando resultado de interseção entre duas línguas e culturas, será sempre múltipla e plural.

As representações relativas aos hábitos masculino e feminino permanecem influenciando as novas formas de relacionamento entre homens e mulheres na sexualidade contemporânea. Esses elementos são identificados aos “valores antigos” e tradicionais de gênero pelo senso comum e ainda aparecem operando, parcialmente, na sociedade. Ressalte-se, todavia, que, atualmente, esses valores aparecem suavizados ou reinterpretados, mas ainda povoam parte dos inconscientes (e conscientes) masculinos e femininos. Os estudos sobre gênero buscam uma maior compreensão dos fenômenos e problemas que envolvem homem e mulher no exercício de seus papéis institucionalizados.

Grande parte desses estudos é dedicada a analisar a condição feminina no que diz respeito à submissão, à opressão e à dominação frente ao homem, buscando denunciar a sociedade patriarcal em que ainda vivemos, alcançar uma igualdade entre os gêneros e analisar o atual papel da mulher frente a tantas mudanças. Outra parte, nitidamente menor, se dedica ao papel que cabe ao homem frente a esta “nova mulher”. MURARO (2001), coloca que o gênero se tornou uma categoria de análise extremamente importante, comparável, por exemplo, a categorias como raça e condição social: “E hoje, não apenas a família é vista de uma nova perspectiva, como também todas as outras instituições sociais, econômicas e políticas que são influenciadas, direta ou indiretamente, pelos estereótipos acerca de homens e mulheres” Muraro, (2001).

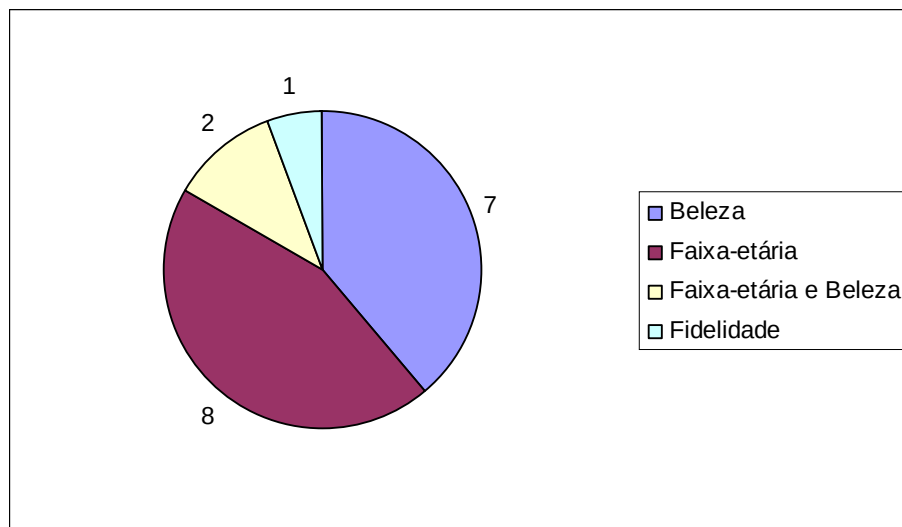
3.2 CONSTRUTOS CULTURAIS NO ENCONTRO COM O OUTRO

Castles (2005) percebe as reconfigurações de identidade na terra de imigração. O ser estrangeiro permite que se repensem, diante do outro e da terra do outro, diferentes representações de raça, nacionalidade, etnicidade e diferença sexual. É nesse sentido que a autora busca “sublinhar – quanto à transnacionalidade e ao conceito de estrangeiro – o fato de, na multiplicidade de trânsitos, se vir a selecionar ou reler construtos culturais de experiências nacionais”. As releituras e seleções dariam, segundo a autora, subsídios para lidar com poderes, assimetrias e discriminações. Assim, Castles reflete que, no que se refere às especificidades culturais, conceitos como “cultura global”, “cultura mundo” e “cultura mundializada” não dão conta da criatividade de sentidos e singularidades no processo de relações globais, nem das tensões entre identidades impostas em relações de subalternidade ou da angústia do trânsito nas fronteiras e margens, em processos de “desidentidades” ou “não-

identidades”. Dessa forma, o “não-lugar”, percebido como espaço de identidades fronteiriças e/ou marginais, permite a reanálise do “lugar”.

O que se pode, por fim, observar no conjunto de Identidades: estudos de cultura e poder são a preocupação com a discussão não só das identidades, seus significados e embates fronteiriços, mas também das desidentidades, os não-lugares, as múltiplas e possíveis formulações de identidades entre fronteiras de gênero, classe, raça e nação. Tudo isso margeado por um contexto de Estados-Nações, transnacionais ou não, devidamente hierarquizados no sistema econômico global.

As ideias que hierarquizam as relações de gênero, cor e nacionalidade estão fortemente expressas tanto nas falas dos informantes estrangeiros como nas de algumas das cônjuges destes. O conteúdo das falas revela diversas “exigências” por parte dos estrangeiros: a procura por uma esposa, a intenção de formar uma família, entre outras coisas. Um dos instrumentos de sedução masculina baseia-se na oferta de casamento e na possibilidade de sustentar financeiramente a pretendente à esposa. As palavras casamento, “relacionamento sério” e o desejo de formar uma família com uma brasileira são as mais presentes nos informantes.

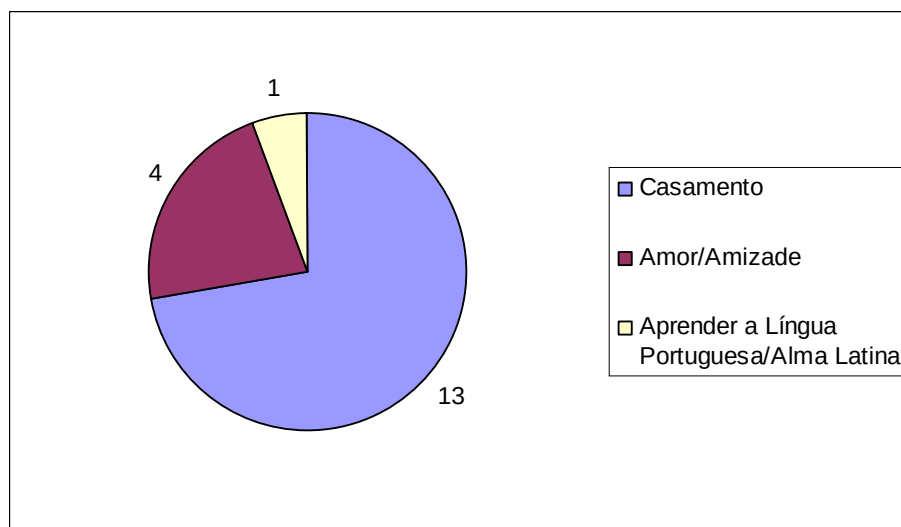
GRÁFICO 13 – O QUE ELES PROCURAM NAS MULHERES BRASILEIRAS

Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

Dois itens destacam-se: de um lado, o requisito “beleza”, com 7 casos ; do outro, o requisito “faixa etária”, que gira em torno dos vinte e seis anos aos trinta e cinco anos e constitui a exigência de 8 entrevistados. Em seguida, vem a combinação da faixa etária com a beleza, e finalmente o critério “ser fiel e honesta” está em quarto lugar nas exigências citadas pelos estrangeiros.

Os estrangeiros se apresentam como pessoas “sérias e responsáveis”, interessadas em casamento. Esta palavra é utilizada frequentemente para definir o tipo de intenção relativa à mulher brasileira.

GRÁFICO 14 – O QUE ELES DESEJAM

Total: 18 Homens.

FONTE: Dados da pesquisa.

As palavras “casamento” e “relacionamento sério” estão presentes em 13 respostas dos informantes. A procura por um “amor” ou “amizade” foi evocada em 4 respostas. Alguns apresentam requisitos que, no seu entender, seriam suficientes para o investimento em um relacionamento com uma mulher brasileira. Estes casos são expressos através do aprendizado prévio da língua portuguesa (1) ou de ter uma “alma latina” (1).

Veja-se como a representação do Brasil e das mulheres que aqui vivem parece fazer parte de uma unidade coerente nas representações desses estrangeiros. A associação entre gênero, identidade nacional, cor e excitação estão imbricadas neste modelo de representação. Trata-se de uma associação simbólica que engloba as noções de natureza tropical exuberante, de um lado, e de natureza feminina, de outro, cujo fato de ter nacionalidade brasileira e pertencer ao gênero feminino guardaria atributos específicos, como o livre exercício da sexualidade e a beleza física. Ao mesmo tempo, espera-se que as brasileiras, embora com uma sexualidade “livre”, tenham uma “vocação” para cuidar da casa e dos filhos, haja vista a alta incidência da palavra casamento referida pelos informantes. O

paradoxo entre a “mulher amante” e a “mulher do lar” parece ser dissolvido na menção à mulher brasileira, já que supostamente sua identidade abarcaria estas duas dimensões. Concorde-se com Piscitelli (2003), ao referir que a impressão que se tem é que, de um lado, as mulheres brasileiras estariam no “estado de natureza”, no que tange ao exercício de sua sexualidade, ao passo que, na esfera doméstica, ela aderiria tacitamente à divisão sexual do trabalho. Esta expectativa “masculina”, “europeia” ou “norte-americana” é, por vezes, corroborada pelos entrevistados, que concordam em apreciar fotos seminuas de suas parceiras, e alimentam, ao mesmo tempo, o desejo de “formar um lar”. Contudo, embora elas corroborem este modelo de identidade em um primeiro momento, ao longo do relacionamento estes traços identitários caricaturais tendem a formar um abismo cognitivo entre os parceiros, o que, por vezes, impossibilita a compreensão da natureza contextual e relacional através da qual essas identidades apreendem seus sentidos.

Observe-se que enquanto a fala sobre as mulheres engloba atributos que se inscrevem no próprio corpo feminino, como exercício da sexualidade, faixa etária e reprodução, os homens são definidos a partir de critérios que escapam à restrição ao corpo, e se destinam a características “cultiváveis” ou do intelecto: eles são civilizados, com todas as derivações de sentido que esta categoria possa adquirir na cultura ocidental. É curioso perceber também que, enquanto os homens/estrangeiros definem os critérios a partir dos quais eles podem aderir ou não à união com uma brasileira, o lado feminino não só não questiona esta série de exigências, como tampouco aventam a possibilidade de qualquer critério de exigência para o estabelecimento da relação.

3.3 AS FALAS: DO “ESTADO DE NATUREZA” PARA O “ESTADO DE CULTURA”

A união com um estrangeiro é vista, por conseguinte, como a passagem do “estado de natureza” para o “estado de cultura”, como podemos observar no discurso de Laura, 47 anos, que é casada com Manuel Carlos, 63 anos, Espanhol e também nosso entrevistado.

O trecho a seguir refere-se à sua adaptação na Espanha por um período que passou por lá, mesmo residindo em Natal, com o cônjuge, há mais de 10 anos.

Bom, o problema é (...) você se lembra que eu falei antes com você que a discriminação parte de você em primeiro lugar. Se você se autodiscrimina, seguramente você vai dar liberdade aos outros de te discriminarem. Quando se fala em mulata, quando se vê a mulata, se imagina uma mulata com biquíni enfiado no rego da bunda, com alguma coisa cobrindo a pontinha do bico do seio dela, com um monte de pena na cabeça e dançando samba. Eu gosto de cerveja, como você está vendo, mas não sei sambar. Eu desfilei em Escola de Samba aqui no Brasil, mas eu fazia apenas pular com a cara cheia de cerveja porque se eu não tivesse tomado cerveja, eu também não teria coragem de pular. Nunca aceitei que ninguém tirasse fotografia minha, nunca aceitei porque eu estava ali para me divertir. Não estava ali para bancar a macaca, a palhaça, na frente de uma telecâmera ou de uma máquina fotográfica. Quando alguém me pergunta lá na Itália: “Ah, mulher brasileira, pode dançar o samba?”. Eu respondo muito rapidamente: “Não tive tempo de

aprender a dançar o samba porque me botaram muito rápido numa escola”. Basta! Ali eu já fui curta, grossa e objetiva. Seguramente aquele ali, depois da insinuação de que eu seria capaz de dançar o samba, se ele tinha assim alguma outra intenção, já tirei o tesão dele em noventa e nove por cento. Se ficou um por cento é porque ele é sem vergonha. Basta! Agora, se ao invés de dar essa resposta, eu começasse a dizer: “Sim, olha como eu mexo no pé e outras coisas mais...”, acabou, acabou. Toda a oportunidade é boa e a falta de respeito começa exatamente ali, no momento em que você não sabe se impor, não sabe fazer se respeitar, vira bagunça, hein, vira bagunça.

Flávia, 42 anos, que compartilha este mesmo tipo de experiência relatada por Laura, 47 anos, apresenta uma postura diferente desta, que tem respostas claras para este tipo de preconceito. Embora Flávia admita que exista e sofra preconceito, ela não costuma revidar às insinuações dos amigos do namorado sobre a “arte de sambar”:

Porque tem uma discriminação (...) mas assim, mulher e negra, porque tem um peso muito grande em cima disso, a mulher brasileira é obrigada a saber dançar porque se você chega num lugar (...) Aliás, é obrigada a saber sambar porque se você nasceu aqui e não sabe sambar aí fica aquela coisa: “Pô, você é brasileira e não sabe sambar?”. A gente fica com aquele peso em cima de ter que saber dançar e quando não sabe você fica ali querendo aprender o tempo todo. Eu acho que eu sou uma pessoa como outra qualquer, entendeu,

que tenho capacidade mil vezes maior que qualquer outra mulher aí, qualquer outra branca, entendeu, mas as pessoas que estão me vendo vão colocar aqui uma branca e uma negra, vão achar que eu tenho que sambar, que eu tenho obrigação por ser negra. Quando eu estava do lado do “Chino” (o namorado argentino), ele gostava de ir para esses lugares e todo mundo fazia a maior pressão para eu sambar, não acreditavam quando eu dizia que não sabia.

A questão do posicionamento frente ao rótulo de ser sexualmente “quente” é tematizada tanto por Laura, 47 anos, quanto por Flávia, 42 anos, ambas “negras”, embora elas lidem diferentemente com sua identidade “racial”. Para elas, tal estigma era sentido através da obrigação de mostrar o quão exóticas eram para aos amigos do namorado ou do marido. O suposto elaborado pelos estrangeiros, a partir do qual elas saberiam e se disporiam a sambar, é interpretado diferentemente pelas duas, embora ambas percebam a recorrência do preconceito de gênero, cor e nacionalidade. Enquanto Laura faz absoluta questão em dissociar sua identidade “racial” de uma suposta identidade cultural, para Flávia esta associação, embora incômoda porque imposta contextualmente, pode ser realizada. Em outras palavras, para Laura o fato de ser negra não a obriga, em hipótese alguma, a sambar. Ao passo que Flávia reconhece a associação entre “raça” e cultura através do pedido elaborado pelo namorado estrangeiro e seus amigos como algo relativamente comum.

Como outro foco central de análise, recorta-se as trajetórias que ilustram de modo bastante sintomático os olhares femininos das brasileiras em contraste com os olhares masculinos dos estrangeiros. A composição deste quadro de representações, femininos e nacionais, de um lado, e masculinos e estrangeiros, de outro, revela o modo pelo qual ser

mulher e brasileira constitui um elemento simbólico que, do ponto de vista das brasileiras, agrega valor às suas identidades frente a mulheres de outras nacionalidades. Contudo, do ponto de vista dos estrangeiros, a visão mais frequente é de mulher latina, sem distinção de uma nacionalidade específica. Ser brasileira é interpretado pelos estrangeiros como sinal de sexualidade exacerbada, de um lado, e de uma mulher tradicional, de outro.

Cleiton, 32 anos, Português, e Márcia, 43 anos, conheceram-se em Natal, no Brasil. Ela estava num congresso e ele de férias com um amigo. Encontraram-se num restaurante bastante conhecido dos turistas, “A Toca do Caranguejo”, em Ponta Negra, e Cleiton diz que logo que elas se sentaram a mesa, ela e uma amiga, eles começaram a olhar.

No entanto, o reconhecimento do “outro” como estrangeiro, segundo Márcia, se deu de imediato: “A forma de vestir, todo mauricinho, com camisa polo, bermudas e chinelo de turista, o olhar meio perdido, a sensação de estranhamento”, fato confirmado quando o apresentador do show do restaurante perguntou se havia alguém de Portugal e eles levantaram a mão:

Confesso que foi curiosidade em beijar um estrangeiro, ver como é (...). A amiga disse que não ia pagar nada toda a noite, que eles deviam ser cheios da grana e iriam “bancar” toda a noite (...).

A não vinculação dessas mulheres às práticas da prostituição foi uma das preocupações, sendo justificada a partir do alto grau de formação e da independência financeira.

Eu queria causar boa impressão, disse para ele que iríamos rachar a conta (...) éramos mulheres independentes, falamos que fazíamos doutorado e tudo, eles ficaram surpreendidos (...).

Girona (2007) encontra como procedimento habitual nos relacionamentos transnacionais a viagem do homem ao lugar de residência da mulher como primeiro passo da busca de uma esposa ou como realização de contatos virtuais já estabelecidos à distância, sugerindo de maneira ilustrativa a ideia do homem como um “turista amoroso” e da mulher como “uma migrante por amor”.

Tais relacionamentos, ao que tudo indica, seguem os percursos de formalização da conjugalidade, havendo com regularidade co-habitação antes da oficialização do casamento entre casais que se conheceram nos mais diversos contextos, como praias, restaurantes, local de trabalho ou lugar de residência.

A gente passou a noite dançando e no final ele me levou em casa, trocamos telefone e começamos a falar pelo telefone. Outro dia, me convidou para sair, eu aceitei, saímos e a partir desse dia estamos juntos até hoje, fomos saindo, saindo (...). (Júlia, 40 anos).

Quando vim ao Brasil vim com o objetivo de investir em imóveis em Natal, juntei um dinheiro na Itália, meu país, e vim aqui mesmo como imigrante, não vim aqui casar com brasileira, vim em férias para conhecer (...) atrás de vida boa. Então conheci ela, gostei dela,

namoramos uns 7 meses e resolvemos morar juntos. Abri mão do meu trabalho e vim morar junto com ela. E nisso já tem 09 anos e meio que estamos juntos. (Vidal, 58 anos, italiano).

Pode-se concluir que os contextos de lazer e os locais públicos parecem ser os principais espaços sociais de encontros relacionados com a conjugalidade transnacional no Brasil, acrescidos nos últimos anos pela internet.

3.4 A IMPORTÂNCIA DA NACIONALIDADE

A nacionalidade e a condição de imigrante parecem ser condicionantes na construção e valorização dessas relações sociais, na medida em que proporcionam a interconexão entre as comunidades relacionadas, assim como a construção de um “lugar” que remete para o país de origem:

São pessoas que falam a sua língua, têm os teus hábitos, que também têm família que está longe, é mais ou menos o mesmo sentimento que você partilha. A conversa é outra, as risadas são outras, é diferente, é como se eu dissesse: aquele é o meu povo! (Eduardo, 40 anos, italiano).

A sensação de um Brasil reencontrado no compartilhamento de valores faz lembrar a caracterização do conceito de comunidade proposto por Baumann (2003) como um outro nome do paraíso perdido – ao qual esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos os caminhos que podem levar-nos até lá.

Piscitelli (2003) adverte para as hierarquias relacionadas com a localização estrutural das nacionalidades, em que noções de feminilidade e masculinidade vinculadas à origem nacional, classe, raça e idade se imbricam mutuamente. Nesse caso, especificadamente, estas operam tanto na autorrepresentação de Lúcia, através de sua “brasilidade autêntica”, simbolizada na forma de vestir, na sensualidade e adereços locais, como também do homem do “primeiro mundo”, rico, disponível e à procura de sexo acessível.

Eu acho que no começo ele estava em busca de sexo fácil com uma brasileira – estava de top, jeito de vestir bem exótico, que estimula o imaginário dos homens, brincos de coco, sandálias rasteiras (...)
(Lúcia, 44 anos).

Rocco, italiano, 62 anos, professor, relata a caracterização de sua parceira e a justificativa da procura por uma brasileira quando aqui chegou, há 23 anos:

(...) Ela era linda, tinha dinheiro e era carinhosa, era perfeita.

Comparados aos brasileiros, os estrangeiros marcariam uma linha divisória simbólica, a partir da qual eles representariam o estágio mais avançado da civilização, no sentido lato do termo: de um lado, seriam representantes da espécie humana (ou pelo menos do que a espécie humana deveria ser) e, de outro, enquanto indivíduos do sexo masculino, seriam provedores, gentis, românticos, belos etc.

(...) Eu acho que quando você conhece uma brasileira tem todo um encanto. Ela vai pensar coisas que você não tinha pensado antes, vai te mostrar coisas que aqui você não tem. Então, eu acho que você se apaixona pela ideia da pessoa, pela imagem. (Francisco, 45 anos, argentino).

Em contraponto, diz Vera, 50 anos:

A primeira coisa que acontece é essa paixão pela imagem da pessoa, pelo cara que vem de fora, que vai te levar para outro país. Ele tem um tipo físico completamente diferente dos brasileiros. Ele vai te levar para uma outra vida, entendeu? Vai arcar com você de uma hora para outra. O cara vai arcar com todas as tuas despesas, vai te carregar com ele para onde ele for e vai te levar para um país que pode te dar uma oportunidade de vida que você não tem aqui. Eu acho que é tudo junto. Você vai conhecer outros lugares que você não conhecia antes, que talvez você nem teria oportunidade de conhecer. É a imagem do príncipe encantado, que vai te dar um monte de coisas

que você não ia conseguir aqui. Você se apaixona pela história de amor que você pode realizar.

O tipo de relacionamento almejado por este grupo supõe a intenção não só de conjugalidade com as “brasileiras”, mas também o desejo de sair do seu país de origem rumo aos trópicos, no caso, o Brasil, para ter uma melhor condição de vida econômica mediante investimentos aqui, aliado ao fato de o homem estrangeiro, independente de sua ocupação, se envaidecer como o provedor da esposa ou namorada que seja do lar. O que não mais acontece nos casamentos europeus! Esta ideia foi verificada em muitos momentos na fala dos entrevistados.

As categorias “beleza” e “atração sexual” aparecem ou como sinônimas ou como interligadas no discurso do grupo pesquisado. A nacionalidade é interpretada como suporte à caracterização de indivíduos “quentes” ou “frios”. Esta denominação polar divide, na fala das entrevistadas brasileiras e entrevistados estrangeiros, tipos específicos de mulheres e de homens. A “frieza” europeia é dividida por gênero. A feminina é lida como “frigidez sexual” e a masculina, como “seriedade”, “responsabilidade” e expressão de um “caráter sólido”.

A interpretação da mulher europeia como sexualmente “fria” e rígida acerca das questões morais é corroborada também pelo grupo pesquisado de estrangeiros. Isto foi bastante claro quando os entrevistados responderam à pergunta: Por que você acha que estrangeiros se interessam por mulheres brasileiras?

Ah, com certeza porque as mulheres da Europa são bem mais frias. Depois do casamento, então... E ele fala que todos os amigos reclamam a mesma coisa, que a maioria das mulheres são muito frias

para essa coisa de sexo, de carinho. Por exemplo, o Neil me conta que na Inglaterra ele não se lembra de ter tido uma namorada que ele pudesse parar no meio da rua para dar um beijo. (João Afonso, 60 anos, português).

Nesse contexto, se insere a discussão sobre a dinâmica do amor e da conjugalidade nos novos arranjos matrimoniais surgidos entre casais interculturais.

A constante referencia à "gentileza" do homem estrangeiro, principalmente o europeu, pode revelar um reforço da autoridade masculina no contexto dos casamentos transnacionais, uma vez que em alguns momentos verificam-se decisões não ou pouco autônomas das mulheres, elevado grau de dependência econômica e afetiva, e a separação tradicional entre o espaço privado (destinado a mulher) e o espaço público (destinado ao homem) ou à mulher acompanhada do cônjuge.

A maneira dele me tratar, totalmente diferente, sabe? Super carinhoso, super gentil e até hoje ele é. Num muda, entendeu? E, tipo assim, que agora ele se sente mais seguro, então eu acho que já não incomoda muito (...) muito não. Às vezes eu noto que ainda tem um pouquinho de cisma, de ciúme, mas já não é igual. Mas no começo ele tinha muito ciúme, ele chegava a ser possessivo. Talvez de medo, que eu trabalhava à noite. (Ângela, 35 anos, paulistana).

Henrique, 43 anos, português, é muito mais educado (...) em termos de ajuda (...). Eles são menos machistas que os brasileiros. Eu sou do Nordeste, a região mais machista do Brasil. (Carla, 55 anos, norteario-grandense).

Porém, a nacionalidade pode não ser uma categoria analítica fundamental, uma vez que se observou que, em alguns contextos, casais transnacionais percebem os papéis de gênero de maneira semelhante.

3.5 PARADOXOS DA CONDIÇÃO TRANSNACIONAL NOS RELACIONAMENTOS

A avaliação da importância da nacionalidade na relação conjugal e principalmente a forma como os parceiros foram aceitos – seja pela família do membro da sociedade de acolhimento, ou pela sociedade em geral – são importantes para atestar que em muitas das vezes a categoria analítica nacionalidade faz menos sentido na relação conjugal em si do que para as pessoas que as enxergam.

Quando abordados na entrevista sobre a possível interferência da nacionalidade na relação conjugal, encontramos contradições entre os discursos dos sujeitos sobre uma comunidade imaginada "os portugueses" e outra "os brasileiros" e ao mesmo tempo a convicção da singularidade do parceiro, o que o exclui, dessa forma, os estereótipos negativos que normalmente emergem quando se referem à nacionalidade.

Não é a nacionalidade que interfere num relacionamento, são eles enquanto pessoas. O português é muito mais fechado que o brasileiro. Não tem como comparar, mas é diferente, como um italiano, um alemão. Quando estamos só nós é mais carinhoso, e para família dele já não é tanto. (Júlia, 40 anos).

Não faz diferença nenhuma (...) não tinha o deslumbre de namorar um estrangeiro (...) e o português não é menos estrangeiro. Eu não me considero nem mais nem menos porque casei com um português ou se são culturas completamente diferentes. Não tem é o nosso jogo de cintura, mas não é quadrado (...) me apaixonei pela pessoa e não pela nacionalidade (...). (Mara, 53 anos).

O modo como ela é, uma pessoa muito humilde, muito boa, olha, eu sou felicíssima com ela. Não acho que seja só a nacionalidade, mas também tem a ver, porque assim, a mulher brasileira, o povo brasileiro é diferente do povo português. Um povo mais amoroso, tem uma maneira de falar diferente, não se zangam tanto com a vida como os portugueses, e ela é uma mulher. (Henrique, 43 anos, português).

Entretanto, no que se refere à aceitação dos casamentos transnacionais, a grande maioria das mulheres e alguns homens aludem aos preconceitos relacionados à origem

nacional das mulheres. Assim, também, muito dos homens entrevistados foram recriminados na escolha de um cônjuge de nacionalidade brasileira, ou seja, pelo fato de ser casado com uma brasileira.

É triste assim saber que a mulher brasileira é tão discriminada, sabe, nos casamos aqui no Brasil, e aconteceu quando a minha mulher foi comigo passear na Itália, eu já senti muita discriminação, sabe (...) não por cor, mas por nacionalidade. Principalmente porque ela é mulher e brasileira. É a prostituta (...) mas isso é como as coisas saem daqui para fora, pela TV, pelos jornais, etc. (Eduardo, 40 anos, italiano).

Há mais estigma em relação a casamentos entre portugueses e brasileiras do que se fosse uma americana (...) pela fama de prostituição que as brasileiras têm. (Paulo José, 43 anos, português).

A ideia de que o casamento entre brasileiras e portugueses é de conveniência, ou seja, que a mulher está em busca somente da sua regularização em Portugal, é também mencionada pelos entrevistados.

Olha, eu acho que ainda há muitos que pensam que é um casamento por conveniência. Eu creio que sim, porque às vezes eu ouço falar (...) Porque até quando eu comecei a namorar Júlia, tinha pessoas que,

tipo assim, davam a entender que a gente tava ficando junto por isso, sabe? Lógico que era mas (...) prá mim era mais conveniente do que prá ela (...) Então eu sempre falei: ó gente, eu sou só uma pessoa comum e consciente... e não estou aqui pra me prender a uma brasileira porque eu quero ficar ou ganhar a nacionalidade, nem nada. Se eu estou com ela, é porque eu gosto, é por sentimento, mais nada. Porque eu não tava ganhando nada com isso, em primeiro lugar eu tava aqui, eu tava longe dos meus filhos que vivem em Portugal (...). (Patrício, 65 anos, português).

Ah, é assim (...) você sempre ouve uma piada aqui ou ali, não é? Tem gente que vira prá você e fala assim: "ah, enganaste a brasileira". Eu falei (...) não quem me enganou foi ela (...) eu que fui enganado. Houve opiniões, de fato, de dizer que havia uma brasileira, no sentido negativo, querendo se aproveitar de mim, aproveitar porque ela não tem nada, só tenho uma casa (...) se não fosse a ajuda dela, eu nem sei se teria isso em pé ainda (...) ela me ajuda muito financeiramente, e me ajuda muito aqui no trabalho. Depois, quando viram que as coisas funcionaram, e nunca souberam nada de ruim dela, mudaram de opinião quando foram conhecer ela melhor (...) minha família e amigos acham ela muito trabalhadora (...) (Rodrigo, 29 anos, português).

Em relação à família do membro da sociedade de acolhimento podemos observar em alguns casos uma dificuldade de aceitação do casamento, na maioria das vezes associada a nacionalidade (europeus) e ao fato destes homens serem imigrantes, ou seja, à visão de que o casamento pode ser uma oportunidade de regularização.

(...) a primeira delas foi com a família (...) Porque eu sou português, porque eu sou estrangeiro, porque eu era golpista, eu tinha outros interesses no Brasil, não gostava dela, e que eu queria que ela engravidasse prá me legalizar. (Paulo José, 43 anos, português).

Ai, eu fico muito emocionado quando falo dessa coisa ... ninguém foi no meu casamento, ninguém (...) foi no meu casamento... você sai de sua terra, debaixo das asas da sua família, chega aqui e pensa que vai ser aceito, porque você não fez nada, eu não fui culpado pela separação, pelo divórcio dela, mas pronto, mas acho que faz parte. Eu acho que não foi pelo fato de eu ser estrangeiro não, por ter sido de repente (...) não sei (...), prefiro não saber (...). (Cleiton, 32 anos, português).

No entanto, em outros casos houve aceitação de ambas as famílias, principalmente nos casos em que foram verificados uma homogamia econômica e educacional (apesar de na maioria das relações se verificar tal situação). Segundo alguns entrevistados, a cor da pele “não ser negra” também influenciou no consentimento da relação

transnacional.

Eu não tinha ideia que havia tanta discriminação em relação aos brasileiros e é pior com a mulher. A Mara foge um pouco do padrão brasileiro, principalmente por causa da cor da pele, pois pensa-se sempre que o brasileiro é de cor. Eu estava com receio de que os meus pais não me apoiassem e eles me apoiaram - a Mara foi muito bem recebida. No meu trabalho aqui no Brasil, também tenho vários colegas portugueses que são casados com brasileiras. (João Afonso, 60 anos, português).

A família dele viaja muito, tem outra visão, tem formação. Mas duas coisas foram essenciais para eu ser bem aceita: não ser negra e ter uma boa condição financeira, um cargo de chefia (...) João veio ao Brasil por ser amigo de minha família, conheceu um irmão meu em Portugal. Mas a família dele fez questão de dizer que esperava que eu fosse uma brasileira (fez o gesto de ancas grandes e decotes), a maioria das mulheres que são morenas, assim, bem tropicais, a imagem mesmo das mulheres brasileiras (...) Porque as pessoas imaginam os brasileiros pela cor, ou as formas de vestir, decotes grandes, roupas coloridas (...) e eu não faço este tipo. (Mara, 53 anos).

Assim, a criação de um estigma em relação aos casamentos transnacionais pela família dos cônjuges e pela sociedade em geral pode ser também compreendida através da forma como o próprio fenômeno tem sido abordado nas políticas públicas, enfatizando com exatidão a diferença, nesse caso de nacionalidades e estatutos sociojurídicos como forma de generalizar modelos de matrimônios transnacionais.

A concepção, pelas mulheres, do que significa um casamento de conveniência e a forma como a legislação deveria tratar os casamentos entre brasileiras e portuguesas foi conjuntamente discutido. Há um consenso entre as mulheres na conceitualização do que é um casamento de conveniência: "um casamento onde a brasileira paga para o português para se regularizar". No entanto, a forma como a legislação deveria tratar os casamentos transnacionais provoca algumas diferenças nas opiniões. Vale a pena ressaltar que a primeira argumentação se inseriu dentro da lógica repressiva, passando para uma visão de autonomia no que se refere à escolha do cônjuge.

É obvio que se há situações suspeitas, eles têm que verificar. (Laura, 44 anos)

É obvio que se há situações suspeitas, eles tem que verificar, não sei e não faço ideia do que pode ser considerado suspeito, é que é difícil (...) eu sei que, por exemplo, eu conheço uma moça brasileira que casou com um suíço, lá ela recebe visitas, eles vão lá na casa dela (...) como nos EUA. (Carla, 55 anos).

Eu acho que as pessoas que quisessem viver fora do seu país deviam poder viver mais tranquilas, não deviam passar por isso, a verdade é essa... Agora se há pessoas que dispõem a casar para tornar a vida de outras pessoas mais fáceis... Eu acho que o casamento é a vida particular das pessoas, o governo não tem que se meter nisto. (Vera, 50 anos).

Eu acho que as coisas se resolvem de uma forma bem simples: as pessoas vêm para aqui trabalhar, sejam bem-vindos, esse país precisa de gente para trabalhar (...). Eu acho que se tivesse uma política de imigração racional e uma legislação clara, que eu acho que não é clara, eu acho que isso resolveria o problema. (...) porque o casamento é problema de cada um, se casa, se junta (união de fato). (Lúcia, 44 anos).

A legitimidade do Estado em verificar se um casamento é ou não legítimo é defendido por alguns dos entrevistados, contudo, o que é considerado suspeito numa relação matrimonial e os critérios que deveriam ser levados em consideração na validação do casamento são considerados problemáticos. Por outro lado, a ideia de que o casamento consiste na vida privada dos indivíduos, não cabendo ao Estado interferir, como também a existência de políticas migratórias mais facilitadas, principalmente no que diz respeito à regularização dos imigrantes, foram questões colocadas também pelos entrevistados.

Em suma, a dimensão heterogênea dos casamentos transnacionais parece ser

afinal a regularidade de maior expressividade. Quer ao nível dos papéis de gênero, da conceitualização sobre o outro, da articulação com as categorias etárias, “raciais”, nacionalidade, quer ainda ao nível da percepção e avaliação do processo migratório e matrimonial, em todos estes níveis a heterogeneidade de soluções/casos é a característica mais assinalável. Todavia, a experiência matrimonial e, sobretudo, a experiência sexual, como nos ensinou Foucault (1988), é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos.

CAPÍTULO IV

CONJUGALIDADES EM MUDANÇA: (CON)VIVÊNCIA NOS NOVOS TEMPOS

O que se constatou, neste estudo, é a confirmação da uma tendência generalizante a uma busca de novas formas de conjugalidade, já que o modelo de família tradicional - patriarcal e hierarquizante - está cada vez mais incoerente com os outros valores da sociedade, seja em se tratando de manifestações culturais, seja em se tratando de economia e política. Não se trata de, como é comumente chamada, uma simples “crise do casamento contemporâneo”: dados mostram que as pessoas ainda buscam sua felicidade através do casamento, apesar do grande aumento no número de divórcios. Sobre isso, CARVALHO FILHO (2000), escreve que: “o que constatamos é que os indivíduos têm se divorciado, não por considerarem o casamento menos importante, mas, justamente, porque sua importância é tão grande que eles não aceitam que a vida conjugal não corresponda às suas expectativas”. Com o aumento das separações, crescem também, em número e em diversidade, as novas configurações familiares.

4.1 NOVAS (VELHAS) FORMAS DE CONJUGALIDADE

O casamento tem assumido formas novas e variadas, que podem tanto ser vistas como um sinal de falência, ou como uma tentativa de se ultrapassar um modelo que não estaria coerente com as rápidas transformações que acometem o homem contemporâneo.

Nicolaci-da-Costa (2002) sugere que o processo de transformação social é tão acelerado que muitas vezes “temos a sensação de estarmos à deriva, pois aquilo que conhecíamos como o ‘nosso mundo’ deixou de existir” (*ibid.* p. 12). A autora coloca que esta sensação é comum a vários processos de transformação em que se inicia um processo de desestabilização dos modos tradicionais de viver. O sujeito perde os seus referenciais e se vê perdido em um excesso de liberdade, desorientado e sem regras claras para seguir.

Parece que estamos vivenciando o intervalo entre a queda de padrões tradicionais e rígidos e a construção de novos modelos de casamento. O que a autora questiona é “se o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico não geram, no indivíduo pós-moderno, os sentimentos de insegurança e de estar à deriva” (*ibid.* p. 13). Acreditando que sim, e que as transformações sociais repercutem de forma muito direta nos projetos de vida individuais, temos que o sujeito contemporâneo é dominado por uma incerteza, fruto da perda dos referenciais sólidos e da necessidade de buscar novos padrões, aparentemente ainda não construídos. Deste modo, os novos arranjos matrimoniais fazem parte de um contexto social em reorganização (especialmente se pensarmos que a família não é um fato natural, mas sim uma construção cultural).

O casal contemporâneo depara-se com uma série de possibilidades de viver a sua conjugalidade, muitas delas que em nada se aproximam com o que costumamos chamar de casamento tradicional. Goldani, (1993), refere-se, como novos modelos possíveis de se viver a conjugalidade, a casais que decidem viver junto sem legalizar ou oficializar seu

relacionamento; casais que vivem em diferentes locais; homens ou mulheres que preferem ter filhos e permanecer solteiros, prática que costuma ser chamada hoje de “produção independente”; casais homossexuais com filhos através da adoção ou da inseminação artificial, para citar alguns dos possíveis arranjos. A mesma autora, reforça que muitas dessas pessoas, que optam por viver estes novos arranjos, costumam chamar seus parceiros de esposo/marido ou esposa/mulher, não só pela ausência de um melhor termo que defina o tipo de relacionamento, mas também pelo preconceito social ainda existente.

Jablonski (1995) aponta para uma série de fatores possivelmente responsáveis por essa transformação nos padrões de conjugalidade, como, por exemplo, o movimento feminista, que devido à entrada da mulher no mercado de trabalho proporcionou casamentos mais tardios, diminuição nos número de filhos e aumento da busca por igualdade de direitos e a queda da submissão à religião católica, tida inegavelmente como fator de manutenção do vínculo matrimonial, que perde seu peso como instituição impositora de normas e costumes.

De acordo com Goldenberg (1991), há um novo ideal de relacionamento conjugal, caracterizado por um relacionamento mais igualitário; a valorização da idade; a decisão conjunta e planejada a respeito de ter filhos; a valorização do trabalho profissional como fonte de realização tanto do homem quanto da mulher; a rejeição de vínculos formais e obrigatórios; a ausência de um duplo padrão de moralidade; a valorização do gozo, do prazer (não apenas sexual), entre outros.

Um comportamento apontado por Jablonski (1995), e confirmado pelo censo do IBGE em 2002, aponta para o que o autor chama de “monogamia serial”, na qual os casamentos duram em média onze anos, e, após a separação, seus membros partem em direção a um recasamento, o que costuma acontecer em média após três anos da separação. Contudo, a perspectiva em relação à média dos casamentos que terminam em divórcio parece não ter provocado mudanças concretas nas expectativas dos jovens, que, paradoxalmente,

ainda esperam que seu próprio casamento dure para sempre – mesmo que o IBGE indique que o número de recasamentos passou de 47 mil em 1984 para 95 mil em 2002 (isto é, um aumento de 102% em praticamente duas décadas), o que, de certa forma, não deixa de depor contra a “crise do casamento”.

Em relação aos recasamentos, há um aspecto que merece ser destacado: os homens têm mais facilidade em encontrar novas parceiras do que as mulheres novos parceiros. É o fenômeno que Berquó (1989) chama de “pirâmide da solidão”: na medida em que envelhecem, as mulheres veem sua chance de recasar diminuindo. Isto se deve, em parte, à maior estimativa de vida que as mulheres possuem, e, certamente, com maior relevância, ao fato de que os homens costumam se recasar com mulheres bem mais novas, o que é socialmente aceito – já a recíproca não é verdadeira. Assim, o número de homens não casados permanece estável, enquanto o número de mulheres sem nenhum tipo de união aumenta cada vez mais. Outra diferença singular diz respeito à capacidade de reprodução. A mulher, depois da menopausa, já não pode mais engravidar – pelo menos sem intervenções tecnológicas. Já o homem pode continuar reproduzindo até os 50, 60 anos, ou mais. Como coloca Badinter (1986), “vale lembrar que, apesar da probabilidade da morte do pai quando os filhos ainda são muito pequenos, a capacidade de reprodução em qualquer idade confere uma vantagem existencial e importantíssima aos homens”.

O cenário, portanto, é o de uma nova reorganização dos lares; como apontou Elizabeth Roudinesco em uma entrevista ao Jornal O Globo, em 23/03/2003, “a família não morreu, mas está sendo reinventada no cotidiano (...) Ela ainda é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças, em todas as idades, orientações sexuais e condições sociais”. Apesar disso, ainda não existem formas alternativas de relacionamento que sejam amplamente aceitas pela sociedade contemporânea e que possam substituir o modelo de casamento tradicional. É uma busca, como coloca Vaitsman (1994, p. 234):

Neste momento contemporâneo, a diferença institui-se através dos múltiplos experimentos e alternativas que se desdobram ao longo da vida, na permanente construção de um mundo social em que as relações tornaram-se mais radicalmente flexíveis e plurais.

A alteração dos vínculos entre o público e o privado e a reinvenção dos sentimentos e da intimidade amorosa criam um novo lugar para o indivíduo na arquitetura da família e da sociedade em geral. A própria conceitualização do amor que inclui os aspectos sexuais dentro do matrimônio, diferente da seleção do parceiro unicamente por interesses sociais e econômicos, colocando o casamento como meio privilegiado de obter uma posição social. (BOURDIEU, 2002).

Combinar margens de autonomia na esfera familiar cruzando com categorias sociais como classe e gênero pode gerar um olhar específico da atuação dos processos globais de modernização, que não se deram de forma análoga em todos os contextos. Na verdade, a proposta de uma liberdade amorosa, centrada no indivíduo, não quebrou todas as cadeias de homogamia social, a busca pela igualdade de gênero não acabou com a “dominação masculina”, a separação entre família e produção econômica não fez da primeira apenas um lugar expressivo de manifestação de afeto.

4.2 PAPÉIS E RELAÇÃO DE PODER NOS CASAMENTOS INTERCULTURAIS

No caso dos relacionamentos transnacionais, a relação de poder é desigual e circunscrita por uma soma de categorias como gênero, nacionalidade e mobilidade. Tem-se assim uma mulher brasileira nativa e um homem português imigrante. Entretanto, as relações desiguais são muitas vezes criadas fora da relação a dois, e sentida nas relações sociais mais amplas (família do cônjuge, local de trabalho, instituições, etc.). A própria decisão pessoal de

construir um matrimônio parece ser valorizada pela lei, pela sociedade e pelos discursos dominantes no que diz respeito à diferença cultural, limitando o pleno sentido da interculturalidade.

Dessa forma, ao invés da união de dois sujeitos, temos a união de duas nacionalidades. E será que o que motiva essas pessoas a casarem-se reside no fato de possuírem nacionalidades diferentes? E em que medida os discursos dominantes sobre os portugueses e as brasileiras fazem sentido na relação afetiva e sexual?

O fato de se considerar os casamentos transnacionais como uma eventual estratégia hipergâmica – o casamento com um cidadão “europeu” como forma privilegiada de obter uma posição social e um estatuto jurídico – tem restringido as ponderações sobre esse fenômeno, que na realidade se insere num contexto mais amplo de definições de masculinidade e feminilidade, seja em relação à autonomia, status laboral e dependência econômica e afetiva, como também em relação às opções do mercado matrimonial em que essas pessoas estão circunscritas.

É importante salientar que a diferença, então sublinhada nos casamentos “interculturais”, se inscreve em hierarquias de alteridade que refletirão tanto na relação conjugal como também na definição de papéis de gênero: o homem, imigrante, estrangeiro e a mulher nacional. As expectativas matrimoniais entre homens e mulheres nos casamentos transnacionais têm demonstrado em alguns contextos uma perda da individualização da mulher que pode ser justificada por problemas jurídicos ou institucionais como também pela falta de relações interpessoais (o companheiro passa a ser o único vínculo afetivo), bem como pela dependência econômica. As mulheres sentem-se inseguras, perdendo a autonomia, característica que marcava de alguma forma a sua identidade no contexto do contato. A incorporação de papéis tradicionais femininos dessa forma deve ser levada em consideração,

como também as expectativas em relação aos papéis masculinos a serem desempenhados pelos homens estrangeiros.

Kojima (2001) alerta para a possibilidade de construção de um novo sistema global para a divisão reprodutiva e do trabalho. Segundo esse autor, as mulheres nos países industrializados atingiram um nível individual bem-sucedido, libertando-se dos imperativos de se casar e ter filhos, ainda que não tenham conseguido mudar o sistema subjacente do capitalismo e do patriarcado que depende do gênero e do trabalho não remunerado para a reprodução humana e social.

A natureza conceitual, no que diz respeito ao modo de classificar os relacionamentos, estratégias matrimoniais e reprodutivas, renova-se de acordo com a ênfase que se pretende dar ao fenômeno. Os casamentos binacionais não são um modelo recente, mas a globalização, nas suas diversas formas, tem facilitado as reuniões de parceiros de origens diversas. Dois aspectos em particular parecem ser relevantes: o aumento da mobilidade internacional e o intercâmbio cultural internacional. O aumento das viagens e das migrações internacionais pode ser considerado um importante fator que promove o aumento das relações íntimas, mas a utilização de tecnologias como a internet, sem dúvida, contribui para o aumento do fluxo de informações.

Uma das primeiras terminologias a serem utilizadas e que se refere, sobretudo, a uniões entre indivíduos de religiões divergentes e relações interracialiais, foi a de “casamentos mistos”. Esse termo é ainda encontrado nas bibliografias recentes (GOLDANI, 1993) para caracterizar matrimônios celebrados quando um dos cônjuges é estrangeiro. O “misto” passa a representar indivíduos que possuem origens nacionais distintas, sobretudo em estudos sobre a experiência colonizadora e os seus efeitos de crioulização, mestiçagem e miscigenação.

Posteriormente, encontra-se o conceito de casamentos interculturais, que implica a noção de uma comunidade étnica imaginada, em que a cultura é fixada na maioria das vezes em estereótipos e visões culturais simplificadas.

O papel dos estereótipos na escolha do cônjuge tem sido explorado por diversos autores (VALE DE ALMEIDA, 1998; SALES, 1999; PEREL, 2002; PIERUCCI, 1990; e ORTIZ, 1994), tanto como forma de incentivo à escolha de um estrangeiro – que envolve as suas definições de gênero e os papéis desempenhados no casamento – como na influência na aceitação social do casamento exogâmico e na reação das autoridades.

Assim, o jogo da fantasia e imaginação, a manipulação das representações culturais e o próprio desempenho dos estereótipos – assim como potenciais desequilíbrios – são todos críticos para analisar as relações transnacionais. Torna-se então necessário avaliar quais são as diferenças entre as expectativas e a realidade, e de que maneira as visões estereotipadas dos estrangeiros seduzem ou repelem, e como é que as pessoas lidam com a experiência das diferenças, possibilidade de mudança, mobilidade ou com o sentimento de desterritorialização e de alienação cultural.

Apoiando-se na fala de nossos sujeitos, destaca-se a afirmação de Patrício, 65 anos, português, de que a nacionalidade interferiu de maneira positiva, como também foi importante na decisão da escolha de Júlia, 40 anos, cearense, como sua atual esposa, principalmente depois de ter conhecido o Brasil.

(...) Eu fiquei muito deslumbrado com a maneira de ser das brasileiras e a maneira despreocupada como encaram um relacionamento humano, físico, as argentinas acho que são muito mais... às vezes eu tenho medo da generalização, mas de um modo geral... eu penso que a mulher brasileira e o homem brasileiro,

talvez pelo clima, sei lá, cultura, estão habituados a ser menos depreendidos, menos complexados com o seu corpo, a relação física, humana e eu depois de conhecer pessoas brasileiras gostei dessa postura, dessa maneira de estar, essa maneira de ver as coisas (...) parece que ter uma relação sexual entre um homem e uma mulher, no meu país, às vezes pode ser um drama, é quase um crime, aqui não, as pessoas fazem porque o apetecem, porque não tem que dar satisfações a ninguém, porque são humanos, uma série de fatores que fazem com que as pessoas se entreguem na boa, desde que queiram”. (Patrício, 65 anos, português).

(...)

Eu achei que ter uma relação com uma mulher brasileira era mais engraçado, mais próximo, sei lá... E foi por isso que comecei a sentir interesse por me envolver com mulheres brasileiras. E daí que eu estava receptivo mesmo a encontrar uma mulher brasileira, e quando eu falo mulher, falo esposa. E isso também facilitou as coisas, eu conheci a Júlia, gostei dela, namoramos, desde o início tivemos uma relação muito aberta, franca, descomplexada, tendo em conta a nossa diferença de idade, até nisso seria muito mais difícil acontecer com uma mulher portuguesa. Uma mulher de 40 anos, se interessar por um homem de 65. Isso aconteceu e nós gostamos um do outro”. (Patrício, 65 anos, português).

A importância da interpretação comparada dos diferentes contextos migratórios torna-se relevante à medida que flexibiliza as definições do outro estrangeiro; aquilo que BEJAR (1990) denominou de “mercado simbólico de fronteiras de diferença” (1998, p. 8). Assim, há uma hierarquia de aceitabilidade dos estrangeiros de acordo com a definição coletiva e pessoal do “outro” mais próximo, mais familiar, de uma presença mais tolerada ou admirada. Baumann (2003) argumenta que essa informação poder ser definida apenas através da autorrepresentação do que é considerado estranho, necessariamente embutido na evolução política e socioeconômica das relações entre os grupos.

No contexto escolhido, pode-se observar uma falha temporal entre o tempo colonial e a atualidade. Porém a imigração (que se torna visível a partir dos finais da década de oitenta) reformula as imagens recíprocas, sobretudo no caso particular entre Portugal e Brasil. O aumento do turismo internacional para o Brasil, o acesso massivo à cultura brasileira através principalmente da imprensa televisiva, bem como a intensificação dos fluxos migratórios direcionados para Portugal tem alterado as representações sobre o Brasil em Portugal e vice e versa. Machado (2006), através do conceito de “jogo da centralidade”, atenta para o caráter performativo da identidade, que de forma consciente faz com que o indivíduo se sinta mais “autêntico” quando se torna mais próximo da imagem que os outros fazem dele.

Ainda no tocante à identidade, nota-se que o trabalho é o principal caminho para os processos de exotização, já que os lugares oferecidos pelo mercado de trabalho brasileiro são relativos aos estereótipos: animadores, músicos, capoeiristas, dançarinos, jogadores de futebol e atendentes ao público em geral.

A cor da pele, em alguns casos, ocorre como um marcador importante para o reconhecimento da brasilidade por parte dos entrevistados, ou ainda a ideia da “raça” brasileira como consequência da miscigenação (LESSER, 2001), como se pode observar nas falas seguintes:

Pelo corpo, pelo jeito de falar, a mulher brasileira é diferente, o jeito de vestir, o sorriso (...) Pela cor, o brasileiro tem um rosto corado, come feijão (...). (Rodrigo, 29 anos, português).

Assim, normalmente as pessoas definem uma brasileira pela cor, por exemplo, as portuguesas são mais branquinhas e as brasileiras mais amulatadas, mais escurinhas. (Cássio, 29 anos, português).

A autorrepresentação de alguns entrevistados é feita através de discursos embasados no sensualismo e exotismo da mulher brasileira, sobretudo quando se faz necessário o confronto e o estabelecimento da diferença em relação à nacionalidade brasileira e ao gênero feminino.

São diferentes no corpo – mistura morena, mulata – a minha esposa tem as três raças no sangue. Eu falo que ela é quente e para mim isso é normal... mas acho que temos algum controle através do sexo... Não acho as portuguesas bonitas, são frias (...). (João Afonso, 60 anos, português).

(...) E elas não são muito de contato, de amor, de sexo, essas coisas, e as brasileiras sim, são diferentes... então nós buscamos isso, suprir aquele envolvimento que as europeias não têm, e vamos para a brasileira porque já que quem faz a fama, deita na cama. Vamos atrás disso. (Ângelo, 48 anos, espanhol).

Do ponto de vista sexual acho que a nacionalidade não interfere muito... mas eu acho que a mulher brasileira é diferente da portuguesa. Eu conheço portuguesas que estão sem ter uma relação sexual há 5 anos, divorciadas, e dizem que não querem mais saber de homens... então assim que a mulher brasileira gosta mais de sexo do que a mulher portuguesa (...). (Henrique, 43 anos, português).

De outra forma, encontra-se no terreno um contra-discurso, revelado tanto nos informantes estrangeiros casados com brasileiras, como nos depoimentos de mulheres brasileiras casadas com estrangeiros, objetivando a desconstrução do estereótipo. Através da distinção social (discursos de classe), ou da vinculação a uma origem “europeia”, constroem narrativas identitárias que pretendem destoar do imaginário estereotipado acerca das brasileiras.

Eu vim quase que já com a promessa de quando voltaria para a Itália. (...) Eu tinha um emprego muito bom, ganhava bem. (...) E eu não vim para arriscar, porque se eu quiser voltar tenho a minha casa na Itália, posso encontrar emprego, então como tinha essa segurança não me custou vir para cá, ficar junto dela. (Eduardo, 40 anos, italiano).

Criou-se um estereótipo negativo, em que as mulheres brasileiras são vistas como prostitutas ou empregadas domésticas, e os homens são

bandidos potenciais, que o Brasil é um país miserável, e que a maioria dos que aqui estão são oriundos de favelas. No meu caso, talvez por meu marido pertencer a um nível sociocultural mais elevado, e eu também ser de origem semelhante, não existe esse tipo de preconceito no núcleo familiar. (Flávia, 42 anos).

O meu Estado foi toda uma colônia dada à Europa. Minha mãe era descendente de italiano, os meus avós eram alemães, só uma parte da minha família é que era descendentes de negros (...) era tudo uma mistura. Mas as outras pessoas que não tiveram esse contato sentem muito mais, é completamente diferente, o humor, a alimentação, postura, tratamento, nós (os europeus) somos completamente diferentes, mais frios, mais fechados, não demonstramos afeto com facilidade. Isto é o que nos deixa vulneráveis no Brasil. (Giovanny, 57 anos, italiano).

4.2.1 Intercruzamento nos fluxos matrimoniais: etnicidade, gênero e migração.

A distinção racial também é utilizada por homens estrangeiros ao considerarem que a sua atual parceira não corresponde ao padrão estereotipado da brasilidade. Apesar de admitirem que, no contexto europeu, o reconhecimento da brasilidade se dá na maioria das vezes pela nacionalidade e não pela cor da pele, esta é uma das narrativas encontradas frequentemente:

A Joana foge um pouco do padrão brasileiro, principalmente por causa da cor da pele, pois pensa-se sempre que o brasileiro é de cor. Eu estava com receio de que os meus pais não me apoiassem e eles me apoiaram – a Joana foi muito bem recebida. No trabalho também, pois tenho vários colegas que são casados com brasileiras. (Neil, 43 anos, americano).

(...) A cor foi importante – ela é descendente de holandesa – eu vou ser sincero, você pode achar que sou racista, mas nunca me senti atraído por uma pessoa de cor. Apesar que em meu país o preconceito não é pela cor da pele, mas sim pela nacionalidade. (Neil, 43 anos, americano).

A ambiguidade e contradição destas declarações refletem, desde logo, a dificuldade na definição de padrões de brasilidade e no tipo de preconceito (racial ou nacionalidade) a que os casais estão sujeitos e os que motivam a escolha do cônjuge. No entanto, quando o marcador é racial, as mulheres brasileiras são distinguidas pela cor “morena” ou por marcadores raciais fluidos, consequência do ideal de mestiçagem, normalmente associado também a uma “mulher quente”, o que poderia justificar um maior número de casamentos entre brasileiras e portuguesas.

Dessa forma, no presente trabalho, pode-se fazer uma análise que transcenda o reducionismo moralista e unidimensional visto nas relações de poder e desigualdades apoiado na nacionalidade, em favor de uma compreensão complexa das expectativas dos membros do

casal em relação ao matrimônio, sejam elas emocionais, políticas, econômicas ou sociais. A própria escolha dos termos transnacional/binacional faz sentido na medida em que dá ênfase aos fluxos e não a categorias fixas, como nacionalidade ou raça. Nesse sentido, seria possível falar de casamentos transnacionais com indivíduos da mesma nacionalidade, desde que esses tivessem como característica da relação a mobilidade de um ou dos dois membros do casal. Machado (2006), sugere o termo “casamentos transnacionais” para configurar a rede transnacional que é criada pelos próprios atores, bem como as operações de recursos econômicos, políticos e culturais entre o envio e a recepção das comunidades (os fluxos). Desse ponto de vista, o termo transnacionalismo sugere não o fim do Estado-Nação, mas centra-se na forma como os atores, nas suas escolhas e oportunidades de matrimonialidade, são mediados pelo Estado – com respeito aos imperativos legais, éticos e morais locais.

Vale à pena reforçar novamente que a temática dos casamentos transnacionais, ou especificamente das relações afetivas e sexuais transnacionais, não se insere em contextos anteriormente estudados no domínio da transnacionalização do mercado sexual – em que a dimensão afetiva é incorporada no turismo sexual – assentado na lógica linear de jovens brasileiras que deixam o país acompanhadas por turistas sexuais ou que são vítimas de tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual.

Por fim, o Estado e as leis também interferem na medida em que regulam sobre o que constitui um casamento; quem pode casar com quem; e as políticas de imigração que também podem desempenhar um grande, mas muitas vezes esquecido, papel na limitação da escolha do cônjuge.

Outro fator importante reside no fato de que muitos dos casais que possuem relacionamentos transnacionais optam pela institucionalização da relação devido à limitação das possibilidades de regularização do cônjuge – como nos casos, por exemplo, do visto de residência para trabalho ou do reconhecimento da união. O fato de utilizarem o casamento

como forma de "legalização" do cônjuge estrangeiro não confere à relação o adjetivo de conveniência. Porventura, é, sobretudo, a tentativa de limitar riscos e de procurar maior segurança (familiar, emocional, jurídica) na estadia no país de acolhimento. Na verdade, a escolha pela celebração do "contrato" de casamento poderia ser adiada ou substituída pela união de fato, se o problema da regularização não fosse uma realidade.

Os modelos esperados no papel de homem/mulher são referidos pelos entrevistados, desde a tomada de decisão do local de moradia do casal, bem como na interpretação do dia a dia conjugal. A caracterização de regiões no Brasil onde os papéis masculinos esperados são mais rigorosos e a ideia de que a mulher se adapta melhor, encontram-se nos discursos dos entrevistados.

As mudanças que se pode observar na conceitualização e na experiência do amor, do casamento e da sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Nesse processo, a chamada revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental. Esse tema foi também objeto de análise de Giddens (1993), para quem as novas formas de relacionamento que resultaram dessas mudanças têm como base a igualdade e os princípios democráticos que o século XX tornou visível.

Já as grandes mudanças observadas no casamento, segundo Ariès (1981) iniciaram-se com a modernidade. A valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa, estabelecendo o casamento por amor, com predomínio do erotismo na relação conjugal. Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas positivas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio. Mas essa imposição teve muitas consequências e contradições. Uma delas é que acabou criando uma armadilha para os casais na medida que se acentuaram as "idealizações" e conseqüentemente os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das

expectativas. As elevadas taxas de divórcio aparentemente seriam a ponta deste iceberg interpretativo.

Para Giddens (1993), se uma intimidade plena e sem clausuras emocionais ou de outro tipo de poder implica uma total democratização do domínio interpessoal, esta é plenamente compatível com a democracia na esfera pública, sublinha aquele autor. Esse processo de "democratização das relações pessoais" afeta profundamente as representações e vivências do casamento. Assim, principalmente entre os segmentos médios urbanos mais intelectualizados, o casamento tradicional, regido pela dominação masculina, vem dando lugar a outras formas de arranjos matrimoniais, nas quais a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento. A transformação da intimidade passa necessariamente por uma transformação dos papéis de gênero.

Acrescenta, finalmente, Giddens (*ibid.*), que no processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas.

Recorrendo novamente às falas, veja-se como se configuraram as relações amorosas descritas por diferentes sujeitos dos casais binacionais:

Acho que é assim, a paixão vem com esse fogo inicial. Aquele encontro. Aquela troca de olhar que você se apaixona e fica. Dá aquele fogo. Aí você escreve poemas, deixa recado na secretária, manda flores, faz música, faz tudo. Brinca. Paixão tem muito humor. Tem muita brincadeira, tem muita felicidade. Paixão é uma delícia. O estado da paixão. Só que depois de um tempo tem paixões que se apagam e têm outras que evoluem e a essas chamo de amor. O amor é aquele, é quando você aprende com o outro. Quando você começa a

abrir suas fragilidades para o outro. Quando você começa a tirar os segredos. Quando você começa a tirar uma casca. A paixão tem casca. A paixão eu acho (...) você está de personagem ainda. Você está vestido. Tem uma armadura na paixão por mais fantasiosa que ela seja, por mais louca, tem uma maquiagem. Acho que o amor é sem maquiagem, sem armadura. É quando você está nu, literalmente. Aí, quando você está nu o outro gera em você muita descoberta. Até coisas que te incomodam.

(...) Começa a rever conceitos. Começa a aprender com o outro. Quando você está aberto a aprender. Aberto para ouvir. Ouvir. Ouvir mesmo. Ouvir e refletir. Isso só acontece no amor. Na paixão (...) A paixão é muito em torno do prazer. Tudo é prazer na paixão. Vou ouvir tudo que vai me direcionar ao prazer. Quando começa a ficar chato eu mudo. Dou volta e não sei o quê. Agora, o amor, não. O amor tem dia que você vai para a cama e transa sem transar. Às vezes uma conversa é uma transa. Isso é o amor. (Ângelo, 48 anos, espanhol).

Aqui, as diferenças e semelhanças encontradas nas entrevistas referem-se, preponderantemente, à perspectiva de gênero, na qual valores e papéis atribuídos aos sentimentos e práticas envolvidas nos relacionamentos afetivos são resultantes da socialização sexuada, que ainda permanece como eixo estruturador das ações sociais.

Em todos os depoimentos, subjaz a tensão entre o velho e o novo, entre duas formas de sociabilidade, e a conformação a comportamentos socialmente aceitos e

valorizados. É como se os relatos transcorressem num cenário em transformação, no qual, embora antigos condicionamentos permaneçam como pano de fundo, novas disposições vão sendo erigidas sobre as antigas.

Num livro que enfoca os estudos sobre o amor romântico, Costa (1999) inicia a introdução relatando um filme intitulado *Terra das Sombras*, cujo enredo enaltece o valor do amor como sentimento superior a todos os demais, sem o qual a vida parece destituída de significado. E o autor acrescenta: “esta imagem do amor, típica do romantismo, nos é totalmente familiar. Ela domina o imaginário no qual o amor erótico é o signo do supremo bem” (*ibid.*, p. 11). De fato, basta um olhar para a produção artística e literária do nosso tempo e percebe-se que, como tema, o amor continua a ocupar um lugar privilegiado na sociedade. Faz parte da idealização do amor não só considerá-lo como um sentimento universal e, portanto, “natural” ao ser humano, presente em todas as culturas, como lhe é atribuído valor em si, independente de quaisquer outros interesses humanos.

Corroborando a afirmação acima, para a maioria dos entrevistados as relações afetivas constituem parte importante de suas vidas. A relação amorosa, entendida como fundamental para a realização pessoal dos indivíduos, marcou presença em todos os relatos. Estes indicam que o sentimento do amor continua a ser bastante valorizado.

Praticamente todos os entrevistados gostariam de manter relações amorosas compensadoras, não importando a forma do vínculo. Percebe-se, pelo relato dos depoentes, que, como aponta Costa (*ibid.*), esse sentimento continua a ocupar um lugar privilegiado no imaginário dos indivíduos, a despeito das transformações dos últimos trinta anos, que inauguraram novos modos, mais flexíveis, de sociabilidade amorosa. As formas dos vínculos amorosos transformaram-se, mas o ideal permanece incólume.

Atualmente, os laços afetivo-sexuais dão-se num contexto novo, no qual, pelo afrouxamento de padrões morais rígidos, há maior liberdade de ação. Todavia, o ideário do

amor romântico ainda está presente nos depoimentos de grande parte de homens e mulheres, fazendo parte de um imaginário social recorrente. Essa valorização do amor como sentimento perpassa toda a cultura ocidental (ROUGEMONT, 2003) e permanece ainda viva nos relatos dos entrevistados, e é manifesta pelos depoentes na vontade de viver uma relação amorosa ou no desejo de encontrar parceiros satisfatórios.

É interessante observar como, no relato de Vera, a importância da dimensão afetiva é marcadamente preponderante. Já no início da entrevista ela declara o fato:

A minha experiência afetiva é uma coisa assim, é muito comprida nessa altura do campeonato. Fui casada duas vezes. Mas o meu casamento mesmo, assim, com quem é o pai da minha filha e tal, durou 17 anos. No total, durou uns 20. Vinte anos da minha vida ocupada com um mesmo homem. Um homem por quem eu fui apaixonada. Por quem eu me dediquei mais e abri mão, talvez, de um monte de coisas. Mas eu tive muitos namorados. Isso é até uma coisa que tenho discutido na minha análise, como é que a relação com um homem e a vida afetiva para mim tem um lugar muito importante. É quase que ter um lugar central na minha... na minha existência. Um lugar existencial muito importante. Tenho agora até trabalhado isso na análise porque eu acho que é um lugar grande demais para o momento que estou vivendo. Eu queria que ele fosse menor. Que ele diminuísse um pouco. (Vera, 50 anos.)

Vera faz parte do contingente de mulheres chefes de família, inseridas no mercado de trabalho em postos valorizados, pertencente às camadas médias intelectualizadas. No entanto, o lugar “central” que o domínio afetivo ocupa em sua vida é considerado por ela mesma “grande demais”. Poder-se-ia dizer que a valorização do sentimento amoroso é quase um estereótipo social, que se revela no cinema, na TV, na literatura e em outras manifestações da indústria cultural. A necessidade de viver um grande amor faz parte do imaginário feminino (e ao que parece, também, do masculino) e a sua não concretização traz um sentimento de frustração e desencanto, não obstante todas as outras conquistas obtidas na vida. Parece que se instaura um “buraco afetivo” no eu dos indivíduos. Essa concepção do amor romântico, como uma coisa imprescindível na vivência das pessoas, não foi só prerrogativa das falas femininas e apareceu também nos relatos masculinos.

A história de Giovanny, como exemplo emblemático da permanência do ideal romântico, é bastante significativa. Tal como nos romances de amor, ele esperou vinte anos para reaver a companheira, à qual devotava um afeto especial, e com quem mantém uma relação estável há dez anos. Residindo no Brasil desde criança, casou-se jovem, com uma colega do curso pré-vestibular. Permaneceram juntos por seis meses e a moça rompeu o relacionamento, sem maiores explicações. A partir daí, seguiram caminhos diferentes. Ela casou-se, teve duas filhas e ele, nos anos 60, seguiu a militância política, enveredando na clandestinidade. Algum tempo depois, ele se casou novamente e teve três filhos. Permaneceu casado por cerca de treze anos, separando-se a seguir. Em seu próprio relato, a sua vida afetiva:

Só fui namorar quando estava fazendo cursinho. Só em 69. Até então, no máximo, assim, teve um, como é que eu diria?, um casinho, uma coisa assim. Nem lembro como se chamava na época. Namorar

mesmo só quando eu estava fazendo o cursinho. Que veio a ser na verdade a minha primeira mulher. Terminei casando com ela e tal. Entramos juntos na faculdade. Ficamos três anos casados e depois nos separamos. Nos separamos por conta daquelas paixões que acontecem na vida das pessoas. No caso, comigo. Aí fiquei 6 meses assim. Não chegou a ser um casamento. Mas era uma coisa de se encontrar todo dia. Mas em seguida também acabou porque essa companheira resolveu romper sem nenhuma explicação. Pouco tempo depois eu me casei de novo. Já com outra pessoa com a qual eu fiquei... Não sou muito bom de contar datas. Mas acho que de 12 para 15 anos. (...) Tenho 3 filhos com ela. A única com quem eu tive filhos. Dessa eu me separei. Coisa de uns 10 anos. Quando eu me separei coincidiu que aquela paixão de 6 meses e tudo mais... a gente se reencontrou. Estamos nos relacionando até hoje. Eu a considero como a minha companheira. Dez anos já. Não se pode dizer que é namoro. (Giovanny, 57 anos, italiano).

Para o entrevistado, sua relação mais marcante é essa, com a companheira de seis meses, objeto de sua paixão, cuja ruptura provocou-lhe imensa dor, segundo seu relato:

Doeu muito esse rompimento? Profundamente. (silêncio) É difícil. Não. Com certeza. ... Essa ruptura é o seguinte. Na época era isso, “Não. Não quero mais”. Certa avaliação que eu fazia naquele momento era o seguinte, “Eu estou apaixonado e ela também está

apaixonada”. Não sei isso vale para os outros. Não gosto de generalizar a minha visão na experiência dos outros. Para mim, eu tenho um método muito simples de saber isso. Desculpa a expressão. É dar uma puta de uma trepada. Sente que a pessoa sentiu tanto prazer quanto você e vem falar, “Não. Não quero mais!”. Essa era a visão que eu tinha, “Isso não faz sentido!”. Aceitei. Não fiz qualquer tipo de chantagem. De ficar atrás. De encher o saco. Nem nada disso. Perguntou o porquê? Sim. Mas a resposta foi essa: “Não quero mais”. (Giovanny, 57 anos, italiano).

Giovanny permaneceu fiel a esse afeto por vinte anos e sentia necessidade de esclarecer que permanecia preso a esse envolvimento ao se relacionar com outras mulheres. É um caso clássico de amor romântico. Estão presentes nessa história a singularidade e a exclusividade reclamadas pela relação amorosa única e intransferível.

Hoje, (...) a gente voltou depois de 20 anos. Reatamos, vamos dizer assim. Conversamos muito sobre isso e a explicação que eu tenho, que bate e acho que é razoável, é a seguinte: ela queria viver muitas experiências. Que era muito comum nessa época. A relação da gente que era uma relação de paixão, de compromisso, por essa via impedia isso. Foi. Foi e teve todas as experiências. Casou e teve filhas e tal. Viveu tudo que era necessário viver. Depois de 20 anos, “Olha, realmente precisamos reatar”. Ótimo. Durante esses 20 anos, na verdade, eu posso dizer assim, com tranquilidade, fiquei à disposição

dela. À disposição, assim. Fui viver a minha vida afetiva. Mas fiquei à disposição. Nenhuma das pessoas com as quais me relacionei nesse período eu neguei que tinha essa paixão não resolvida e me colocava assim na relação. Nem sempre gostavam muito, mas eu tinha uma puta necessidade de falar isso.

Nunca acreditei nessa história de viver mil paixões. Nunca acreditei muito nisso. Para mim pelo menos não é bem assim. Não é que eu não tenha me apaixonado, mas [a gente] sente que não é a mesma coisa. Não é aquela relação que você está querendo. Por isso que mexe um pouco comigo quando falo disso.

Eu me consideraria um idiota, em todos os sentidos, se eu parasse de viver. Pelo contrário. Era fundamental que eu fosse à luta – para utilizar uma expressão de hoje. Procurasse tirar o máximo de prazer da vida, em todos os sentidos. Inclusive no afetivo. Mas sempre foi um entrave. Eu tinha necessidade de falar para as minhas companheiras, nesse período de 20 anos, exatamente para não (...) .Era um direito delas saber disso. Que eu gostava dela. Porque estava com ela porque gostava e tudo mais. Mas que tinha aquela coisa lá, né. Aquela espinha encravada que doía. De um modo geral a maioria respeitava e entendia. Não se fala mais no assunto e acabou. Está comigo. Então, está bom.

A história, diga-se, ainda, tem lances romanescos, como o fato de, no início, a dupla não saber seus nomes verdadeiros, uma vez que ambos eram militantes políticos e então só se tratavam pelo “nome de guerra”.

A propósito. Essa da paixão também era militante. A gente estava assim na maior das paixões. Ela não sabia o meu nome e eu o nome dela. Só os nomes de guerra.

Tal como Vera, para Giovanni a relação afetiva adquire um caráter central na vida do sujeito, fazendo parte de uma identidade indissociável, sem a qual a vida não se mostra satisfatória. Assim, segundo seu depoimento:

Porque para mim, a vida afetiva, a vida sexual é algo absolutamente fundamental. Vamos dizer assim, como um dos pilares para você ter uma vida razoável. Você precisa ter uma fonte de renda, um emprego, alguma coisa. Trabalhar é legal. Ou pelo menos ter uma fonte de renda, de preferência do seu trabalho. Fruto do seu trabalho. Ter uma vida afetiva razoável. Ter amigos. São questões fundamentais.

Essa disposição de encontrar um parceiro segundo o ideal do amor romântico permanece nos depoimentos da maioria dos entrevistados. Faz parte de um imaginário recorrente, em que estão presentes os principais componentes do envolvimento amoroso: a “naturalidade” e universalidade do sentimento amoroso; a singularidade do objeto de amor; o amor como força incontrolável, independente da vontade dos indivíduos, e condição para a felicidade máxima, como grande conquista de vida. (COSTA, 1999).

Essa ideia do amor como sentimento universal é igualmente defendida por Paz (1994, p. 34) ao dizer que “o sentimento amoroso é uma exceção dentro dessa grande exceção

que é o erotismo diante da sexualidade – mas é uma exceção que aparece, porém, em todas as sociedades e épocas”. Para o mesmo autor, entendido como “misteriosa inclinação passional por uma única pessoa” (*ibid.* 35), o que variaria no amor seriam as formas culturais de expressão ligadas às diversas sociedades. Ele ainda considera a liberdade como condição básica para o afloramento desse sentimento.

Mas, ao mesmo tempo, Paz não é condescendente com as formas nas quais o amor se transmutou na sociedade contemporânea. Na sociedade de consumo, ele teria se transformado em mercadoria e, assim, “deixamos a liberdade erótica ser confiscada pelos poderes do dinheiro e da publicidade” (*ibid.*, p. 142). Considera que esse fenômeno da transformação do amor em mercadoria teria alcançado proporções inusitadas e uma mudança em sua natureza: imaginava-se que a liberdade sexual acabaria por suprimir tanto o comércio dos corpos quanto o das imagens eróticas. A verdade é que ocorreu o contrário. A sociedade capitalista democrática aplicou as leis impessoais do mercado e a técnica da produção em massa na vida erótica. Assim a degradou, embora como negócio tenha tido grande sucesso.

Todos os entrevistados manifestaram em seus relatos o sentimento positivo da importância da relação amorosa. Mas, de modo geral, as mulheres sentem-se mais à vontade para falar do amor e fazer grandes narrativas a respeito do assunto, usando linguagem poética e figuras de estilo. Parecem gostar disso. Já a maioria dos homens tende a remeter, de forma mais pragmática, ao sentimento, não sabendo muito bem como defini-lo, servindo-se de situações mais concretas. Isso reflete os condicionamentos da socialização feminina, que incentivam as mulheres a lidar melhor com os sentimentos que os homens. Assim, pode-se perceber essa diferença nas falas masculinas e femininas a seguir:

O amor? É você se dar bem com uma pessoa. Eu não fico fantasiando e achando. A coisa simplesmente acontece. Acho que se você fica correndo atrás, aí, você vai se decepcionar. Não sei se eu tive, ou não

tive sorte. No momento, eu não tenho namorada. Mas não fico correndo atrás de achar e tentar conhecer. Não sei se tive sorte. Comigo acontece pelo fato de tocar, enfim. Sempre acontece algum rolo e você não fica muito tempo sozinho. Mas “tipo assim”, não fico pensando o que é o amor, e o que vai acontecer. Você tem que ir dando corda e vai se relacionando e constrói uma história ou não. Agora, nunca fiquei pensando o que é, o que não é. (Paulo José, 43 anos, português).

Ele [o amor] tem alguns componentes. O desejo de um pelo outro. Se sentir bem um com o outro. Compartilhar – e volto a insistir nisso – os aspectos culturais da vida e tudo o mais. Encarar de forma prazerosa. Dar continuidade à vida com o outro. Não tenho uma definição. Acho que esses são componentes do amor. Ter um carinho todo especial. Ser uma pessoa única em toda a humanidade. Não existe ninguém igual àquela pessoa, que tem defeitos, problemas, mas é única. Uma pessoa com quem você quer dar continuidade à sua vida. Esses são os componentes, eu acho. Mas definição de amor... Eu não sei. Não tenho não. (Vidal, 58 anos, chileno).

O que é o amor? Putz! Não sei. (risos) Se eu soubesse...O amor é uma porção de coisas. O amor tem uma porção de componentes e vai mudando de coloração e passa por várias coisas, várias fases e passa

por várias sensações. Você não sente o amor em só um lugar, você sente em vários. (Henrique, 43 anos, português).

O amor é como... Eu vou usar uma palavra que já usei algumas vezes nesta entrevista. Digo que o amor é o fogo da vida. E o amor no sentido mais amplo da palavra. No sentido de troca, envolvimento. Como as ondas do mar. É muito intenso e ao mesmo tempo muito sereno. Ele eleva, ele acalma.(...) Na troca, sentir o amor no carinho. Sentir o amor no olhar. Quando eu falo do fogo da vida é porque vem um impulso, uma pulsão interna, uma pulsão de vida que te leva a olhar para essa onda do mar tão intensa e ao mesmo tempo tão serena e vem a marolinha. Acho que faz a gente brilhar, se sentir bem. Faz a gente ver o colorido da vida. É fogo que queima. Por outro lado, queima quando não alimentado na mesma instância, quando não correspondido. Por outro lado, ele aquece e brilha quando correspondido, quando trocado. Mesmo não sendo correspondido. Mesmo não sendo reconhecido, talvez, pelo outro, mas quando é próprio e verdadeiro continua tendo esse fogo e esse brilho. Por vezes, ele queima. Mas continua numa intensidade positiva. (Laura, 47 anos, norte-rio-grandense).

Ah, eu acho que [o amor] é uma celebração. Tem um livro. Não me lembro o nome dele agora que fala do amor como uma coisa

suplementar. Não é uma coisa utilitária. Eu acredito nisso. Eu acredito que seja uma celebração, realmente. Eu acho que a própria energia da vida é uma energia amorosa. Esses encontros são para ser celebrados (...). (Mara, 53 anos, paraibana).

Embora a idealização do sentimento amoroso perdure em nossos dias, há um certo descompasso entre essa e a realidade. Em outras palavras, essa idealização alimenta o descompasso entre o desejo e o princípio de realidade.

A despeito do mito do amor romântico como força incontrolável, que, muitas vezes, foge à razão dos indivíduos (ou acontece à revelia), vislumbrado como o desejo que se lança em direção a um objeto singular (e somente a ele), as pessoas procuram suas ligações amorosas dentro de um universo provável de escolhas, que se baseia mais em semelhanças que nas diferenças entre indivíduos.

O depoimento de Laura, 47 anos, norte-rio-grandense, evidencia esse fato, ao manifestar que sua escolha amorosa se deu por uma pessoa de seu próprio meio social, que se mostrou digna de sua confiança:

Ela está super feliz [refere-se à amiga] porque ele elogia ela de todas as formas do mundo. Tudo para ele é ela e para ela é ele. Ele sabe dividir isso com ela. Coisa que o outro não sabia. Mas quem que é? É o cara que era amigo dela e conheceu ela na faculdade. .Então, eu acho assim, é muito difícil você conhecer um cara. Você tem que ir na tua base, nos teus amigos. Ele é meu amigo de infância. Ele é filho de uma amiga da minha mãe. A primeira viagem que eu fiz na vida foi

para conhecer ele. Quando ele tinha nascido. Ele estudou comigo no colégio a vida inteira. Sempre foi meio que apaixonadinho por mim.

Assim, nos depoimentos, parece haver uma divisão entre amor idealizado e amor real. Quando se referem ao amor como fenômeno da ordem do sentimento, os depoimentos são absolutamente românticos. Mas, quando diz respeito à esfera do vivido, o relato torna-se condicional, falando de uma série de exigências reais para a sua realização, tais como maturidade, compreensão, tolerância e, principalmente, respeito ao outro. Todos os entrevistados afirmaram que o respeito à individualidade do sujeito é uma condição imprescindível para o bom andamento de uma relação.

Depois que eu tive a decepção com o meu marido – aquele dia da pizzeria. A hora que eu saí, a primeira coisa que me veio na cabeça foi o seguinte, eu aprendi que, nunca mais, na minha vida, quero me apaixonar por ninguém. Por que paixão é uma desgraça. Ela tem pacto com Deus e com o Diabo. Qual é o problema da paixão? Do mesmo jeito que você é extremamente feliz: são os melhores dias da sua vida, os melhores momentos que você está com a pessoa, e aquilo acaba. Quando você está apaixonado, você está cego. Você não consegue observar os defeitos do outro. Você não enxerga a falta de respeito com você. Não enxerga o egoísmo dele com você. Você só vai enxergar quando acabar a paixão. Talvez quando acabe a paixão, a decepção seja muito maior. (Laura, 47 anos, norte-rio-grandense).

Eu quero alguém para envelhecer comigo. Para passar por todas as dificuldades. Para quando a paixão acabar, existir o amor. Porque eu acho que é uma outra coisa. No meu entendimento, a paixão é aquele primeiro momento da fissura, do imaginário. Porque, muitas vezes, a gente tenta criar uma pessoa que muitas vezes não existe. Que é aquilo que a gente quer. (Francisco, 45 anos, argentino).

Não obstante a ideologia romântica perdurar como uma representação ideal, em que todos os elementos valorizam a singularidade e aleatoriedade da escolha amorosa, as pessoas constroem suas relações afetivas com um cálculo mais pragmático, levando em consideração as possibilidades de acerto e erro. Isto faz parte do comportamento reflexivo que Giddens (2002) estabelece como um dos parâmetros da alta modernidade e da chamada “relação pura ou convergente”, que se desenvolve como um trabalho de construção.

Acho que o amor é construção. Eu continuo acreditando nisso: que amar é construir com respeito, com acreditar, com andar junto, com caminhar junto. Eu acho que amor, ainda, está nesse conceito. Com toda essa mudança, essa modernidade, enfim. Mas eu ainda continuo acreditando no amor. Não importa de que forma ele venha. Não importa como ele seja, mas eu acho que tem que ser o amor. (Rodrigo, 29 anos, português).

Essa concepção do amor como construção perpassou grande parte dos relatos, embora os entrevistados sintam que no terreno das contingências, a relação amorosa abandone seu teor de idealismo e se choque com os ditames da realidade, nem sempre favoráveis ao intercurso amoroso. Em outras palavras, na prática, os indivíduos vivenciam os limites e negociações de um amor condicional, que faz esboroar um dos mitos mais fortes do sentimento amoroso – o do amor incondicional, que tudo venceria.

Como diz Vera:

Eu acho isso assim (...) Como sou uma pessoa, ao contrário, eu enfrento as dificuldades, eu me esforço, mergulho, tenho paciência, eu acho que (...) um relacionamento é como cultivar um jardim. Você planta, você rega. Você precisa se dedicar. Acho que é isso assim. Olhar para o outro. Descobrir e tal. Mas eu sinto que as pessoas não querem isso. Elas não querem cultivar. Elas te tratam como um ser descartável. Se você fica chata, então, eles vão embora. (Vera, 50 anos, norte-rio-grandense).

Todas as histórias de vida afetivas relatadas nas entrevistas apresentam um aspecto comum marcado pelo caráter de autocentramento do sujeito. Ao contrário da sociedade baseada na comunidade e nos valores tradicionais, na qual o indivíduo se constituía como uma peça da engrenagem social, que afirmava os valores comunitários, o indivíduo contemporâneo é desenraizado, vivendo num meio, preponderantemente, de relações impessoais. Essa situação marca o indivíduo com uma soberania que lhe é imposta em relação ao seu “destino”, e esse caráter singular, como indivíduo único, perpassa a totalidade de suas relações. Em contrapartida, o participante da comunidade tradicional não era senhor de seu

destino e não tinha vontade própria, estando subordinado aos valores comunitários, sob pena de ser marginalizado pela comunidade. Uma vez que tivesse transgredido tais normas, a pessoa sofria as sanções sociais cabíveis para tal delito.

O que está em pauta para o indivíduo da contemporaneidade é a constituição de uma subjetividade em que o autocentramento se conjuga de forma paradoxal com o valor da exterioridade, que privilegia as sensações em detrimento dos sentimentos e apresenta a tendência a manifestar uma interioridade pouco desenvolvida e a preferência por vínculos mais leves (BIRMAN, 2003).

Portanto, o indivíduo sente-se livre para decidir seus caminhos, mas as angústias da escolha num mundo pleno de possibilidades causam desorientação e ansiedade. São muitas as possibilidades e os caminhos para o sujeito que, agora, se torna seu próprio árbitro e essa situação causa insegurança. A necessidade de fazer escolhas é socialmente imposta aos indivíduos, não se podendo dizer o mesmo das consequências, que são individuais. Ou seja, na contemporaneidade a autodeterminação é compulsiva e obrigatória. O valor dado ao individualismo tornou-se exacerbado, podendo descambar para um narcisismo de proporções nefastas, que dificulta a formação de vínculos mais duradouros e confunde o cerne das intersubjetividades.

Segundo a opinião de vários analistas (Lasch), 1983, Giddens, 2002; e Bejar, 1990), a contemporaneidade inaugurou uma nova forma de narcisismo, que, entretanto, é perverso. Nas últimas décadas, forjou-se uma forte predominância de valores individualistas radicais, voltados para o brilho da exterioridade.

Lasch (1983), já o tinha observado ao afirmar que em “nossa sociedade, (...) tornou cada vez mais difíceis de ser conquistadas amizades profundas e duradouras, casos de amor e casamentos”. À medida que a vida social se torna cada vez mais hostil e bárbara, as relações pessoais, que ostensivamente proporcionam alívio para essas condições, assumem o

caráter de combate. Assim sendo, na sociedade atual, as dificuldades para a construção de laços afetivos constituem evidências claras que foram temas recorrentes na pesquisa efetuada para este estudo.

Alguns dos depoimentos dos entrevistados apontam nessa direção e abordam, de forma explícita, as dificuldades de formar vínculos estáveis que exijam contrapartida. Não é à toa que grande parte dos homens entrevistados, quando perguntados sobre o que priorizam na relação amorosa, afirmou ser, antes de tudo, a liberdade. Esse ideal de liberdade e autonomia que os indivíduos querem conservar a todo custo acaba por se transformar numa falta de disponibilidade para o outro. Assim atestam os relatos sobre o que é um relacionamento:

Tem que ter a liberdade como prioridade. Tem que se discutir bem. Negociar bem essa liberdade. Por exemplo, tem coisas que eu faço, que eu posso fazer e que minha mulher não gosta. Ela disse que ninguém me manipula e que ela morre de tentar. “Você é que nem um bicho. Você faz o que tem que fazer. Não quer nem saber o que estou pensando, o que não estou”. Eu faço as coisas que eu sinto ter direito de fazer aquilo. (João Afonso, 60 anos, português).

Parece que as pessoas querem tudo pronto e que o outro não encha o saco. O princípio hoje é esse. “Não encha o meu saco”. Tanto homens quanto mulheres. Não encha o meu saco. Vamos viver em paz. Numa boa. Aí, quando vê um está de um lado e outro está do outro. (Flávia, 42 anos, paraibana).

E o que deve ser priorizado numa relação amorosa:

É. Não encher o saco. Antes de gostar. É não ter vícios de possessão, vícios de desrespeito e implicâncias. O que eu busco é principalmente alguém que não me encha o saco. (Ângelo, 48 anos, espanhol).

Ângela, no entanto, sintetiza com clareza as concepções da maioria das entrevistadas, quando inquiridas sobre uma relação afetiva satisfatória e ainda aponta, de passagem, segundo ela, o caráter “mais egoísta” apresentado pelos homens.

Um bom relacionamento? Um relacionamento [em] que se tem respeito, [em] que se tem amor, [em] que se tem compreensão. [Em] Que você tenha o grande poder – que a maioria dos homens não tem – de saber se pôr no lugar dos outros, quando existem problemas, e principalmente o companheirismo. E o óbvio. Não pode deixar de ter atração física, mas não é tudo. Mas sem ela não tem gosto nenhum. (Ângela, 35 anos, paulistana)

Já Joana percebe esse caráter social marcadamente individualista, ou “egoísta”, como menciona, relacionando-o com as disposições mais gerais vigentes na sociedade:

Acho que as pessoas, no geral, são mais egoístas hoje. Com tudo, em todas as relações. Desde as mais próximas. Como família, todo mundo é egoísta. Antigamente, as mães ficavam doentes e moravam com os filhos. Hoje em dia, não. Você quer ter seu espaço e se a sua

mãe estiver sozinha em casa você larga ela lá. No geral, as pessoas ficaram assim, tanto nas relações de marido e mulher, nas relações com família, você fechar um carro no trânsito porque você está atrasado, está se lixando se a outra também está atrasada. No geral, as pessoas ficaram mais egoístas, mais centradas. Acho que um pouco reflete como a economia é. A sociedade inteira reflete um pouco isso. É o consumismo de novo. É um come-come. Que vença o melhor. Ao vencedor, as batatas. Sei lá. (Joana, 29 anos, pernambucana).

As mudanças nos papéis de gênero foram temas muito frequentes nos depoimentos de homens e mulheres. Nos últimos trinta anos, a ideologia do igualitarismo e a conquista do espaço público pelas mulheres trouxeram novos valores adotados pelos segmentos da classe média escolarizada. A derrocada do modelo tradicional de família e do papel de chefe provedor é uma realidade que perpassou todos os relatos. Essas mudanças foram assimiladas e até louvadas, mas não deixaram de apresentar ambiguidades, que vieram à tona nas histórias dos entrevistados. Se, por um lado, para os homens, a divisão do orçamento doméstico com as companheiras tornou mais leve a tarefa do sustento familiar (e para a geração mais nova, isso é um fato dado), por outro lado, eles perderam poder na relação de casal. Já as mulheres conquistaram sua autonomia e mais poder com a participação no mercado de trabalho, embora tenham de enfrentar uma sobrecarga de trabalho e o cuidado dos filhos (tarefa, ainda, primordialmente delegada a elas), muitas vezes, tornando-se as únicas provedoras do lar. É o que se constata nos depoimentos de Mara, 53 anos, paraibana e Laura, 47 anos, norte-rio-grandense.

Eu penso que ao mesmo tempo é bom ter uma mulher independente e autônoma, principalmente para ele, que vem de uma estrutura onde o homem é o provedor, onde o homem tem que fazer absolutamente tudo. Acho que, talvez, ele estivesse um pouco cansado disso. Um pouco cansado, mas ao mesmo tempo, é um lugar conhecido, um lugar de privilégio, porque você detém o poder. O poder financeiro, o poder de quem determina, que manda. Um lugar de privilégio. Você paga um preço. Você leva todo mundo nas costas, também. Porém você ganha... Acho que deve ser um conflito. Ao mesmo instante, que é bom poder dividir, compartilhar, poder pensar com, ao mesmo tempo, tem que abrir mão do “decido sozinho”. Acho que deve sofrer um pouco. A gente tem algumas dificuldades. Eu saio tarde do consultório. Trabalho muito à noite. Tive que assumir as tarefas domésticas. (Mara, 53 anos, paraibana).

E acho que teve uma outra coisa também (...). Que é o fato de você ficar sozinha. Eu fiquei sozinha com as minhas filhas, muito nova. Fui tomando uma consciência muito clara do que é você ser um provedor. Você ser um provedor, na nossa sociedade, é você ser um homem, não é ser uma mulher. Isso exige um comportamento, em muitos momentos, masculino. Principalmente no trabalho. Você tem que ser uma pessoa forte. Você tem que ser uma pessoa firme. Você tem que ser uma pessoa decidida. Você tem que ser uma pessoa que toma decisões sem titubear. Não pode ficar chorando pelos cantos. Isso não

passa uma imagem de uma mulher, para um homem, que quer se acasalar, digamos. Certo? Tenho super amigos, que me admiram como admirariam um homem. Uma pessoa que é igual a eles. Não como uma pessoa com quem eles desejem uma relação afetiva. Que de uma forma consciente ou inconsciente, eles são os dominadores na relação. Uma mulher que sabe o que quer, paga as contas, precisa de quê do cara? Não precisa de nada. Eles não podem tomar conta, cuidar, proteger e amparar aquela pessoa, porque ela não precisa disso. Ela passa essa imagem. Claro que não é assim. Mas você passa essa imagem, por força das circunstâncias. Acho que eu perdi algumas qualidades afetivas nesse processo. Você se dedicar mais à pessoa, olhar com mais cuidado as reações das pessoas e tal. Isso é uma certa imposição da sobrevivência. Tenho muita convicção de que as pessoas são seres sociais. Se você socialmente é um homem, porque você é provedor, então, você assume as características de comportamento desse ser, que na sociedade tem esse papel. Que você precisa passar por cima de uma porção de coisas. Que você precisa relevar uma porção de coisas. Porque, acima de tudo, você tem que pagar as suas contas. Isso está em primeiro lugar. É uma inversão de prioridade em relação, por exemplo, ao papel da mulher que está cuidando da casa, da família, da felicidade das pessoas, das relações, dos comportamentos. É um outro tipo de papel. Acho que isso criou uma dificuldade de relacionamento do ponto de vista afetivo. Acho que pode até ter homens que me admirem. Mas acho que o cara não quer casar comigo. No sentido de enfrentar uma convivência diária

em que ele não consegue visualizar muito que papel ele vai ter. Claro que tudo isso não é uma coisa tão clara, tão explícita. No fundo, acho que é um pouco essa imagem. (Mara, 53 anos, paraibana).

Agora, voltando àquele negócio dos papéis. Você sabe que eu tive um momento, em que eu estava me separando do meu marido (...) Foi quando resolvi comprar esse apartamento e arrumei um outro emprego, trabalhei muito para poder ter um dinheiro, para poder comprar um apartamento. Coisa cara e tal. Eu queria morar nesse bairro. Eu gosto de morar aqui. Eu trabalhando muito e juntando muito dinheiro e não sei o quê. Você sabe que me senti um homem? Eu me senti muito mal com isso. Aí, aconteceu uma coisa muito engraçada. Eu estava trabalhando muito. Eu estava me separando do meu marido. Eu estava um pouco rancorosa e me sentindo muito masculinizada. Eu saía de casa e ia caminhar. Então, punha moletom, tênis, camiseta. Caminhava, caminhava, caminhava. E quando tinha que ir ao supermercado, eu ia direto. Levava, na pochete, o cheque. Ia para o supermercado, depois da caminhada. Chegava no supermercado completamente desgrenhada. Uma vez, eu estava na caixa e a moça que estava na minha frente era uma loira toda bonita, toda cheirosa e tal, arrumadíssima e linda. E ela começou a enrolar, porque já tinha passado a compra dela e já tinha pagado e ficou fazendo um monte de pergunta para a caixa e não ia embora e eu reclamei. “Aí! Vamos andar mais depressa”. Ela ficou brava comigo.

Nós começamos a bater boca. “Pô! Eu tenho que ir trabalhar. Vamos logo”. Ela começou a reagir e, de repente, quis me agredir, virou para mim e falou assim, “Ah! Você. Olha, com essa cara. Toda mal arrumada. Você deve estar muito frustrada. Você está com cara de mal amada. Toda desarrumada. Horrrosa. Você está com cara de homem”. E foi embora. Aquilo me pegou, lá no âmagô, que eu nunca mais visto uma calça de moletom (risos) e camiseta. Eu não tenho uma camiseta. Não visto mais esse negócio de t-shirt, essas camisetonas. Eu não visto isso. (risos) Mas foi legal. Ela me deu um sinal de alerta. Daí eu tomei consciência, “Eu estou me sentindo um homem. Eu estou bancando tudo. Como, agora, eu vou fazer uma compra dessa, desse tamanho, sozinha. Eu fiquei louca”. Como, sozinha assim, compro um apartamento? Isso é coisa de homem, isso não é coisa de mulher. Mas, se eu não comprar, homem nenhum vai comprar para mim. Então, é melhor eu me arrumar mais bonitinha, e comprar o apartamento do mesmo jeito. (Laura, 47 anos, norte-riograndense).

Os depoimentos de Mara e Laura casam-se perfeitamente com o de Vera, que também se sentiu “homem” em alguns momentos de sua vivência, desempenhando o papel de chefe provedor.

Há também certa desorientação vivida pelos homens quanto ao seu novo papel de gênero, inadequação que é manifesta claramente em seus próprios relatos e nos das mulheres. Essa dubiedade quanto ao comportamento masculino sugere certa insegurança,

principalmente da geração mais velha, ao lidar com os novos papéis, como os relatos abaixo atestam:

Os homens? De um modo geral muito inseguros. Muito inseguros. Bastante inseguros. Eu acredito que posso estar falando alguma besteira, mas vou falar, a mulher sempre foi um enigma muito grande para o homem. Eu penso isso. Talvez, esteja fazendo as generalizações a partir da minha experiência pessoal. Mas acho que, atualmente, mais do que o enigma, dá um certo medo, um certo pânico. Porque quando está diante de uma mulher firme no trabalho, como a executiva e não sei o quê lá, fica totalmente apavorado. É muito comum isso. Dá uma insegurança muito grande aí por conta da história mesmo. O cara ficou acostumado a vida inteira com o chefe e de repente vem lá uma e diz “Não. Não é bem assim”. (João Afonso, 60 anos, português)

Acho que isso [o novo papel da mulher] é uma coisa muito importante. Por isso que tem tanta mulher que está sozinha. Porque esse novo papel do homem não está definido. Eles estão na defensiva, no sentido de ter... As mulheres invadiram uma área que era exclusivamente dele, ou muito predominantemente dele, e ficaram com o papel duplo. E ele com o que ficou? Ele não consegue assumir o outro. Porque o outro papel, o feminino, tem uma conotação complicada na nossa sociedade. Eu acho que os homens estão

perdidos. Têm dificuldades de se relacionar nessa nova ordem. Eles têm medo de se comprometer. Mas eu acho que eles ainda não acharam o outro papel deles. Eles só perderam uma parte. Eles perderam um terreno e não ganharam nada. O que vai ser? Um super pai que cuida da casa. Isso para eles não é conquista. Isso é uma derrota. O cara faz isso e a mulher fica enchendo muito o saco. Não é? Não, alguma coisa que ele vai ganhar. Acho que eles estão meio perdidões. (Júlia, 40 anos, cearense).

Ainda em relação aos novos papéis de gênero, o fato de alguns homens sentirem-se “prescindíveis”, atualmente, faz com que eles se refugiem nos velhos estereótipos de gênero, recorrendo a um imaginário essencialista, que, por vezes, também está presente nas representações femininas e permanece influenciando o cenário social. É o que demonstra o trecho do depoimento abaixo:

Eu sinto as mulheres, e aí que eu falo que as mulheres estão ferradas, depois desse momento da mulher livre, da mulher que trabalha.... Como símbolo, ela vai à luta, ela faz, ela trabalha, ela não precisa mais do homem para se sustentar. Ela também não quer ser que nem a mãe dela, que só ficava em casa fazendo comida e ta-ta-tá, ta-ta-tá. Essa liberdade começa a mexer um pouco com o centro da questão que para mim é a poesia, mesmo. Voltando a falar da poesia. É o romantismo. Por quê? Como que se a princesa virasse príncipe. Começou a lutar que nem o príncipe. Embora seja simplista essa

análise. Mas assim, como símbolo. O que aconteceu é que a mulher, ainda nas entranhas, tem aquela coisa da mãe, da formação que ela teve. Eu acho que ainda tem um pouco... Eu lembro de uma amiga, depois de 10 anos em que se separou, “Acho que tudo que eu queria, hoje, era um marido que me deixasse em casa, eu cuidando dos filhos. Ai! Eu queria lavar louça. Ficar em casa o dia inteiro e chegar em casa e trepar. Eu não queria trabalhar”. Aí, começa a dar um nó. Comecei a sacar esse movimento. (Ângelo, 48 anos, espanhol).

No entanto, a versatilidade manifestada pelas mulheres de assumir o duplo papel não se deu sem esforço e luta, e parece sugerir que, nesse ponto, a vantagem é mais feminina que masculina, uma vez que a maioria dos relatos demonstra que elas tiveram êxito na empreitada. É o que pode ser averiguado no trecho abaixo:

Da mesma forma, as mulheres quando foram trabalhar, também [era difícil]. Nossa! Como eu chorava com esse negócio de não dar certo as coisas que você vai fazer. Você não conhece, você não sabe, e o cara vem e te cobra o negócio. Não sabe nem o que é, o que ele está falando. Tinha que ser de outro jeito que você nem imagina. É um processo de aprendizado. Que, por força das circunstâncias, você teve que ir, teve que fazer e teve que meter a cara. Eu acho que esse equilíbrio, vai ter que acontecer, entendeu. Dos homens perderem esse medo de se envolver com os assuntos do cotidiano, da vida, da reprodução, da construção da vida de uma pessoa, um filho. Acho que

as mulheres tomam tempo demais com isso. Os homens tomam tempo de menos. Precisa chegar num equilíbrio. Muitas coisas das vidas das minhas filhas, eu passei por cima. Não tinha tempo para isso. Não podia desviar a minha atenção do trabalho, porque senão não conseguia manter aquele padrão. Acho que as mulheres conseguiram, porque já tinham uma formação e foram obrigadas a fazer outra. Isso era uma conquista. Conquistar o mundo. Conhecer coisas novas. Coisas importantes. Trabalhar fora é fazer coisa importante. Trabalhar dentro de casa, imagina!, é o be-a-bá, é lavar uma roupa, é só uma reprodução da sobrevivência. Coisas que não têm nenhum conhecimento maior que você vá desenvolver. Embora exista toda uma tecnologia numa administração de uma casa. Eu sempre falava para as minhas primas e as minhas irmãs, que são ótimas donas de casa, que seriam excelentes executivas. Porque uma pessoa que organiza no tempo uma quantidade de tarefas tão diversificadas como de uma casa, e controla o estoque de não sei quantos itens, e as coisas acontecem direitinho... Se transplanta essa experiência... Acho que isso tem muito a ver. Essa é uma experiência que... Imagina você botar as crianças na escola num horário. Almoço pronto. A roupa lavada e passada na gaveta. Não faltar papel higiênico. Tudo ao mesmo tempo e com 4 ou 5 filhos que as pessoas tinham, né. É uma tarefa. Um gerenciamento (...). (Júlia, 40 anos, cearense).

Já Eduardo, 40 anos, italiano, e Paulo José, 43 anos, português, em suas falas, defendem a necessidade do equilíbrio maior entre papéis masculinos e femininos no cotidiano dos casais:

A mulher, como era muito reprimida, vivia muito dentro de casa e era colocada em segundo plano. Houve um primeiro momento em que ela veio com a história do feminismo e das grandes mudanças e que acho que... como eu disse, sem querer ser machista, eu acho que a gente precisa equilibrar os papéis. Acho que a mulher, de repente, a mulher tomou tanta posição na vida e os homens não estavam prontos para entender isso. E toda mudança gera conflitos. A gente ficou meio acuado. A minha geração, principalmente, que passou por isso. Acho que todos os garotos da minha idade, ou pelo menos a maioria deles, vinha de mãe que ficava em casa. Ainda tinha um pouco disso. De repente encara o fato de que todas as namoradas, que, com certeza, da minha geração, eram mulheres que estavam lá fazendo faculdade e se preparando para a vida. Para alguns menos.

Mas acho que sou da geração que pegou um pouco a transformação e tem que aprender ainda a lidar com isso. Esse feminismo demais assustou. Como eu te disse, quando contei aí na minha história, de não saber como é que me posiciono. Como eu tenho que ser, então? Tem momento que ela quer deitar no meu ombro. Ela quer o super-homem. Mas tem momento que ela quer ir à luta sozinha. E como é que eu me posiciono? Essa dificuldade toda, que é complicada. Acho que, hoje, a mulher está entendendo e acredito que não precisa ser

tão feminista assim. Acho que o equilíbrio dos papéis é o mais importante. E torço muito para que essa geração que vem aí, depois de mim, tenha essa sacada de entender que tudo bem. Você quer ir à luta, vá à luta. Mas eu também vou à luta e a gente vai unir talentos. Se eu tenho mais talento para cozinhar, vou cozinhar, vou fazer o jantar. Não tem problema. Se você não tem talento para a cozinha, então não cozinhe. Mas se a gente harmonizar essas forças, sem ter ninguém melhor que o outro. Sem o homem querer ser machista e a mulher tão feminista. Aí a gente consegue chegar num caminho de respeitar o ser, independentemente da sexualidade ou do feminino e do masculino. “Porque sou homem, eu tenho que prover. Porque você é mulher, gerar”. Que não fiquem baseados nos papéis tão definidos como eram antes. Mas também porque nós saímos de um extremo para outro. A gente saiu do extremo machismo para o extremo feminismo e aí gerou conflito. (Eduardo, 40 anos, italiano).

Por exemplo, a mulher, entre aspas, moderna. Ela, por exemplo, é incapaz de ir à cozinha fazer um bolo, porque fazer um bolo é um valor da mulher antiga. Da mãe dela. Não quer fazer nem se estiver com vontade, porque aquilo é uma coisa que a vai levar a assumir papéis que ela já rompeu com aquilo. Ela é incapaz de fazer um bife para o namorado dela, porque aquilo é uma coisa que a mãe dela fazia. Então, ela não quer acostumar mal o homem dela. Enquanto que o homem, meio o que eu vivo assim, ele já sabe que aquele papel

que desempenhava não funciona mais. Engraçado que pelo menos para mim, individualmente, nunca tive essa ilusão e essa necessidade de assumir o mesmo papel que o meu pai tinha. Me parece que eu já nasci, eu não tive choque, para mim não existiu a mudança de papel. Simplesmente, estou em outra época, vivendo um outro papel. Eu não sinto essa ruptura, essa necessidade de reassumir papéis antigos. Eu até prefiro, não sei pelo fato de mexer com arte, e ser, entre aspas, uma coisa mais feminina. Não que quem mexe com Artes seja afeminado. Mas a gente está falando de uma coisa, que não essa do prover. (Paulo José, 43 anos, português).

Essa confusão de anseios, provocada pela mudança dos papéis tradicionais de gênero, acaba por criar tensões nos relacionamentos amorosos, principalmente para os homens, que, muitas vezes, se ressentem da perda do papel de provedores, o qual implicava uma maior relação de poder diante das mulheres. Nesse sentido, o relato de Márcia é muito claro, ao falar de seu companheiro, quando este era casado e se separou, dando continuidade a uma ligação com ela, que já durava alguns anos:

Como ele era casado, volta e meia vinha história. Discutia aquilo tudo. Ele tinha muita culpa em relação ao que estava acontecendo. Tinha culpa em relação a mim. Culpa em relação à mulher. E eu dizendo, “Olha, somos todos adultos”. A mulher dele sabia. Então, se a gente está nessa não tem culpados, né. Todo mundo adulto. Sabe o que está fazendo. A afetividade existe aqui de uma forma e existe lá de

outra forma. “Você não conseguiu equacionar essa história, mas eu estou bem. Se eu quiser ir embora, eu vou. Você não está me prendendo. O que há entre nós é uma relação de afeto. Existe amor e tal. A gente está vivendo da maneira que está dando. Eu estou respeitando as suas limitações”. Mas ele chegou a expressar, de várias formas, o fato de achar que eu seria demais para ele. Ele preferia uma pessoa que não tivesse esses voos, esses questionamentos todos. Eu percebi, também, que fez um pouquinho de mal a ele a separação. Porque, quando ele estava na casa da mulher, e como a mulher era dependente dele economicamente e o filho; e ali ele tinha o papel de pai provedor, ele estava mais tranquilo, ele se sentia mais necessário. Se relacionando comigo, eu achei que ele ficou muito solto, e não fez muito bem a ele isso. Ele ficou inseguro. Ficou meio assim, sem rumo. Tinha um papel que ele prezava exercer. Eu acho que isso não fez bem. (Márcia, 43 anos, norte-rio-grandense).

O depoimento de Márcia, 43 anos, toca ainda em outra questão mais ampla, que transcende os papéis de gênero e está situada no universo das inquietudes, no caso, femininas, marcada pela insegurança masculina diante de uma mulher questionadora, que almeja ou espera mais de uma relação amorosa, que anseia por um aprofundamento das questões que envolvem um vínculo amoroso. E, mais ainda, uma mulher que, em suas próprias palavras, está em “busca de autoconhecimento”, tal como manifesta em sua fala:

Então, como eu trabalho muito nesse sentido [de ser independente do outro], o Cleiton não se sentiu à vontade. Porque ele não tinha esses mesmos anseios.

Ele chegou a expressar isso para você?

Expressou. Expressou, sim. Verbalmente. Ele dizia: “Você vai muito longe. Você gosta de voar. Você é uma mulher para alçar grandes voos e eu não sou. Eu quero uma vida mais pacata”. O que o incomodava muito era o fato de eu estar sempre buscando autoconhecimento. Então, mesmo que eu respeitasse os espaços dele, como fazia, ele se sentia incomodado porque eu estando na busca, ele acabava entrando nela de alguma forma. Ele dizia claramente para mim: “Eu não quero. Eu não gosto dessa coisa de terapia, de questionar. Eu quero estar quieto”. (Márcia, 43 anos, norte-riograndense).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, o século XX inaugurou as condições para o florescimento da intimidade, quando as uniões começaram a ser celebradas por livre escolha, baseadas no amor romântico; por outro, nos primórdios do século XXI, vive-se a situação paradoxal da procura intensa da intimidade que pode levar à sua negação, pelas disposições do caráter social contemporâneo, sobretudo para os segmentos das camadas médias intelectualizadas pesquisadas nesse trabalho. Em outras palavras, nunca houve tanta liberdade sexual entre homens e mulheres como atualmente, mas, ao mesmo tempo, nunca as condições sociais foram tão adversas para concretização da intimidade ou dessa interação.

Inicialmente, pensou-se em estudar aqui turismo afetivo como um segmento do turismo em que se buscava uma relação afetivo-conjugal com pessoas de culturas diferentes. No decorrer da pesquisa, no entanto, pode-se estabelecer que se tratava de algo bem mais profundo do que deslocamentos em busca de lazer como um simples segmento do turismo. Percebeu-se que envolvia a formação de famílias interculturais e conjugalidade entre esses casais, passando a ser este o objeto principal do estudo. Constatou-se que os casamentos interculturais eram o ponto-chave e que o turismo era um “meio” para um “fim”. Provavelmente, o presente estudo desvendou essa constatação em relação ao fenômeno turístico e seus desdobramentos na atualidade e na dimensão global. O “turismo sexual” já é bastante investigado, conforme mostrou-se em vários momentos desta tese, mas não o é ainda o “turismo afetivo”, que merecerá de nossa parte futuros estudos com desdobramentos a partir deste trabalho.

Ao pesquisar casamento e família dentre outros estudos meus, particularmente em nível de dissertação de mestrado, houve interesse em dar continuidade à abordagem voltada para o relacionamento afetivo conjugal entre pessoas de nacionalidades diferentes.

Trata-se de uma análise mais profunda, que abrange a questão da família, do casamento formal e dos arranjos consensuais e seus desdobramentos numa discursiva e complexa ordem com relação à construção identitária. Aborda-se relações de conjugalidade como masculinidades, feminilidades e interculturalismo; e entende-se que os casamentos interculturais não constituem um meio de homogeneização das culturas, pois estas, mesmo num casamento binacional, podem ser preservadas.

Houve a expectativa de que as diferenças entre as gerações fossem bastante grandes no relativo ao envolvimento amoroso (e suas representações). Porém, isso pôde ser relativizado no decorrer da pesquisa. As diferenças quanto ao ideal romântico, da geração de meia idade e da formada por adultos jovens, de trinta e poucos anos, não foram tão significativas, ainda que existam e façam parte de uma clivagem dupla, de geração e de gênero, que adquiriram significância no decorrer das etapas percorridas até o final deste trabalho. Essas diferenças dão-se mais na prática dos entrevistados, ou, como diz Bourdieu (2002), na prática dos agentes, e menos na concepção do ideal romântico, que a pesquisa mostrou permanecer.

Observou-se que as representações amorosas que embasam as disposições simbólicas sobre a afetividade são perpassadas por ambivalências e relativas transformações sociais da modernidade avançada. Assim, constata-se uma penetração muito maior da esfera pública no hábito do privado. Muitas vezes, a determinação das disposições da contemporaneidade funciona como forças coercitivas, às quais os indivíduos não podem fugir a de caráter reflexivo, apontado por Beck (2001) e Giddens (2002).

A difícil tarefa que se coloca para homens e mulheres, na conjugalidade, atualmente, é a conciliação entre os padrões de um individualismo exacerbado e os valores morais que ainda carregam o ideal romântico.

Ao contrário da sexualidade, a intimidade exige sacrifícios que o indivíduo contemporâneo reluta em fazer, por ir contra o primado dos valores sociais do seu tempo. A individualização – entendida como valorização social da autodeterminação – coloca-se como fato social. Assim, ao entrar em conflito com a individualização, a intimidade como valor social dificilmente prevalece.

Como demonstraram os resultados da pesquisa empírica, os casamentos binacionais, no campo das subjetividades aqui tratadas, estão sob o efeito de um desdobramento na sexualidade, no gênero e na geração. Isto porque as diferenças de gênero permanecem influenciando relações amorosas que continuam sendo expressas, como diz Bourdieu (2002), na ordem da dominação masculina.

É que numa era na qual as certezas se esvaem (amor, profissão, etc.), falar de valores que possuíam centralidade e força para estruturar relações ou elos centrais das relações sociais e, portanto, falar de bússolas, parâmetros ou referências, que deem algum sentido ou significado às práticas cotidianas, constitui-se em tarefa árdua. Nesse sentido, tal quadro parece ser resultado, ou melhor, efeito das apostas políticas e culturais de uma sociedade de massa. O viver torna-se, por conseguinte, mais complexo e supera a sobrevivência física e psíquica do indivíduo. Ou seja, não basta introjetar valores sociais para determinar a identidade. Tem-se, agora, de decidir a partir de um volume de informações que amplia o leque de escolhas e modos de vida tidos como possíveis; aumenta a possibilidade de experiência e, com isso, rompe com a certeza antes traduzida no ideal da família estratificada e perpassada exclusivamente pelos modelos de dominação masculina.

Os tempos mudaram e com eles os costumes, culminando no aprofundamento das ideias feministas e no aperfeiçoamento da contracepção, com a separação entre sexualidade e reprodução. A mulher liberou-se e o casamento deixa gradativamente de ser uma instituição para se converter numa formalidade (PROST, 1992).

Hoje, as pessoas continuam querendo encontrar um parceiro para unir-se ou casar-se, mas, para parte significativa das camadas médias, esse desejo adquire um caráter não obrigatório ou efêmero, não constituindo um imperativo para a construção da identidade ou um alibi para a convivência social. O caráter transitório das conjugalidades é um dado muito concreto nos relatos obtidos nas entrevistas

O momento parece ser de transição em relação ao futuro das relações entre os sexos, mas um fato salta aos olhos: até aqui, as mulheres, por serem as principais responsáveis pelas transformações no terreno das relações amorosas, parecem mais versáteis em abarcar o duplo papel de engendradoras de suas vidas amorosas e profissionais, desempenhando seu papel na esfera pública e privada com mais desenvoltura que os homens, os quais, ainda, parecem se ressentir das mudanças.

Por isso mesmo, o individualismo característico das sociedades contemporâneas configura-se, muitas vezes, como elemento de contradição que afeta as relações amorosas. No mundo atual, ele organiza a concepção da vida social, a partir do lugar privilegiado outorgado à autorrealização do indivíduo e ao seu reconhecimento. Se, por um lado, traz valores positivos, por outro, quando exacerbado, cria condições desfavoráveis a realização amorosa. Assim, é possível perceber dificuldades em conciliar as disposições do individualismo e as concessões que parceiros de nacionalidades e culturas diferentes devem fazer numa relação amorosa, visando à construção de projetos comuns, que exigem uma relação alicerçada numa união estável. A intimidade, diferentemente da sexualidade sem laços, exige compromissos que o indivíduo contemporâneo reluta em aceitar, por ir contra o primado dos valores sociais do seu tempo. Numa sociedade de consumo, na qual tudo é descartável, o amor também se reveste desse caráter.

Por outro lado, em relação à migração resultante dos fenômenos turísticos, não se considera a mesma apenas como fator determinante na quebra dos laços dentro do

casamento ou arranjos conjugais anteriores. Ao visualizar a interculturalidade na pesquisa e o mix nos casamentos binacionais e nas uniões consensuais, as diferenças e similaridades dos termos, o fluxo migratório de turismo se supera como um dos provocadores do aumento dos casamentos interculturais (tanto no turismo afetivo como no turismo sexual). Essa análise complexa dos diferentes fenômenos sociais demonstra o quanto este influencia novos arranjos familiares e de gênero. Portanto, a família constituída com um estrangeiro não pode ser vista apenas como aquela cujos laços se desfazem no seu país de origem, mas como tendo suas relações reconstruídas num contexto em que também se redefinem as novas relações familiares e de conjugalidade.

Quando se fala em novas formas de união, é importante ressaltar o papel desempenhado pela geração de 1960, que rompeu com os velhos padrões de relacionamento, fato reconhecido por grande parte dos entrevistados, tanto homens como mulheres. A ruptura conquistada por essa geração é o patamar a partir do qual se estruturam os novos comportamentos na atualidade. Esse espectro inclui desde os comportamentos dos jovens e adolescentes em relação ao encontro passageiro e descompromissado, chamado por eles de “ficar” (sem intercurso sexual), o sexo livre praticado entre homens e mulheres adultos, até novas formas de conjugalidade.

Embora os sujeitos tenham perfis diferenciados e a trajetória de cada um (a) se distinga sensivelmente por questões ligadas à classe, cor e escolha profissional, todas as mulheres pesquisadas constroem (ou corroboram) estereótipos em relação a si próprias como brasileiras, em relação a seus parceiros e seus locais de origem, além de vivenciarem a “imposição” de se “tornarem” brasileiras no exterior.

Outro ponto importante observado nos casais binacionais é que, quando o cônjuge masculino é estrangeiro, há um valor dentro da família centrado nas suas identidades nacionais, com uma predominância cultural de sua nacionalidade. O status desses parceiros

está diretamente relacionado à sua identidade nacional e à consequente capacidade de ser provedor da mulher e do lar.

Enquanto a identidade nacional feminina é elaborada pelos estrangeiros a partir de uma representação que passa necessariamente pelo corpo, como atributos físicos, exercício da sexualidade, capacidade de procriação, aparência e tipo físico, para as brasileiras, a identidade nacional dos estrangeiros é construída com base em atributos que excluem ou envolvem muito pouco a corporalidade masculina. Os atributos masculinos valorizados pelo grupo pesquisado constituem uma ordem oposta à da natureza, visto que as características valorizadas dos estrangeiros repousam na esfera da cultura, do intelecto e no grau de civilização, alcançado por estes via identidade nacional. Dessa forma, os ingleses, norte-americanos, italianos e alemães são inclinados culturalmente a serem educados, gentis, estáveis financeiramente, civilizados e espirituosos.

A “frieza sexual” das europeias e a aversão em assumir o papel feminino de dona de casa são interpretadas como um dado absoluto nas falas dos informantes estrangeiros. Observa-se que os homens europeus procuram as brasileiras para tentar suprir esta “lacuna” deixada por suas conterrâneas. Com isso, eles estariam superando seus próprios preconceitos em relação às estrangeiras e construindo outros em relação às europeias, no tocante à sexualidade e raça.

Em se tratando da relação entre sexualidade e conjugalidade, dentro das falas dos (as) informantes, afirma-se que o turismo sexual apresenta aspectos intrigantes em termos de Gênero, particularmente no que se refere à articulação entre gênero e sexualidade, quando se levam em conta as alterações na geografia dessa problemática. Embora fatores econômicos estejam intimamente vinculados ao desenvolvimento do turismo sexual, os aspectos políticos e culturais, permeados por gênero, são fundamentais para a compreensão da alteração nesses circuitos mundiais. E o que mais despertou a atenção nas entrevistas realizadas em pesquisa

de campo foi a quantidade de estrangeiros que, ao viajar, não tinham como objetivo o turismo sexual, nem somente o convencional turismo de lazer, mas, sim, o que denomina-se de “turismo afetivo”. Ou seja, buscar em outra cultura um relacionamento afetivo conjugal. Pode-se constatar que o motivo desses últimos, mesmo que não conscientes a princípio, era o de constituir família, de encontrar alguém que correspondesse ao “ideal” de casamento vivido pelos seus pais e avós. O casamento liberal, de igual para igual, não os estava satisfazendo.

O casamento, em geral, apresenta uma situação de homogamia, isto é, de similaridade. (...). Os opostos até se atraem, mas dificilmente ficam juntos. (...). A máxima de que os opostos se atraem é um mito. (...). No caso de um relacionamento com pessoas de outros países, valem os mesmos princípios, mas com um agravante: as diferenças culturais. GOLDEMBERG, (2004).

Isso não quer dizer, evidentemente, que toda relação entre estrangeiros tenha problemas intransponíveis. O casamento entre estrangeiros é uma forma de contato entre culturas. Não envolve apenas diferentes nacionalidades, mas também a expectativa em relação ao papel feminino e ao masculino, e cada um traz o sistema de valores próprio da sua cultura.

É importante ter em mente que nenhuma cultura é superior a outra, para não criar uma relação desigual. Um casamento formado por pessoas de países distintos requer um período de adaptação. O convívio vai desmistificando conceitos. O processo segue os passos da mudança de país e de realidade cultural. A pessoa tem o primeiro momento de euforia e depois pode se decepcionar e chegar a ficar deprimida. Mesmo depois de superadas as etapas iniciais, a união dessas culturas diferentes pode ser uma potencial geradora de conflitos. Nas famílias se criam alianças, sistemas de identificação dos filhos com os pais, por exemplo, e isso pode se tornar uma disputa de poder. Conforme se constata nas falas no corpo do trabalho, o fim inesperado da história pode ser uma diferença de expectativas. Muitas vezes o estrangeiro vem para o Brasil procurando “uma mulher submissa”. A mulher brasileira, por

outro lado, pode estar em busca do “príncipe encantado”. Os cônjuges estrangeiros, principalmente os portugueses, espanhóis e italianos, estabelecem uma diferenciação bastante vinculada entre as mulheres brasileiras e as europeias, sobretudo as portuguesas. Referem-se às brasileiras como mulheres sexualmente mais quentes e disponíveis para um relacionamento aberto na fase de namoro, em favor de uma interação sexual mais imediata e intensa, ainda que não se possa afirmar que a dimensão afetiva não esteja presente. Alguns deles dizem que as europeias são mais frias, mais conservadoras, mais altivas, mais esnobes, sublinhando que elas ligam muito à aparência e à capacidade econômica do homem.

Apesar desta avaliação desfavorável à europeia, também constatada por Piscitelli (2002) entre os turistas que visitam Fortaleza, são muitos os que admitem preferir casar com uma mulher do seu país em detrimento de uma brasileira, por razões que provavelmente se prendem com aspectos relacionados com a afinidade cultural e, eventualmente, com os estereótipos da mulher brasileira como sexualmente libertina e promíscua.

A maior dificuldade de acesso às mulheres que os turistas gostariam de conquistar nos seus contextos de origem, seja por motivos econômicos, de status ou de apresentação do eu, é o relativo constrangimento em conviver com uma feminilidade ocidental que continua a colocar algumas limitações às preferências e valores predominantes da masculinidade.

A estes elementos junta-se um terceiro, especialmente válido para os turistas mais velhos, relacionado às expectativas de revivalismo das experiências de homosociabilidade da juventude, ou seja, a procura de recriação dos laços e das vivências masculinas que antecedem a rotina e as responsabilidades da vida adulta.

Cabe ressaltar que as relações amorosas tornaram-se contextuais e pontuais e ocorre o enfraquecimento ou mesmo a recusa dos laços de intimidade. Como visto, o chamado amor romântico não mais constitui prerrogativa obrigatória da construção de

identidades subjetivas, ainda que permeie o imaginário social. Essas transformações são mais visíveis nos segmentos mais intelectualizados das camadas médias, (o caso dos (as) informantes ouvidos (as) nesse trabalho), em que os indivíduos se consideram livres para uma escolha amorosa entre iguais.

Conclui-se que os laços de conjugalidade oriundos de relacionamentos transnacionais funcionam norteados por estereótipos e preconceitos. Pode-se dizer que os mesmos fazem parte da simbologia e da construção da vida cotidiana, integrando também parte de conceitualizações clássicas sobre os elementos que constam na formação de uma família, que se apresenta de formas diversas, com novas tendências de configurações e na formação de grupos domésticos a ela associados. A esse título, os sentidos dessas configurações e suas tendências são alvo de interpretações que contribuem na construção das identidades sociais das pessoas no mundo contemporâneo.

Num contexto globalizado, em que todos são bombardeados com todo o tipo de informações, é natural que os indivíduos sejam influenciados pelas diversas culturas existentes, principalmente pelas "culturas dominantes". O processo de assimilação das "culturas dominantes" pelas "culturas dominadas" pode levar estas a desejarem adquirir alguns aspectos da maneira de viver daquelas.

Conclui-se ainda, neste estudo, que o jogo entre cultura/racialização/sexualização não é operacionalizado exclusivamente pelos estrangeiros. Ele é implementado, também, pelos locais. Entretanto, enquanto na perspectiva dos visitantes internacionais a relação racialização/sexualização marca, genericamente, todas as brasileiras, percebidas como morenas, na perspectiva dos locais, esse jogo "racializa" as nativas apenas quando elas se relacionam com estrangeiros. Como se o fato de acompanhar estrangeiros "localizasse", automaticamente, essas nativas, cai em cima delas o peso da reiteração das conceitualizações

dos estrangeiros, que são sexualizadas/racializadas, também, por seus conterrâneos. E esse procedimento adquire prioridade sobre as distinções locais de classe.

O fato de as mulheres se definirem inicialmente como “brancas” ou “negras” não significa que a rigidez destas categorias fosse observada ao longo da pesquisa. Em diversos momentos, as que se classificaram como “negras”, se percebiam como “mulatas” ou “morenas”. Em contrapartida, as “brancas” percebiam-se como “não tão brancas”, especialmente ao se compararem com os namorados estrangeiros. Em regra, a identidade de “mestiça” pode ser extraída como a mais frequente. No entanto, manteve-se esta classificação polar ao longo do trabalho somente para melhor instrumentalização destas categorias.

O caráter ambíguo, a natureza contextual, de um lado, e abstrata, de outro, compõem a forma pela qual as categorias relativas a gênero, corpo, sexualidade, cor e identidade nacional são percebidas e apreendidas, em um sentido, pelas brasileiras, e em outro, pelos estrangeiros.

Pode-se observar que, embora o fato de ser brasileira possa ter um significado abstrato para os estrangeiros, segundo o qual este se expressaria no exercício de uma sexualidade “livre”, a interpretação desta representação, por parte das brasileiras, pode, em alguns casos, reiterar ou alterar o sentido deste modelo. Em contrapartida, o conteúdo de suas identidades múltiplas revela o abismo simbólico no que tange à autoconstrução (imagem positiva e consciente) e à exigência externa, percebida como preconceituosa e incisiva. Tais conflitos identitários não podem ser esmiuçados aqui, mas, sem dúvida, constituem um caminho para outros estudos que podem revelar o modo complexo através do qual identidades e representações dificilmente se separam na interação entre gêneros e identidades nacionais diferentes e contrastivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: ALMEIDA, A. M. et al (Orgs.). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Espaço e Tempo. Rio de Janeiro: Editora da UFRRJ, 1987.

ANDRADE, Manoel Correa de. *Estado, capital e industrialização no Nordeste*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ARAÚJO, Tânia Barcelar. *Ensaio sobre desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1993.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEREDO, S. *A questão racial na pesquisa*. In: AZEREDO, Sandra e STOLCKE, Verena (coords.). *Direitos reprodutivos*. São Paulo: FCC PRODIR, 1991.

BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BANDEIRA, Lourdes; SIQUEIRA, Deis. *A Perspectiva Feminista no Pensamento Moderno e Contemporâneo*. Sociedade e Estado, 2º sem, 1997, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

BARTH, Frederick (editor) (1969). *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Boston: Little, Brown.

BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary del (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998.

BASSANEZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. (orgs). *História das mulheres no Brasil*. 4ª. ed. São Paulo: Editora da Unesp; Contexto, 2001. p. 607-639.

BARCIA GOMES, P. (org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Ed. 70, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECK, Ulrich (2001). *La société du risque: sur la voie d'une autre modernité*. Paris: Flammarion.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEJAR, Helena. *El ambito íntimo: privacidad, individualismo y modernidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

BERQUÓ, Elza. Como se casam negros e brancos no Brasil. In: LOVELL, Peggy A. (org.). *Desigualdade racial no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1991.

_____. *A família no século XXI: um enfoque demográfico*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. São Paulo, 6(2), p. 1-16, jul./dez., 1989.

_____. *Pirâmide da Solidão? Notas muito preliminares*. In: Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1986.

BERRY-BRAZELTON. T. *La famille en crise*, Paris: Stock, 1989.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOYD, Mônica. *Women and Migration: Incorporating Gender into International migration Theory*. University of Toronto, 2003.

BÓGUS, Lucia. *Esperança Além-Mar: Portugal no "arquipélago migratório" brasileiro*. In: Imigração Brasileira em Portugal, Observatório da Imigração, ACIDI, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRASIL/INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (PNAD 1999 e CENSO 1995/2000/2002).

BRUSCHINI, C. A. *Alguns Marcos Teóricos sobre Família*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. Vol. 6, nº 1, 1º sem. 1989.

CALLIGARIS, Contardo. O grande casamenteiro: questionamentos psicanalíticos sobre o que nos leva a casar. In: CALLIGARIS C. et al. *O laço conjugal*. 2.00. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Artes e Ofícios, 1999.

CAMARGO, Luis O. Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Record.

CARVALHO FILHO, Benedito José de. *Marcas de Família: travessias no tempo*. São Paulo: Annablume / Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 3ª ed. Natal: IHG, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. O Poder da Identidade. A sociedade em rede. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CASTLES, Stephen. *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Fim de Século, Lisboa, 2005.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade*. Uma Crítica a Freud a Partir da Mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CLEMENTINO, Maria do Livramento M. *Economia e urbanização: O Rio Grande do norte nos anos setenta*. Natal: UFRN-CCHLA, 1995.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. Da sedução do turismo ao turismo de sedução. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo, modernidade, globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.

CORNEAU, Guy. "Paternidade e Masculinidade". In: NOLASCO, S. (Org.). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CORREA, Mariza. Repensando a Família Patriarcal Brasileira (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil). In ARANTES, Antonio Augusto (Org.). *Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *Sobre a Invenção da Mulata*. Cadernos Pagu (6/7), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1996.

COSTA, Ademir Araújo da. *A Verticalização e as Transformações do Espaço Urbano de Natal – RN*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

COSTA, Jurandir F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DA MATTA, Roberto. A Família como Valor: Considerações Não-Familiares sobre a Família Brasileira. In ALMEIDA, A. M.; CARNEIRO, R. J. *Pensando a Família no Brasil: da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo / Ed. UFRJ, 1987.

DANTAS, Anna Ruth. *400 anos de sol: Natal investe em obras de infra-estrutura para comemorar seu aniversário em grande estilo*. REVISTA ISTO É. nº 1573, p. 85-87, 24 nov. 1999.

DEBIAGGI, Susana. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES, A. C. B. FLEISCHER, S. *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1996. p. 175-197.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.

DIÁRIO DE NATAL, 16 ago. 2009, p. 16.

DIAS FILHO, Antonio Jonas. *As Mulatas que não estão no Mapa*. CADERNOS PAGU (6/7), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1996.

DUMONT, Louis. *O individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice R. *A família operária: consciência e ideologia*. In: Dados, vol. 23, n. 92, 1980.

_____. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DURKHEIM, Emile. *A Ciência Social e a Ação*. Lisboa: Presença, 1975.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça (Orgs.). *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000.

FIGUEIRA, S. (org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FLANDRIN, Jean-Louis. A Vida Sexual dos Casados na Sociedade Antiga. In: ARIÉS, P. e BENJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a História e para a Sociologia da Sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1933.

FRY, P. Estética e Política: Relações entre “Raça”, Publicidade e Produção da Beleza no Brasil. In: Goldenberg, Miriam. (Org). *Nu & Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FURTADO, Edna Maria. *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. 2005. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Natal/RN.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 73-133.

GIRONA, Jordi. *Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre espanoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*, Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico, 2007.

GOLDANI, Ana Maria. *As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação*. CADERNOS PAGU. De Trajetórias e Sentimentos, n. 1, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

_____. *Estrutura familiar e transição demográfica: o caso do Brasil*. Informe Demográfico, São Paulo, (17): 141-185, 1986.

_____. *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*. CADERNOS DE PESQUISA, São Paulo, (91): 7-22, nov. 1994.

GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Retratos de Família em Tempo de Crise*. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, número especial, 2º semestre, 1994.

_____. *Ser homem, ser mulher: Dentro e fora do Casamento*. Rio de Janeiro: Estudos Antropológicos / Revan, 1991.

GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, UNICAMP, 2007.

GOODE, William J. *Revolução Mundial e Padrões de Família*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional/ EDUSP, 1969.

GRASSI, Marzia. *Formas Migratórias: casar com o passaporte no espaço Schengen. Uma introdução ao caso de Portugal*. Etnográfica, v. X, n. 2, Centro de Estudos de Antropologia Social, ISCTE, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2000.

HASENBALG, C. A. Notas sobre relações raciais no Brasil e na América Latina. In, HOLANDA, H. B. (org.). *Y nosotras latinoamericanas?* Estudos sobre gênero e raça. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992.

HEELAS, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção A).

HEILBORN, Maria Luiza. "O que faz um Casal, Casal? Conjugabilidade, Igualitarismo e Identidade Sexual em Camadas Médias Urbanas". In: *Famílias em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Dois é par: Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HIRATA, Helena. *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um Olhar Voltado para a Empresa e a sociedade*. São Paulo: Bomtempo, 2002.

_____. et al. (orgs). *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Feminismo em Tempos Pós-Modernos. In HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. Autoridade e Família. In: *Família*. São Paulo: Cultrix, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. *Estatísticas do Registro Civil 2001*. IBGE, 2002.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO RIO GRANDE DO NORTE- IDEC. *Informativo Municipal*. Natal, 1991.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE NATAL - IPLANAT. *Gerência de Pesquisa e Informação*. Dados básicos sobre o município de Natal. Natal, 1996.

JABLONSKI, Bernardo. A Difícil Extinção do Boçalossauro. In NOLASCO, S. (Org.). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

JAMESON, F. (1996). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.

KAUFMANN, Jean Claude. Les deux Vies du Couple. In NEYRAND, Gerard. *La Famille Malgré Tout*. Paris: Panoramiques, 1996.

KELLERHALLS, Jean; et al. *Mariages au quotidien: inégalités sociales, tensions culturels et organisation familiale*. Lausanne: Ed. Pierre Marcel, Favre, 1982.

KERGOAT, D. Por una Sociología de las Relaciones Sociales. In BORDERÍAS, Cristina et alli. (Org.) *Las Mujeres y el Trabajo: Rupturas Conceptuales*. Barcelona: Icaria/Fuehm, 1994.

KOJIMA, Yu (2001). *In the business of cultural reproduction*: Theoretical implications of the mail-order bride phenomenon. *Women's Studies International Forum*, vol. 24, p. 199-210.

LASCH, C. (1983). *A cultura do narcisismo*: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da Identidade Nacional*: Imigrantes, minorias e luta pela etnicidade no Brasil. Ed. Unesp, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes / São Paulo: EDUSP, 1976.

LIMA, Jacob e GONDIM, Linda. M. P. *A Pesquisa como Artesanato Intelectual*: considerações sobre método e bom senso. João Pessoa: Manufatura, 2002.

LIMA, Pedro de. *Natal no Século XX*. Natal: EDUFRN, 2002.

LOPES JUNIOR, Edmilson. *A Construção social da cidade do prazer*. Natal-RN: EDUFRN, 2000.

LOYOLA, Leandro. *Aqui se vive melhor*. REVISTA VEJA, Rio de Janeiro, numero 7/abr., 1999, p. 100-103.

LYOTARD, J. F. (1984). *O pós-moderno*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

MACHADO, Igor José de Renó. *Um mar de Identidades*. A imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

MALDONADO, Maria Tereza. *Casamento*: término e reconstrução. São Paulo: Saraiva, 2000.

MARCELINO, Ana Maria Teixeira. O turismo e sua influência na ocupação do espaço litorâneo. In: RODRIGUES, Adir A B. (org.) *Turismo e geografia*: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 177-183.

MEAD, Margareth. *Macho e Fêmea*. Petrópolis: Vozes, 1971.

MEDEIROS, Osório et al. *Arranjos Domiciliares e Arranjos Nucleares no Brasil: Classificação e Evolução de 1977 a 1998*. Brasília; IPEA, 2001.

MELLO, J. M. C de.; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, p. 559-658, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

MOROKVASIK, Mirjana. *Birds of Passage are also Women*, in *International Migration REVIEW*, Special Issue Women in Migration, v. XVIII, winter 1984, p. 886-907.

MOTTA, Alda. Caderno CRH. N. 1 (1987) – Salvador, Centro de Recursos Humanos/UFBa, 1998.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MURARO, Rose Marie (Org). *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará /Faperj, 2001.

NASA-INPE *apud* RIO GRANDE DO NORTE – SEPLAN / IDEC, 1991.

NATAL PRA VOCÊ. NATAL, Comunicação Empresarial, ano 8, n. 28, 2004, 50 p.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos? In: FIGUEIRA, S. A. (Org). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos. In: FIGUEIRA, S.A. (Org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. Família e Pedagogia: Nostalgia do Tradicional ou Carência de Novo? In FIGUEIRA, Sérvulo (Org). *Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NUNES, E. O. (Org.). *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

O'CONNELL-DAVIDSON, Julia. *British sex tourists in Thailand*. In: MAYNARD, M.; PURVIS, J. (Org.). (Hetero) sexual politics. Londres: Taylor & Francis, 1995.

ORTIZ, R. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PARKER, Richard G. *Corpos. Prazeres e Paixões*. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARSONS, Talcott e BALES, Robert F. *Family: Socialization and Interaction Process*. London: Free Press, 1969.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEREL, Esther. Uma Visão Turística do Casamento: desafios, opções e implicações para terapia de casais interculturais. In: PAPP, P. *Casais em Perigo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PIERUCCI, Antonio Filho. *Ciladas da Diferença*. REVISTA DE SOCIOLOGIA DA USP, Tempo Social, 2º sem. 1990.

PISCITELLI, Adriana. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. In: SILVA, Maria Cardeira da (Org.). *Outros trópicos: novos destinos turísticos, novos terrenos da antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. RIBEIRO e migração feminina. Campinas: UNICAMP, 2002.

_____. *Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo*. Migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual. Campinas: UNICAMP, 2003.

POLÍTICA DE TURISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Municípios em destaque, Natal, v. 18, n. 72, p. 46-47, 1997. Edição Especial.

PONTES, Luciana. *As Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa*. CADERNOS PAGU (23), jul./dez. 2004, p. 229-256.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL. *Natal 400 anos*. Natal, 1999, CD-ROM.

_____. Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB). *Perfil de Natal*. Natal/RN, 2003, 69 p. CD-ROM.

_____. Secretaria Municipal de Turismo (SETUR). *Relatório 2003: ações propostas para 2004-2007*. Natal/RN, 2004. 22 p.

PROST, A. A família e o indivíduo. In: PROST, A.; VINCENT, G. *História da vida Privada, 5, da primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

QUINTEIRO, Maria da Conceição. *União conjugal: a grande busca*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

RAMOS, Magdalena (2003). Novas parcerias, novos conflitos. In: BARCIA GOMES, P. *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis. p. 57-75.

RAMIRES, Vera R. *O Exercício da Paternidade Hoje*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1997.

RHEINGOLD, Howard (1998). *The Virtual Community*. Disponível em: <www.rheingold.com/vc/book/>. Acessado em: 07 mar. de 2008.

RIDENTI, Sandra. A Desigualdade de Gênero nas Relações Parentais: o Exemplo da Custódia dos Filhos. In ARILHA, Margareh. RIDENTI, Sandra e MEDRADO, Benedito. (Orgs). *Homens e Masculinidades - Outras Palavras*. São Paulo: Ed. 34 / ECOS, 1998.

RIO GRANDE DO NORTE. SEPLAN; IDEC. *Potencialidades/Oportunidades do Rio Grande do Norte*. Natal: 1991.

RIESMAN, David (1995). *A multidão solitária: um estudo da mudança do caráter americano*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: CARVALHO, Renata do Carmo Brant de (Org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Educação, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia. A Criação de Filhos Pequenos: Tendências e Ambiguidades Contemporâneas, In RIBEIRO E RIBEIRO, *Famílias em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. 2ª ed. reformulada. São Paulo: Ediouro, 2003. (Clássicos de Ouro Ilustrados).

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Prefácio de Antônio Cândido de Melo e Souza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SALEM, Tânia. *O Velho e o Novo: um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SALLES, Vania. *Novos Olhares sobre a Família*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. v. 11, nº 2, 2º sem., 1994.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A Família Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *A Família no Brasil: História e Historiografia*. HISTÓRIA REVISTA. Goiânia, II (2), jul/dez.1997, p. 7-21.

_____. Tendências Atuais da História da Família no Brasil. In: *Pensando a Família no Brasil: da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

SANDY, Peggy Reeves. A Reprodução do Matriarcado na Antropologia Feminista. In: GERGEN, M. M. (Org.) *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. São Paulo, 1993.

SANTOS, N. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SARACENO, Chiara; NALDINI, M. *Sociologia da família*, Lisboa: estampa, 2003.

SARTI, Cynthia. Família e Individualidade: Um Problema Moderno. In: CARVALHO, Renata do Carmo Brant de (Org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Educação, 1995.

_____. O Valor da Família para os Pobres. In: RIBEIRO E RIBEIRO. *Famílias em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

SCOTT, Russel Parry. *A etnografia da família de camadas médias e de pobres urbanos: Trabalho, Poder e a Inversão do Público e do Privado*. Revista de Antropologia – Pesquisando Gênero e Família. Recife, v. 1, n. 2, 1996, p. 142-160.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICA PARA AS MULHERES. Relatório CEDAW/ONU. Brasília, 2003.

SECRETARIA ESPECIAL DO CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Conferência de Concertação. *Gênero e Raça: um Diálogo Necessário no Trabalho e na Cultura*. Brasília (mimeo), 2003.

SEGATO, Jean. *Um Local-Global, Um Global-Local: Eu, a Cidade de Lontras e o Orkut*. GrupCiber - PPGASIUFSC, Brasil, 2008.

SEGATTO, Rita Laura. *Os Percursos do Gênero na Antropologia e para Além dela*. Sociedade e Estado. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2º sem. 1997.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro;São Paulo: Record, 2001.

SILVA, Ana Paula da.; BLANCHETTE, Thadeus. *Nossa senhora do Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana*. CADERNOS PAGU (25), Mercado do Sexo, p. 249-281, 2005.

_____. Um Olhar sobre o Masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade, 2005. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.) *Os Novos Desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIMMEL, George. "A Metrópole e a Vida Mental" In: VELHO, Otavio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SINGLY, François. Le Modèle Singulier de la Famille Contemporaine. In NEYRAND, Gerard. *La Famille Malgré Tout*. Paris: Panoramiques, 1996.

SOLOMON, Robert. C. *O amor: reinventando o romance em nossos dias*. São Paulo: Saraiva, 1992.

SORJ, Bila. *Novo Paradigma Feminista ou Sociologia das Teorias Feministas?* Mimeo: ANPOCS, 1997.

_____. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e da Pós-Modernidade. In: BRUSCHINI, Renata C. A. e COSTA, Albertina de Oliveira.(Org.) *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SOUSA, João; COUTO, Márcia. *Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica*. CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS. v. 15, n. 2, Recife, jul./dez. 1999.

SOUTO MAIOR, Heraldo. *Durkheim e a família* - Da "Introdução à Sociologia da Família" à "Família Conjugal". Trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambú-MG, 27-31out. 1998.

SOUZA, Itamar de. *Migrações para Natal*. Natal: UFRN, 1976.

SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado em antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 1992.

TORRES, Anália Cardoso. *A Individualização do feminino, o casamento e o amor*. In: Peixoto Clarice Ehlers; Singly, François de; Chiccell, Vincenzo (orgs.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000. 135 p.

_____. *Casamento em Portugal*. Uma análise Sociológica. Oeiras: Celta Editora, 2002.

_____. *Casamento e Gênero: mudanças nas famílias contemporâneas a partir do caso Português*. REVISTA INTERSEÇÕES 3 (Rio de Janeiro), 2004.

TRIGO, Luiz Gonzaga G. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas: Papirus, 1993.

TRUONG, T. Sex, Money and Morality. Zed Books, London, 1990, citado in: PETTMAN, Jan Jindy: “*Body Politics. International Sex Tourism*”, Third World Quarterly, v. 18, n. 1, p. 93-108, 1997.

VAISTMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Poderes, Produtos, Paixões: o Movimento Afro-cultural numa cidade Baiana*. REVISTA ETNOGRÁFICA, v. 3, n. 1, CEAS, ISCTE, 1998.

VELHO, Gilberto. A Busca de Coerência: Coexistência e Contradições entre Códigos em Camadas Médias Urbanas. In: FIGUEIRA, S.A. (Org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Individualismo e Cultura*. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VENTURI, Gustavo, RECAMAN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VERO, Judith. *Alma Estrangeira: pequenas histórias de húngaros no Brasil – processos Identitários*. São Paulo: Agora, 2003.

VIANA, Cláudia.; et al. *O Uso Analítico do Gênero: Balanço Crítico de Estudos contemporâneos*, Mimeo, 1996.

WEBER, M. A “*objetividade*” do conhecimento na ciência social e na ciência política. In WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. v. 1, 4 ed. [Trad. Augustin Wernet]. São Paulo: Cortez/Ed. da UNICAMP, Parte 1, 2001.

_____. Religião e Racionalidade Econômica. In: COHN, Gabriel. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996.

XAVIER, Maria. *Redescobrindo o Brasil: Processos Identitários de Brasileiros em Portugal*. Observatório da Imigração, Coleção Teses, nº 10, ACIDI, 2007.

YANNOULAS, Silvia Cristina. *Iguais mas não Idênticos*. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Rio de Janeiro, 1^o sem. 1994.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. *Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.